

Exercício 1

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando pensamos em **EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS NO EXTERIOR**, automaticamente relacionamos o tema aos melhores aspectos positivos possíveis, como a vivência na língua, na cultura, na culinária, entre outros. Contudo, há outros aspectos relevantes – positivos e negativos – que a atividade deseja também abordar. Somos seres humanos em construção e interligados pela intensa globalização do século XXI. Assim, a escolha desse tema se dá pelo desejo de acrescentar reflexões importantes ao cotidiano de nossos jovens estudantes.

Texto

Brasileira ganha bolsa para estudar em Harvard

Uma gonçalense de 18 anos é a única estudante brasileira aprovada para estudar na Universidade de Harvard, nos EUA, este ano. E com bolsa integral.

Uma gonçalense de 18 anos é a única estudante brasileira aprovada para estudar na Universidade de Harvard, no EUA, este ano. E com bolsa integral. A façanha de Flávia Medina da Cunha é considerada tão especial que será tema de palestra de orientadores educacionais, nesta quarta-feira de manhã (19 de agosto de 2009), no auditório do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Na mesma época dos exigentes exames para Harvard, ela passou nos vestibulares da UFRJ, UFF e UERJ e na prova de admissão da Academia da Força Aérea (AFÃ). "Estudei tantas horas que perdi a conta de quantas", confessa Flávia, que vai cursar Engenharia Química. Ela já havia começado o curso na UFRJ.

Fã da obra de Machado de Assis, ela precisou se debruçar sobre livros especializados na cultura norte-americana. Flávia obteve ainda 90% de bolsa na Universidade da Pensilvânia. "Fiquei na lista de esperada Yale University, Duke University, Rice University e Tufts", enumerou Flávia, cujos dois irmãos estudam na Escola Naval. Os pais, que são professores, estão orgulhosos, mas não escondem a preocupação. "O coração está apertado, mas ela é perseverante e carismática", conta a mãe, Gilza da Cunha, 57 anos. Em Harvard, a estudante terá alojamento, refeição e receberá US\$ 3mil (R\$ 5,3 mil) por mês, além da oportunidade de emprego no campus. Flávia embarca hoje à noite no voo 860 da United Airlines. Na bagagem, a bandeira do Brasil e a medalha de Santo Antônio. No coração, a saudade de casa. "Não vou chorar", avisa Flávia. "Muita gente sonha em ir à Disney e realiza o sonho. Por que não sonhar em aprimorar os conhecimentos no exterior?", lança o desafio o gerente de pesquisas do escritório da Harvard no Brasil, Tomás Amorim. (...)

(Adaptado de [https://www.mundovestibular.com.br/vestibular/noticias/brasileira-](https://www.mundovestibular.com.br/vestibular/noticias/brasileira-ganha-bolsa-para-estudar-em-harvard/)

[ganha-bolsa-para-estudar-em-harvard/](#). Acessado em: 02/09/2020)

(G1 - cmrj 2021) Em "Por outro lado, inicialmente eu achei difícil me **adaptar** à cultura estadunidense", apesar de não ser um profissional da língua portuguesa, o autor do texto utilizou a regência correta do verbo destacado.

Das alternativas a seguir, apenas uma delas segue a norma-padrão da língua. Assinale-a.

- a) Já faz mais de dois meses que não paga a secretária.
- b) Desde muito jovem, Solano namorava com várias meninas ao mesmo tempo.
- c) A torcida não cansava de assistir os gols da seleção brasileira.
- d) A traição implica sérios prejuízos para a relação.
- e) Prefiro os sinceros ignorantes do que os falsos educados.

Exercício 2

(G1 - col. naval 2020) Assinale a opção na qual a regência do verbo em destaque está de acordo com a modalidade padrão.

- a) Os criadores das fake news, em todo o mundo, não obedecem nenhuma regra que prime pela ética e pelo respeito aos cidadãos.
- b) Notícias, sejam elas de que natureza forem, tornam-se importantes e necessárias apenas quando servem o bem comum.
- c) Todos aspiramos a um mundo no qual a verdade, a transparência e o respeito estejam a serviço da humanidade.
- d) Pessoas que não pesquisam a origem das notícias pagam a altos preços quando acreditam e divulgam fake news.
- e) Não esqueça de conferir se as notícias que serão postadas em suas mídias contemplarão a informação relevante e digna.

Exercício 3

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Em 1934, um redator de Nova York chamado Robert Pirosh largou o emprego bem remunerado numa agência de publicidade e rumou para Hollywood, decidido a trabalhar como roteirista. Lá chegando, anotou o nome e o endereço de todos os diretores, produtores e executivos que conseguiu encontrar e enviou-lhes o que certamente é o pedido de emprego mais eficaz que alguém já

escreveu, pois resultou em três entrevistas, uma das quais lhe rendeu o cargo de roteirista assistente na MGM.

Prezado senhor:

Gosto de palavras. ¹Gosto de palavras gordas, untuosas, como lodo, torpitude, glutinoso, bajulador. Gosto de palavras solenes, como pudico, ranzinza, pecunioso, valetudinário. ²Gosto de palavras espúrias, enganosas, como mortício, liquidar, tonsura, mundana. Gosto de suaves palavras com “V”, como Svengali, avesso, bravura, verve. Gosto de palavras crocantes, quebradiças, crepitantes, como estilha, croque, esbarrão, crosta. ³Gosto de palavras emburradas, carrancudas, amuadas, como furtivo, macambúzio, escabioso, sovina. ⁴Gosto de palavras chocantes, exclamativas, enfáticas, como astuto, estafante, requintado, horrendo. Gosto de palavras elegantes, rebuscadas, como estival, peregrinação, Elísio, Alcíone. Gosto de palavras vermiformes, contorcidas, farinhentas, como rastejar, choramingar, guinchar, gotejar. Gosto de palavras escorregadias, risonhas, como topete, borbulhão, arroto. Gosto mais da palavra roteirista que da palavra redator, e por isso resolvi largar meu emprego numa agência de publicidade de Nova York e tentar a sorte em Hollywood, mas, antes de dar o grande salto, fui para a Europa, onde passei um ano estudando, contemplando e perambulando.

Acabei de voltar e ainda gosto de palavras.

Posso trocar algumas com o senhor?

Robert Pirosh
Madison Avenue, 385
Quarto 610
Nova York
Eldorado 5-6024.

(USHER, Shaun. (Org) *Cartas extraordinárias*: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.p. 48.)

3. (Epcar (Afa) 2020) Abaixo, são feitas algumas afirmações que tomaram como referência o texto:

I. “Gosto mais da palavra roteirista que da palavra redator” pode ser substituída corretamente por ‘Gosto mais da palavra roteirista do que da palavra redator.’

II. A palavra “vermiformes”, na sua etimologia, quer dizer aquilo que mata as formas dos vermes.

III. Em “perambulando” (do verbo perambular), o sentido é andar sem rumo, vagar. Nos substantivos “ambulância” e “ambulante” existe também a ideia de movimento.

IV. Em “Gosto de palavras”, o mesmo verbo “gostar” tem sentido e regência diferentes do apresentado na frase: “E o homem angustiado gostou o pão e gostou o vinho...”

Estão corretas

a) III e IV apenas.

b) II e IV apenas.

c) I, III e IV apenas.

d) I e II apenas.

Exercício 4

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Não é um dado natural, mas sim uma construção. Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente. O processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também na releitura desses vestígios.

(Jacques Le Goff)

Colecionar fotos é colecionar o mundo. As fotos são, de fato, experiência capturada, e ¹a câmera é o braço ideal da consciência, ²em sua disposição aquisitiva. ³Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, ⁴mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir.

Fotos, que enfeixam o mundo, parecem solicitar que as enfeixemos também. São afixadas em álbuns, emolduradas e expostas em mesas, pregadas em paredes, projetadas como diapositivos. Por meio de fotos, ⁵cada família constrói uma crônica visual de si mesma — um conjunto portátil de imagens que dá ⁶testemunho de sua coesão. Um álbum de fotos de família é, em geral, um álbum sobre a família ampliada — e, muitas vezes, o que dela resta.

⁷Assim como ⁸as fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal, ⁹também as ajudam a tomar posse de um espaço ¹⁰em que se acham inseguras.

(SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 14-5 e 19. Texto adaptado.)

Vocabulário

Diapositivo: imagem positiva, estática e translúcida, de modo geral em película, e que se pode projetar; imagem fotográfica.

Enfeixar: amarrar ou prender em feixe; colocar junto; juntar; reunir.

G1 - cmrj 2020) Na oração “as fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal” (referência 8), o verbo apresenta uma regência equivalente à que ocorre em

a) “a câmera é o branco ideal da consciência.” (referência 1)

b) “Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo.” (referência 3)

c) “cada família constrói uma crônica visual de si mesma.” (referência 5)

d) “também as ajudam a tomar posse de um espaço.” (referência 9)

e) “em que se acham inseguras” (referência 10)

Exercício 5

(G1 - ifpe 2019) Considerando que a transitividade verbal trata do tipo de relação que um verbo estabelece com seu(s) complemento(s), analise o trecho em destaque e, em seguida, assinale a alternativa cujo verbo sublinhado possui igual regência.

Chico Mendes não sobreviveu aos ataques sofridos.

a) O Brasil possui uma das principais fronteiras agrícolas do planeta.

b) Em geral, consumimos produtos contaminados.

c) Empresas indenizaram cerca de mil trabalhadores.

d) O ambientalista não cedeu aos constrangimentos.

e) O consumidor mais informado consome produtos orgânicos.

Exercício 6

(Eear 2019) Leia:

I. Fábio aspirou o perfume das flores.

II. O candidato aspirava a tal vaga do processo seletivo.

Em função da regência do verbo “aspirar”, considerando a norma gramatical, marque a alternativa correta.

a) As sentenças I e II estão corretas, porém, em II, é possível apagar a preposição “a”, posposta ao verbo “aspirava”, mantendo a correção gramatical e o sentido do enunciado.

b) A sentença I está correta. A sentença II apresenta erro de regência percebido pela presença da preposição “a”, indevidamente colocada após o verbo.

c) As sentenças I e II estão corretas. Ambas as regências do verbo “aspirar” estão de acordo com a norma gramatical.

d) Somente a sentença II está correta. Houve erro de regência verbal na sentença I.

Exercício 7

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Sons que confortam

Martha Medeiros

¹Eram quatro da manhã quando seu pai sofreu um colapso cardíaco. ²Só estavam os três na casa: o pai, a mãe e ele, um garoto de 13 anos. Chamaram o médico da família. ³E aguardaram. E aguardaram. E aguardaram. ⁴Até que o garoto escutou um barulho lá fora. É ele que conta, hoje, adulto: ⁵Nunca na vida ouvira um som mais lindo, mais calmante, do que os

pneus daquele carro amassando as folhas de outono empilhadas junto ao meio-fio.

⁶Inesquecível, para o menino, foi ouvir o som do carro do médico se aproximando, o homem que salvaria seu pai. Na mesma hora em que li esse relato, imaginei um sem-número de sons que nos confortam. A começar pelo choro na sala de parto. Seu filho nasceu. E o mais aliviante para pais que possuem adolescentes baladeiros: ⁷o barulho da chave abrindo a fechadura da porta. Seu filho voltou.

E pode parecer mórbido para uns, masoquismo para outros, mas há quem mate a saudade assim: ouvindo pela enésima vez ⁸o recado na secretária eletrônica de alguém que já morreu.

Deixando a categoria dos sons magnânimos para a dos sons cotidianos: a voz no alto-falante do aeroporto dizendo que a aeronave já se encontra em solo e o embarque será feito dentro de poucos minutos.

⁹O sinal, dentro do teatro, avisando que as luzes serão apagadas e o espetáculo irá começar.

O telefone tocando exatamente no horário que se espera, conforme o combinado. ¹⁰Até a musiquinha que antecede a chamada a cobrar pode ser bem-vinda, se for grande a ansiedade para se falar com alguém distante.

O barulho da chuva forte no meio da madrugada, quando você está no quentinho da sua cama.

Uma conversa em outro idioma na mesa ao lado da sua, provocando a falsa sensação de que você está viajando, de férias em algum lugar estrangeiro. E estando em algum lugar estrangeiro, ouvir o seu idioma natal sendo falado por alguém que passou, fazendo você lembrar que o mundo não é tão vasto assim.

¹¹O toque do interfone quando se aguarda ansiosamente a chegada do namorado. Ou mesmo a chegada da pizza.

O aviso sonoro de que entrou um torpedo no seu celular.

¹²A sirene da fábrica anunciando o fim de mais um dia de trabalho.

¹³O sinal da hora do recreio.

¹⁴A música que você mais gosta tocando no rádio do carro. Aumente o volume.

O aplauso depois que você, nervoso, falou em público para dezenas de desconhecidos.

¹⁵O primeiro eu te amo dito por quem você também começou a amar.

E o mais raro de todos: o silêncio absoluto.

MEDEIROS, Martha. *Feliz por nada*. São Paulo: L&PM Editores, 2011.

(Uece 2019) Em função de uma linguagem mais simples e coloquial, a crônica, muitas vezes, pode “desrespeitar” a norma gramatical própria do uso culto da escrita formal da língua, o que pode ser observado no texto de Martha Medeiros na seguinte passagem:

a) “Eram quatro da manhã quando seu pai sofreu um colapso cardíaco” (ref. 1), em que, gramaticalmente, o verbo “ser”, indicando tempo, não varia em número para concordar com “quatro da manhã”.

b) “Até a musiquinha que antecede a chamada a cobrar pode ser bem-vinda” (ref. 10), em que o verbo “anteceder” exige um complemento com preposição.

c) “A música que você mais gosta tocando no rádio do carro” (ref. 14), em que a regência do verbo “gostar” não é obedecida.

d) “O toque do interfone quando se aguarda ansiosamente a chegada do namorado” (ref. 11), em que a expressão “a chegada” deveria vir com o acento indicativo de crase, já que o verbo “aguardar” exige complemento com a preposição “a”, bem como o artigo que acompanha o substantivo é do gênero feminino.

Exercício 8

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras. O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o

sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

(Unesp 2018) “Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**.” (4º parágrafo)

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.

b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.

c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.

d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.

e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.

Exercício 9

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

¹– Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois da guerra. – Na Europa ²mataram ³milhões de judeus.

Contava as ⁴experiências que ⁵os médicos nazistas faziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, faziam-nas encolher – à maneira, li depois, dos índios Jivaros. ⁶Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos transplantes: uniam a metade superior de um homem _____¹_____ metade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um bode. ⁷Felizmente

⁸morriam ⁹essas atrozidades quimeras; ¹⁰expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como aberrações. (____2____ essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava ¹¹que a descrição das maldades nazistas me deixava comovido.) ¹²Em 1948 ¹³foi proclamado ¹⁴o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho – o melhor vinho do armazém –, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio, acompanhando ____3____ notícias da guerra no Oriente Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado: em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos, Guedali. Tipos esquisitos – aquilo me dava ideias. Por que não ir para Israel? ¹⁵Num país de gente tão estranha – e, ¹⁶ainda por cima, em guerra – eu certamente não chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pelas ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, ¹⁷varado de balas. ¹⁸Aquela, sim, era a ¹⁹morte que eu almejava, morte heroica, esplêndida justificativa para uma vida miserável, de monstro ²⁰encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num kibutz. Eu, que conhecia tão bem a vida numa fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do kibutz terminariam por me aceitar; numa nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

Adaptado de: SCLiar, M. *O centauro no jardim*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

(Ufrgs 2018) Se a forma verbal almejava fosse substituída por **aspirava** em *Aquela, sim, era a morte que eu almejava* (ref. 18), qual das alternativas abaixo estaria gramaticalmente correta?

- a) Aquela, sim, era a morte a que eu aspirava.
- b) Aquela, sim, era a morte para a qual eu aspirava.
- c) Aquela, sim, era a morte que eu aspirava.
- d) Aquela, sim, era a morte de que eu aspirava.
- e) Aquela, sim, era a morte com a qual eu aspirava.

Exercício 10

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Só o homem entediado terá chance de salvação num futuro de smartphones

João Pereira Coutinho

¹Assisto a conferências e a moda não engana: metade da sala (no mínimo) está com a cabeça enfiada em smartphones. Como seriam as conferências antigamente? O que fazia a audiência enquanto alguém falava no palanque? Provavelmente, escutava. Ou dormia. Ou dormia e escutava, em intervalos saudáveis.

Hoje, ninguém dorme. Duvido que alguém escute. O smartphone é o inimigo do tédio, ou da reflexão, proporcionando uma festa permanente.

Este seria o momento ideal para eu vestir a ²toga do moralista vulgar, lançando raios homéricos sobre a ³nefasta tecnologia. A data, aliás, seria a mais apropriada: o iPhone nasceu dez anos atrás e o dilúvio começou.

⁴Infelizmente, não posso pregar. Eu também faço parte do clube que prefere o smartphone ao velho e bom cochilo.

Especialistas diversos gostam de explicar a compulsão. ⁵É como uma droga, dizem eles: quando ⁶espreitamos as mensagens, o e-mail, as redes sociais, procuramos uma espécie de recompensa neurobiológica muito semelhante a um viciado.

⁷O problema se agrava quando somos privados da nossa dose – e eu sei, o leitor sabe, todos sabemos dessa miserável privação. Tempos atrás, esqueci-me do celular em casa e parti em viagem. Quando dei conta do estrago, uma inquietude foi crescendo com o passar das horas.

Ainda pensei em pedir ao companheiro do lado para me emprestar o smartphone dele. Só para eu ler as minhas mensagens. Ou até, sei lá, as mensagens dele. Qualquer coisa servia. ⁸Eu era como alguns alcoólatras que, na ausência de bebidas legais, começam a despejar perfume pela goela. Controlei-me. Telefonei para casa – de um telefone fixo, entenda – e pedi, com um último fôlego, que me lessem as novidades. Nenhuma delas era urgente, sequer interessante. Mas o corpo sossegou e mergulhou naquele estranho ⁹torpor que Thomas de Quincey relatou nas suas "Confissões de um Comedor de ¹⁰Ópio". Como se chegou até aqui?

Verdade: o tédio sempre foi o grande terror dos homens modernos. ¹¹Ter no bolso um aparelho que garante distração permanente é a melhor forma de afastar o fantasma. Acontece que o tédio tem as suas vantagens. O filósofo Mark Kingwell tem escrito sobre a matéria (...) Só o tédio, escreve ele, é capaz de sinalizar a existência de um problema entre nós e o mundo. O tédio é a "suspensão da suspensão" em que vivemos – uma forma terapêutica, e até brutal, de olharmos para a realidade sem fugas. E de agirmos em conformidade. Quando abolimos o tédio, e o "dom da escuta" que só ele oferece, desaparece uma parte da nossa humanidade – aquela parte que reflete, imagina ou cria. E que problematiza, critica, propõe. No futuro, não será apenas a audiência que estará mergulhada nas telas dos smartphones. Também suspeito que os próprios conferencistas, privados de pensar e sem nada para dizer, terão o mesmo comportamento.

¹²Imagino um encontro de silêncios, onde todos os presentes estarão ausentes – e só o homem entediado terá chance de salvação.

Disponível em
<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2017/06/18-so-o-homem-entediado-tera-chance-de-salvacao-num-futuro-de-smartphones.shtml>>. Último acesso em 06 de julho de 2017.
(Adaptado).

VOCABULÁRIO:

2. Toga – traje preto e comprido, usado por advogados e por professores catedráticos e doutorados em ocasiões especiais.
3. Nefasto – nocivo, prejudicial, perverso, trágico, mau.
6. Espreitar – espiar, olhar demorada e fixamente.
9. Torpor – indiferença ou apatia moral; indolência, prostração.
10. Ópio – narcótico, droga que provoca adormecimento.

10. (G1 - cmrj 2018) O autor do texto escreve sua crônica praticamente toda de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa. Um exemplo claro é a regência do verbo assistir, adequadamente aplicada na frase transcrita abaixo:

“Assisto a conferências e a moda não engana”. (ref. 1)

Marque a única opção que obedece à norma padrão quanto à regência verbal ou nominal nas frases que seguem.

a) Consumidores preferem mais smartphones do que celulares convencionais.

b) Hoje todas as músicas que as pessoas gostam podem ser acessadas no celular, por exemplo, pelo Spotify.

c) Os smartphones também são usados para assistir vídeos no Youtube.

d) O medo ao tédio leva muitas pessoas a se manterem conectadas todo o tempo em que estão acordadas.

e) Hoje professores pedem constantemente a seus alunos que deixem o celular e participem das aulas.

Exercício 11

(Espcex (Aman) 2017) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do pronome relativo.

a) Aquele era o homem do qual Miguel devia favores.

b) Eis um homem de quem o caráter é excepcional.

c) Refiro-me ao livro que está sobre a mesa.

d) Aquele foi um momento onde eu tive grande alegria.

e) As pessoas que falei são muito ricas.

Exercício 12

(G1 - ifsp 2017) De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e com a gramática normativa e tradicional, quanto à regência nominal, assinale a alternativa **incorreta**.

a) A opinião pública se encheu de cólera contra a corte.

b) A hospedagem aos congressistas ficou a cargo do reitor.

c) Eliana é atenciosa com os colegas.

d) Lucas deixou o cachorro atado por um poste.

e) Antônio é leigo em astrofísica.

Exercício 13

(Eear 2017) Leia:

I. Encontrei a pessoa certa.

II. Falei sobre os olhos dela.

Ao unir as duas orações, subordinando a II a I, mantendo o mesmo sentido que cada uma apresenta e usando adequadamente os pronomes relativos, tem-se:

a) Encontrei a pessoa certa sobre cujos os olhos dela falei.

b) Encontrei a pessoa certa sobre os olhos dela falei.

c) Encontrei a pessoa certa sobre cujos olhos falei.

d) Encontrei a pessoa certa cujos olhos falei.

Exercício 14

(G1 - ifsp 2017) De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e com a gramática normativa e tradicional, quanto à regência verbal, assinale a alternativa **incorreta**.

a) Aspiramos o ar poluído da carvoaria.

b) Apenas um sorvete não apetece o menino.

c) Custava-me lutar contra a ideia do trabalho infantil.

d) Lembro-me de que vimos os meninos encarapitados nas alimárias.

e) Não pagaram o salário ao carvoeiro?

Exercício 15

(G1 - ifal 2017) Assinale a opção em que o verbo **visar** foi usado em desconformidade com as regras de regência.

a) Com aquele dinheiro **visava** a compra de um automóvel.

b) Sua campanha **visou** a conquistar os eleitores indecisos.

c) **Visava** àquela nomeação havia anos.

d) O professor **visou** as provas de seus alunos.

e) O atirador **visara** bem o alvo sobre o muro.

Exercício 16

(G1 - col. naval 2020) Assinale a opção na qual a regência do verbo em destaque está de acordo com a modalidade padrão.

a) Os criadores das fake news, em todo o mundo, não obedecem nenhuma regra que prime pela ética e pelo respeito aos cidadãos.

b) Notícias, sejam elas de que natureza forem, tornam-se importantes e necessárias apenas quando servem o bem comum.

c) Todos aspiramos a um mundo no qual a verdade, a transparência e o respeito estejam a serviço da humanidade.

d) Pessoas que não pesquisam a origem das notícias pagam a altos preços quando acreditam e divulgam fake news.

e) Não esqueça de conferir se as notícias que serão postadas em suas mídias contemplarão a informação relevante e digna.

Exercício 17

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Não é um dado natural, mas sim uma construção. Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente. O processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também na releitura desses vestígios.

(Jacques Le Goff)

Colecionar fotos é colecionar o mundo. As fotos são, de fato, experiência capturada, e ¹a câmera é o braço ideal da consciência, ²em sua disposição aquisitiva. ³Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, ⁴mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir.

Fotos, que enfeixam o mundo, parecem solicitar que as enfeixemos também. São afixadas em álbuns, emolduradas e expostas em mesas, pregadas em paredes, projetadas como diapositivos. Por meio de fotos, ⁵cada família constrói uma crônica visual de si mesma — um conjunto portátil de imagens que dá ⁶testemunho de sua coesão. Um álbum de fotos de família é, em geral, um álbum sobre a família ampliada — e, muitas vezes, o que dela resta.

⁷Assim como ⁸as fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal, ⁹também as ajudam a tomar posse de um espaço ¹⁰em que se acham inseguras.

(SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 14-5 e 19. Texto adaptado.)

Vocabulário

Diapositivo: imagem positiva, estática e translúcida, de modo geral em película, e que se pode projetar; imagem fotográfica.

Enfeixar: amarrar ou prender em feixe; colocar junto; ajuntar; reunir.

(G1 - cmrj 2020) Na oração “as fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal” (referência 8), o verbo apresenta uma regência equivalente à que ocorre em

a) “a câmera é o branco ideal da consciência.” (referência 1)

b) “Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo.” (referência 3)

c) “cada família constrói uma crônica visual de si mesma.” (referência 5)

d) “também as ajudam a tomar posse de um espaço.” (referência 9)

e) “em que se acham inseguras” (referência 10)

Exercício 18

(Ufrpr 2019) É verdade que na Alemanha (da mesma forma que em outros países europeus) sempre existiram ressentimentos xenófobos e antissemitas, como também grupos e partidos de extrema direita. Não são fenômenos novos. A novidade desses últimos anos é o exibicionismo desavergonhado _____ são manifestadas em público essas posturas desumanas, o desenfreio _____ se assedia e se fustiga nas ruas os que têm aspecto, crenças e uma forma de amar diferentes dos da maioria. A novidade é o consenso social _____ é tolerável dizer e o que deve continuar sendo intolerável.

(<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/21/opinion/1537548764_065id_externo_rsoc=FB_BR_CM>.)

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas acima, na ordem em que aparecem no texto.

a) com que – que – sob aquilo.

b) onde – quanto ao que – sob o que.

c) em que – que – sobre que.

d) com o qual – com o qual – sobre o que.

e) que – onde – sobre o qual.

Exercício 19

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

22 de maio

¹Eu hoje estou triste. ²Estou nervosa. ³Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos.

⁴Cosinhei as batatas, eles comeram. ⁵Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros.

Zanguei com ele. ⁶Onde já se viu favelado com estas finezas?

... Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. ⁷Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que ⁸ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste ⁹viludo e seda e calça

meias de algodão que é a favela.

...O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. ¹⁰Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

¹¹– Mamãe, ¹²vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa.

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver meus filhos passar fome eu fui pedir auxílio ao ¹³propalado Serviço Social. Foi lá que ¹⁴eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver ¹⁵os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. ¹⁶A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, pp. 41 e 42.

4. (Udesc 2019) Relacione as duas colunas pautando a transgressão, quanto à língua formal culta, identificada no texto apresentado.

1. “Cosinhei as batatas” (ref. 4)
2. “Dura é a cama que dormimos” (ref. 7)
3. “vende eu para Dona Julita” (ref. 12)
4. “eu vi as lágrimas” (ref. 14)
5. “os dramas que ali se desenrola” (ref. 15)

- () acentuação gráfica
() regência verbal
() concordância verbal
() ortografia
() emprego inadequado do pronome reto

Assinale a alternativa que contém a sequência **correta**, de cima para baixo.

- a) 4 – 5 – 2 – 1 – 3
- b) 5 – 2 – 3 – 1 – 4
- c) 2 – 1 – 4 – 3 – 5
- d) 4 – 2 – 5 – 1 – 3
- e) 4 – 5 – 2 – 3 – 1

Exercício 20

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

DE MAVIOSO ENCANTO

¹Eu vi um beija-flor.

²De manhã reuni a família ao redor da mesa do café e disse: Gente, vou contar uma coisa importante e vocês precisam acreditar em mim. Hoje, enquanto vocês dormiam, vi um beija-flor no terraço.

Foi assim. ³Era de madrugada e acordei chamada pela sede. ⁴Mas o dia me pareceu tão novo que parei de olhar. ⁵E de repente, lá estava ele tecendo entre as flores a rede de seus voos.

⁶Um beija-flor de verdade em 1972, um beija-flor vivo numa cidade de 6 milhões de habitantes.

Ficaram pasmos. ⁷Mas me amavam e acreditaram em mim.

⁸Minha filha pediu que o descrevesse, pediu que o desenhasse e que o pintasse com todas as cores dos seus lápis. Meu marido comoveu-se, eu era uma mulher que ⁹tinha visto um beija-flor, e era dele. ¹⁰Beijou-me na testa. As domésticas foram convocadas para participar da alegria, mas, pessoas de pouca fé, se entreolharam descrentes. As amigas às quais telefonamos me deram parabéns; afinal, eram amigas. A novidade habitou minha casa.

A notícia correu. Verdade, Marina, que você viu um beija-flor? E eu modesta mas banhada de graça, verdade. Ligaram do jornal. Alô, Marina, a que horas? Que cor? De que tamanho? E você tem certeza? Alguém mais viu? Olha gente, não quero fazer declarações. Sei que parece estranho, mas eu vi. A hora não sei bem, nem o tamanho, não medi. ¹¹Sei que era um beija-flor feito os de antigamente, com asas, bico, tudo. Um beija-flor de penas. Fotos? Não tenho, não falei com ele.

¹²Vieram ver o terraço, mediram tudo, controlaram os ventos, ¹³aspiraram as flores. E chegaram à conclusão de que não, não era possível, nenhum beija-flor ¹⁴havia estado ali.

COLASANTI, Marina. *Crônicas para jovens*, 1ª ed. São Paulo: Global, 2012, pp. 23 e 24.

5. (Udesc 2019) Analise as proposições em relação à crônica *De Mavioso Encanto*, Marina Colasanti e assinale (V) para verdadeira e (F) para falsa.

() Da leitura do período “Mas me amavam e acreditaram em mim” (ref. 7), infere-se que os familiares, mesmo surpresos e duvidosos com a notícia, deixaram que o amor fosse mais forte que a dúvida.

() Em “Mas me amavam” (ref. 7) e “Beijou-me na testa” (ref. 10), quanto à colocação pronominal, têm-se próclise e ênclise, sequencialmente, porém, na segunda oração, o pronome pode estar também proclítico e, mesmo assim, mantém-se a língua culta e a correção gramatical.

() No período “Minha filha pediu que o descrevesse, pediu que o desenhasse e que o pintasse com todas as cores” (ref. 8) as palavras destacadas são, sequencialmente, na morfossintaxe, pronome pessoal/ objeto direto; pronome pessoal/ objeto direto; pronome pessoal/ objeto direto e artigo definido/ adjunto adnominal.

() A estrutura “Sei que era um beija-flor feito os de antigamente” (ref. 11) revela que o beija-flor, devido ao avanço da civilização, sofreu mudanças e portanto diferente do beija-flor conhecido em outra época.

() O verbo aspirar em “aspiraram as flores” (ref. 13), quanto à regência, classifica-se como transitivo direto e o vocabulário *flores*, sintaticamente, é objeto direto. Substituindo-se o objeto direto pelo pronome pessoal oblíquo tem-se: aspiraram-*nas*.

Assinale a alternativa **correta**, de cima para baixo.

a) F – F – F – V – V

b) V – V – F – V – F

c) F – F – V – V – V

d) V – F – F – F – V

e) V – F – V – F – V

Exercício 21

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

Cena 1

¹Em uma madrugada ²chuvosa, um trabalhador residente em São Paulo ³acorda, ao ⁴amanhecer, às cinco ⁵horas, toma ⁶rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro, acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto até o trabalho. ⁷Mas, em um desses inúmeros dias, ouve pelo rádio que ⁸uma das avenidas de sua habitual rota está totalmente congestionada. A partir dessa informação e ⁹enquanto dirige, o trabalhador inicia um processo mental analítico para escolher uma rota alternativa que o faça chegar _____1_____ empresa no horário de sempre.

¹⁰Para decidir sobre essa nova rota, ele deverá considerar¹¹: a nova distância a ser percorrida, o tempo gasto no deslocamento, a quantidade de cruzamentos existentes em cada rota, em qual das rotas encontrará chuva e em quais rotas passará por áreas sujeitas a alagamento.

Cena 2

¹²Mais tarde no mesmo dia, um casal residente na mesma cidade obtém financiamento imobiliário e ¹³decide pela compra de um apartamento. São inúmeras opções de imóveis à venda. Para a escolha adequada do local de sua morada em São Paulo, o casal deverá levar em conta, além do valor do apartamento, também outros critérios¹⁴: variação do preço dos imóveis por bairro, distância do apartamento até a escola dos filhos pequenos, tempo gasto entre o apartamento e o local de emprego do casal, preferência por um bairro tranquilo e existência de linha de ônibus integrada ao metrô nas proximidades do imóvel – entre outros critérios.

Essas duas cenas urbanas descrevem situações comuns _____2_____ passam diariamente muitos dos cidadãos residentes em grandes cidades. ¹⁵As ¹⁶protagonistas têm em comum a angústia de tomar uma decisão complexa, ¹⁷escolhida dentre várias possibilidades oferecidas pelo espaço geográfico. Além de mostrar que a geografia é vivida no cotidiano, as duas cenas mostram também que, para tomar a decisão que _____3_____ seja mais conveniente, nossas ¹⁸protagonistas deverão realizar, primeiramente, uma ¹⁹análise geoespacial da cidade. Em ambas as cenas, essa análise se desencadeia a partir de um sistema cerebral composto de ²⁰informações geográficas representadas internamente na forma de mapas mentais que induzirão as três protagonistas a tomar suas decisões. Em cada cena podemos visualizar uma pergunta espacial. Na primeira, o trabalhador pergunta: ²¹“qual a melhor rota a seguir, desde este ponto onde estou até o local de meu trabalho, neste horário de segunda-feira?” Na segunda, o questionamento seria: “qual é o lugar da

cidade que reúne todos os critérios geográficos adequados à nossa moradia?”

²²A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, enquanto a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial.

²³A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de outras perguntas ²⁴similares, em computador, _____4_____ respostas dependem da organização espacial de informações geográficas em um determinado tempo. Dada a complexidade dos modelos, muitas técnicas de análise geoespacial foram transformadas em linguagem computacional e reunidas, posteriormente, em um sistema de informação geográfica. Esse fato geotecnológico contribuiu para a ²⁵popularização da análise geoespacial realizada em computadores²⁶, que atualmente é simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. *Iniciação à análise geoespacial: teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento*. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

(Ufrgs 2019) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 1, 2, 3 e 4, nessa ordem.

a) a – as quais – lhe – em que as

b) à – com as quais – lhes – das quais as

c) à – que – os – cuja

d) a – por que – lhe – de que as

e) à – pelas quais – lhes – cujas

Exercício 22

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.



Disponível em: <<http://opsquebrou.blogspot.com/2012/08/respeito-terceira-idade.html>>. Acesso em: 01 out. 2018.

(G1 - ifpe 2019) Em um dos balões presentes no texto, há a seguinte sentença: “Queremos dignidade e cuidados”. Assinale a

alternativa na qual o verbo destacado possui igual regência a do que aparece sublinhado acima.

a) Ricardo Moraes preferiu trocar a desaceleração de uma vida inteira de trabalho pelo desafio de recomeçar.

b) E eles me ensinam muito sobre tecnologia.

c) O jornalista Ricardo Moraes tinha um sonho.

d) Eu gosto de organização e de excelente atendimento ao cliente.

e) Essa empresa prefere os funcionários idosos aos jovens.

Exercício 23

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras. O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo,

vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

(Unesp 2018) “Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**.” (4º parágrafo)

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.

b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.

c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.

d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.

e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.

Exercício 24

(Espcex (Aman) 2017) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do pronome relativo.

a) Aquele era o homem do qual Miguel devia favores.

b) Eis um homem de quem o caráter é excepcional.

c) Refiro-me ao livro que está sobre a mesa.

d) Aquele foi um momento onde eu tive grande alegria.

e) As pessoas que falei são muito ricas.

Exercício 25

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A épica narrativa de nosso caminho até aqui

Quando viajamos para o exterior, muitas vezes passamos pela experiência de aprender mais sobre o nosso país. Ao nos depararmos com uma realidade diferente ¹daquela em que estamos imersos cotidianamente, o estranhamento serve de alerta: deve haver uma razão, um motivo, para que as coisas funcionem em cada lugar de um jeito. Presentes diferentes só

podem resultar de passados diferentes. Essa constatação pode ser um poderoso impulso para conhecer melhor a nossa história. Algo assim vem ocorrendo no campo de estudos sobre o Sistema Solar. O florescimento da busca de planetas extrassolares – aqueles que orbitam em torno de outras estrelas – equivaleu a dar uma espiadinha no país vizinho, para ver como vivem “seus habitantes”. Os resultados são surpreendentes. Em certos sistemas, os planetas estão tão perto de suas estrelas que completam uma órbita em poucos dias. Muitos são gigantes feitos de gás, e alguns chegam a possuir mais de seis vezes a massa e quase sete vezes o raio de Júpiter, o grandalhão do nosso sistema. Já os nossos planetas rochosos, classe em que se enquadram Terra, Mercúrio, Vênus e Marte, parecem ser mais bem raros do que imaginávamos a princípio.

A constatação de que somos quase um ponto fora da curva (pelo menos no que tange ao nosso atual estágio de conhecimento de sistemas planetários) provocou os astrônomos a formular novas teorias para explicar como o Sistema Solar adquiriu sua atual configuração.² Isso implica responder perguntas tais como quando se formaram os planetas gasosos, por que estão nas órbitas em que estão hoje, de que forma os planetas rochosos surgiram etc.

Nosso artigo de capa traz algumas das respostas que foram formuladas nos últimos 15 a 20 anos. Embora não sejam consensuais, teorias como o Grand Tack, o Grande Ataque e o Modelo de Nice têm desfrutado de grande prestígio na comunidade astronômica e oferecem uma fascinante narrativa da cadeia de eventos que pode ter permitido o surgimento da Terra e, em última instância, da vida por aqui. [...]

(Paulo Nogueira, editorial de *Scientific American* – Brasil – nº 168, junho 2016.)

12. (Ufpr 2017) Considere a estrutura “daquela em que estamos imersos” (ref. 1) e compare-a com as seguintes:

1. o espaço _____ que moramos...
2. a organização _____ que confiamos...
3. a cidade _____ que almejamos...
4. os problemas _____ que constatamos nos relatórios...

Tendo em vista as normas da língua culta, a preposição “em” deveria preencher a lacuna em:

- a) 1 apenas.
- b) 1 e 2 apenas.
- c) 2 e 3 apenas.
- d) 1, 3 e 4 apenas.
- e) 2, 3 e 4 apenas.

Exercício 26

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Bruxas não existem

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona, que morava numa casinha caindo aos pedaços, no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de “bruxa”.

Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.

Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando “bruxa, bruxa!”. Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal, nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina.

– Vamos logo – gritava o João Pedro –, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

– Está quebrada – disse por fim. – Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. “Chame uma ambulância”, disse a mulher à minha mãe. Sorriu. Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

Moacyr Scliar. Disponível em:

<http://novaescola.org.br/fundamental-1/bruxas-nao-existem-689866.shtml>. Acesso em: 11/07/2016.

(Upe-ssa 2 2017) Considerando alguns dos aspectos formais do texto “Bruxas não existem”, analise as proposições a seguir.

a) No enunciado: “os cabelos pareciam palha” (2º parágrafo), a inversão do sujeito exigiria a concordância com o predicativo: “Parecia palha, os cabelos.”.

b) Para o trecho: “A quem pertencera esse animal, nós não sabíamos” (4º parágrafo), a regência verbal também estaria correta na seguinte construção: “De quem fora esse animal, nós não sabíamos”.

c) Para o trecho: “No momento exato em que conseguíamos introduzir o bode” (5º parágrafo), a regência verbal também estaria correta em: “No momento exato pelo qual conseguíamos introduzir o bode”.

d) No trecho: “Não se preocupe, sei fazer isso.” (8º parágrafo), a presença da vírgula anula o sentido de explicação que existe entre as duas orações.

e) A concordância verbal está em conformidade com a norma-padrão vigente, no seguinte enunciado: “Eu não acredito que hajam bruxas, mas há quem acredite que elas existem.”

Exercício 27

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

Encontros e Desencontros

Hoje, jantando num pequeno restaurante aqui perto de casa, pude presenciar, ao vivo, uma cena que já me tinham descrito. Um casal de meia idade se senta à mesa vizinha da minha. Feitos os pedidos ao garçom, o homem, bem depressinha, tira o celular do bolso, e não mais o deixa, a merecer sua atenção exclusiva. A mulher, certamente de saber feito, não se faz de rogada e apanha um livro que trazia junto à bolsa. Começa a lê-lo a partir da página assinalada por um marcador. Espichando o meu pescoço inconveniente (nem tanto, afinal as mesas eram coladinhas) deu para ver que era uma obra da Martha Medeiros.

Desse modo, os dois iam usufruindo suas gulodices, sem comentários, com algumas reações dele, rindo com ele mesmo com postagens que certamente ocorriam em seu celular. Até dois estranhos, postos nessa situação, talvez acabassem por falar alguma coisa. Pensei: devem estar juntos há algum tempo, sem ter mais o que conversar. Cada um sabia tudo do outro, nada a acrescentar, nada de novo ou surpreendente. E assim caminhava, decerto, a vida daquele casal.

O que me choca, mesmo observando esta situação, como outras que o dia a dia me oferece, é a ausência de conversa. Sem conversa eu não vivo, sem sua força agregadora para trocar ideias, para convencer ou ser convencido pelo outro, para manifestar humor, para desabafar sobre o que angustia a alma, em suma, para falar e para ouvir. A conversa não é a base da terapia? Sei não, mas, atualmente, contar com um amigo para jogar conversa fora ou para confessar aquele temor que lhe está roubando o sossego talvez não seja fácil. O tempo também, nesta vida corre-corre, tem lá outras prioridades. Mia Couto é

contundente: “Nunca o nosso mundo teve ao seu dispor tanta comunicação. E nunca foi tão dramática a nossa solidão.” Até se fala muito, mas ouvir o outro? Falo de conversas entre pessoas no mundo real. Vive-se hoje, parece, mais no mundo digital. Nele, até que se conversa muito; porém, é tão diferente, mesmo quando um está vendo o outro. O compartilhamento do mesmo espaço, diria, é que nos proporciona a abrangência do outro, a captação do seu respirar, as batidas de seu coração, o seu cheiro, o seu humor...

Desse diálogo é que tanta gente está sentindo falta. Até por telefone as pessoas conversam, atualmente, bem menos. Pelo WhatsApp fica mais fácil, alega-se. Rapidinho, rapidinho. Mas e a conversa? Conversa-se, sim, replicam. Será? Ou se trocam algumas palavras? Quando falo em conversa, refiro-me àquelas que se esticam, sem tempo marcado, sem caminho reto, a pularem de assunto em assunto. O WhatsApp é de graça, proclamam. Talvez um argumento que pode ser robusto, como se diz hoje, a favor da utilização desse instrumento moderno.

Mas será apenas por isso? Um amigo me lembra: no WhatsApp se trocam mensagens por escrito. Eu sei. Entretanto, língua escrita é um outra modalidade, outro modo de ativar a linguagem, a começar pela não copresença física dos interlocutores. No telefone, não há essa copresença física, mas esse meio de comunicação não é impeditivo de falante e ouvinte, a cada passo, trocaram de papéis e até mesmo de falarem ao mesmo tempo, configurando, pois, características próprias da modalidade oral. Contudo, não se respira o mesmo ar, ainda que já se possa ver o outro. As pessoas passaram a valer-se menos do telefone, e as conversas também vão, por isso, tornando-se menos frequentes.

Gosto, mesmo, é de conversas, de preferência com poucos companheiros, sem pauta, sem temas censurados, sem se ter de esmerar na linguagem. Conversa sem compromisso, a não ser o de evitar a chatice. Com suas contundências, conflitos de opiniões e momentos de solidariedade. Conversa que é vida, que retrata a vida no seu dia a dia. No grupo maior, há de tudo: o louco, o filósofo, o depressivo, o conquistador de garganta, o saudosista... Nem sempre, é verdade, estou motivado para participar desses grupos. Porém, passado um tempo, a saudade me bate.

Aqueles bate-papos intimistas com um amigo tantas afinidades, merecedores que nos tornamos da confiança um do outro, esses não têm nada igual. A apreensão abrangente do amigo, de seu psiquismo, dos seus sentimentos, das dificuldades mais íntimas por que passa, faz-no sentir, fortemente, a nossa natureza humana, a maior valia da vida.

Esses momentos vão se tornando, assim me parece, uma cena menos habitual nestes tempos digitais. A pressa, os problemas a se multiplicarem, as tarefas a se diversificarem, como encontrar uma brecha para aquela conversa, que é entrega, confiança, despojamento? Conversa que exige respeito: um local calminho, sem gritos, vozes esganiçadas, garçons serenos. Sim, umas tulipas estourando de geladas e uns tira-gostos de nosso paladar a exigirem nova pedida. Não queria perder esses encontros. Afinal, a vida está passando tão depressa...

Adaptado de: UCHOA, Carlos Eduardo. Disponível em:
<http://carloseduardouchoa.com.br/blog/>

(G1 - col. naval 2017) Em que opção a reescritura está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua?

a) “[...] pude presenciar, ao vivo, uma cena que já me tinham descrito”. (1º parágrafo) – ...pude assistir, ao vivo, uma cena que já me tinham descrito.

b) “Contudo, não se respira o mesmo ar, ainda que já se possa ver o outro” (5º parágrafo) – Contudo, não se aspira ao mesmo ar, ainda que já se possa ver o outro.

c) “Quando falo em conversa, refiro-me àquelas que se esticam [...]” (4º parágrafo) – Quando falo em conversa, aludo àquelas que se esticam.

d) “Conversa que exige respeito: um local calminho, sem gritos [...]” (8º parágrafo) – Conversa que implica em respeito: um local calminho, sem gritos.

e) “[...] rindo com ele mesmo com postagens que certamente ocorriam em seu celular.” (2º parágrafo) – rindo com ele mesmo com postagens que certamente se desenrolavam em seu celular.

Exercício 28

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

O dono do livro

Li outro dia um fato real narrado pelo escritor moçambicano Mia Couto. Ele disse que certa vez chegou em casa no fim do dia, já havia anoitecido, quando um garoto humilde de 16 anos o esperava sentado no muro. O garoto estava com um dos braços para trás, o que perturbou o escritor, que imaginou que pudesse ser assaltado.

Mas logo o menino mostrou o que tinha em mãos: um livro do próprio Mia Couto. Esse livro é seu? perguntou o menino. Sim, respondeu o escritor. Vim devolver. O garoto explicou que horas antes estava na rua quando viu uma moça com aquele livro nas mãos, cuja capa trazia a foto do autor.

O garoto reconheceu Mia Couto pelas fotos que já havia visto em jornais. Então perguntou para a moça: Esse livro é do Mia Couto? Ela respondeu: É. E o garoto mais que ligeiro tirou o livro das mãos dela e correu para a casa do escritor para fazer a boa ação de devolver a obra ao verdadeiro dono.

Uma história assim pode acontecer em qualquer país habitado por pessoas que ainda não estejam familiarizadas com os livros – aqui no Brasil, inclusive. De quem é o livro? A resposta não é a mesma de quando se pergunta: “Quem escreveu o livro?”.

O autor é quem escreve, mas o livro é quem lê, e isso de uma forma muito mais abrangente do que o conceito de propriedade privada – comprei, é meu. O livro é de quem lê mesmo quando foi retirado de uma biblioteca, mesmo que seja emprestado, mesmo que tenha sido encontrado num banco de praça.

O livro é de quem tem acesso às suas páginas e através delas consegue imaginar os personagens, os cenários, a voz e o jeito com que se movimentam. São do leitor as sensações provocadas, a tristeza, a euforia, o medo, o espanto, tudo que é

transmitido pelo autor, mas que reflete em quem lê de uma forma muito pessoal. É do leitor o prazer. É do leitor a identificação. É do leitor o aprendizado. É o leitor o livro.

Dias atrás gravei um comercial de rádio em prol do Instituto Estadual do Livro em que falo aos leitores exatamente isso: os meus livros são os seus livros. E são, de fato. Não existe livro sem leitor. Não existe. É um objeto fantasma que não serve para nada.

Aquele garoto de Moçambique não vê assim. Para ele, o livro é de quem traz o nome estampado na capa, como se isso sinalizasse o direito de posse. Não tem ideia de como se dá o processo todo, possivelmente nunca entrou numa livraria, nem sabe o que é tiragem.

Mas, em seu desengano, teve a gentileza de tentar colocar as coisas em seu devido lugar, mesmo que para isso tenha roubado o livro de uma garota sem perceber.

Ela era a dona do livro. E deve ter ficado estupefata. Um fã do Mia Couto afanou seu exemplar. Não levou o celular, a carteira, só quis o livro. Um danado de uma amante da literatura, deve ter pensado ela. Assim são as histórias escritas também pela vida, interpretadas a seu modo por cada dono.

Martha Medeiros. Jornal *ZERO HORA* – 06/11/11. Revista *O Globo*, 25 de novembro de 2012.

(Esc. Naval 2017) Assinale a opção em que a troca da palavra sublinhada pela que está entre parênteses mantém corretas as relações de sentido e a regência nominal ou verbal.

a) “[...] pessoas que ainda não estejam familiarizadas com os livros [...]” (4º parágrafo) – (entre)

b) “O livro é de quem tem acesso às suas páginas [...]” (6º parágrafo) – (ante)

c) “[...] os cenários, a voz e o jeito com que se movimentam.” (6º parágrafo) – (em)

d) “[...] mas que reflete em quem lê de uma forma muito pessoal” (6º parágrafo) – (para)

e) “[...] na capa, como se isso sinalizasse o direito de posse.” (8º parágrafo) – (a)

Exercício 29

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TRABALHO ESCRAVO É AINDA UMA REALIDADE NO BRASIL

Esse tipo de violação não prende mais o indivíduo a correntes, mas acomete a liberdade do trabalhador e o mantém submisso a uma situação de exploração.

O trabalho escravo ainda é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil. A sua existência foi assumida pelo governo federal perante o país e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1995, o que fez com que se tornasse uma das primeiras nações do mundo a reconhecer oficialmente a escravidão contemporânea em seu território. Daquele ano até 2016, mais de 50 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à de escravidão em atividades econômicas nas zonas rural e urbana.

Mas o que é trabalho escravo contemporâneo? O trabalho escravo não é somente uma violação trabalhista, tampouco se trata daquela escravidão dos períodos colonial e imperial do Brasil. Essa violação de direitos humanos não prende mais o indivíduo a correntes, mas compreende outros mecanismos, que acometem a dignidade e a liberdade do trabalhador e o mantêm submisso a uma situação extrema de exploração.

Qualquer um dos quatro elementos abaixo é suficiente para configurar uma situação de trabalho escravo:

TRABALHO FORÇADO: o indivíduo é obrigado a se submeter a condições de trabalho em que é explorado, sem possibilidade de deixar o local seja por causa de dívidas, seja por ameaça e violências física ou psicológica.

JORNADA EXAUSTIVA: expediente penoso que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador, já que o intervalo entre as jornadas é insuficiente para a reposição de energia. Há casos em que o descanso semanal não é respeitado. Assim, o trabalhador também fica impedido de manter vida social e familiar.

SERVIDÃO POR DÍVIDA: fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho. Esses itens são cobrados de forma abusiva e descontados do salário do trabalhador, que permanece sempre devendo ao empregador.

CONDIÇÕES DEGRADANTES: um conjunto de elementos irregulares que caracterizam a precariedade do trabalho e das condições de vida sob a qual o trabalhador é submetido, atentando contra a sua dignidade.

Quem são os trabalhadores escravos? Em geral, são migrantes que deixaram suas casas em busca de melhores condições de vida e de sustento para as suas famílias. Saem de suas cidades atraídos por falsas promessas de aliciadores ou migram forçadamente por uma série de motivos, que podem incluir a falta de opção econômica, guerras e até perseguições políticas. No Brasil, os trabalhadores provêm de diversos estados das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, mas também podem ser migrantes internacionais de países latino-americanos – como a Bolívia, Paraguai e Peru –, africanos, além do Haiti e do Oriente Médio. Essas pessoas podem se destinar à região de expansão agrícola ou aos centros urbanos à procura de oportunidades de trabalho.

Tradicionalmente, o trabalho escravo é empregado em atividades econômicas na zona rural, como a pecuária, a produção de carvão e os cultivos de cana-de-açúcar, soja e algodão. Nos últimos anos, essa situação também é verificada em centros urbanos, principalmente na construção civil e na confecção têxtil.

No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens. Em geral, as atividades para as quais esse tipo de mão de obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e jovens. Os dados oficiais do Programa Seguro-Desemprego de 2003 a 2014 indicam que, entre os trabalhadores libertados, 72,1% são analfabetos ou não concluíram o quinto ano do Ensino Fundamental.

Muitas vezes, o trabalhador submetido ao trabalho escravo consegue fugir da situação de exploração, colocando a sua vida em risco. Quando tem sucesso em sua empreitada, recorre a órgãos governamentais ou organizações da sociedade civil para denunciar a violação que sofreu. Diante disso, o governo brasileiro tem centrado seus esforços para o combate desse

crime, especialmente na fiscalização de propriedades e na repressão por meio da punição administrativa e econômica de empregadores flagrados utilizando mão de obra escrava. Enquanto isso, o trabalhador libertado tende a retornar à sua cidade de origem, onde as condições que o levaram a migrar permanecem as mesmas. Diante dessa situação, o indivíduo pode novamente ser aliciado para outro trabalho em que será explorado, perpetuando uma dinâmica que chamamos de “Ciclo do Trabalho Escravo”.

Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador para além do âmbito da repressão do crime. Por isso, a erradicação do problema passa também pela adoção de políticas públicas de assistência à vítima e prevenção para reverter a situação de pobreza e de vulnerabilidade de comunidades.

Adaptado.SUZUKI, Natalia; CASTELI, Thiago. *Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil*. Disponível em:

<<http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/fundamental-2/trabalho-escravo-e-ainda-uma-realidade-no-brasil/>>. Acesso: 19 mar. 2017.

(G1 - ifpe 2017) No que diz respeito à sintaxe de concordância e à de regência, assinale a opção CORRETA.

a) Em “Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador [...]” (9º parágrafo), o verbo sublinhado está corretamente flexionado em concordância ao sujeito posposto.

b) Em “[...] mais de 50 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à de escravidão[...]” (1º parágrafo), a locução verbal grifada foi pluralizada por concordar o termo “trabalhadores”, mas seria correto flexioná-la no singular em concordância com a expressão de quantidade “mais de”.

c) Em “No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens” (6º parágrafo), o verbo sublinhado foi pluralizado para concordar com o substantivo “pessoas”, mas estaria correto flexioná-lo no singular em concordância com a porcentagem.

d) Em “Muitas vezes, o trabalhador submetido ao trabalho escravo consegue fugir da situação de exploração [...]” (7º parágrafo), a regência do termo grifado também estaria correta se exercida pela preposição “com”.

e) Em “No Brasil, os trabalhadores provêm de diversos estados [...]” (4º parágrafo), houve incorreção no uso da preposição. A fim de respeitar a regência verbal, nesse contexto, deveria ser realizada pela preposição “a”.

Exercício 30

(G1 - ifsp 2016) Analise o texto abaixo.

O pai da Fernanda virá _____ mais cedo hoje. Devo _____ a respeito da nota em sua última avaliação? É melhor que _____ informemos o quanto antes, para que haja tempo hábil para _____.

Levando em consideração o uso e a colocação pronominal, de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa, os termos que melhor preenchem, respectivamente, as lacunas são:

- a) buscar-lhe – conta-lo – o – ajudá-la
- b) buscar-lhe – contar-lhe – lhe – ajudar-lhe
- c) buscó-lhe – conta-lhe – lhe – ajuda-lhe
- d) buscar-lhe – conta-lo – o – ajuda-lhe
- e) buscó-la – contar-lhe – o – ajudá-la

Exercício 31

(G1 - ifce 2016) A regência verbal está **incorreta** em

- a) Obedeça à sinalização.
- b) As enfermeiras assistiram irrepreensivelmente o doente.
- c) Paguei todos os trabalhadores.
- d) Todos nós carecemos de afeto.
- e) Costumo obedecer a preceitos éticos.

Exercício 32

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Adiante seguiu a Justiça

Maria Berenice Dias

Durante séculos, ninguém ¹titubeava em responder: família, só tem uma – a ²constituída pelos sagrados laços do matrimônio. Aos noivos era imposta a obrigação de se multiplicarem até a morte, mesmo na tristeza, na pobreza e na doença. Tanto que se falava em débito conjugal.

Esse modelito se manteve, ao menos na ³aparência, ⁴_____ expensas da integridade física e psíquica das mulheres, que se mantinham dentro de casamentos ⁵esfacelados, pois assim exigia a sociedade. Tanto que o casamento era indissolúvel. As pessoas até podiam se desquitar⁶, mas não podiam se casar de novo.

Caso encontrassem um par, ⁷tornavam-se ⁸concubinos e alvos de punições.

As mudanças foram muitas: vagarosas, mas significativas. As causas⁹, incontáveis. No entanto, o resultado foi um ¹⁰só. O conceito de família mudou, se esgarçou. O casamento perdeu a sacralidade e permanecer dentro dele deixou de ser uma imposição social e uma obrigação legal.

Veio o ¹¹divórcio. Antes, porém, o ¹²purgatório da separação, que exigia que se identificassem causas, ¹³punindo-se os culpados. A liberdade total de casar e descasar chegou somente no ano de 2006.

A lei regulamentava exclusivamente o casamento. Punia com o silêncio toda e qualquer modalidade de estruturas familiares que se afastasse do modelo “oficial”.

E foi assumindo a responsabilidade de julgar que os ¹⁴juízes começaram a alargar o conceito de família. As mudanças chegaram ¹⁵_____ Constituição Federal, que enlaçou no conceito de família, outorgando-lhes especial proteção, outras estruturas

de convívio. Além do casamento, trouxe, de forma exemplificativa, a união estável entre um homem e uma mulher e a chamada família parental: um dos pais e seus filhos.

Adiante ainda seguiu a Justiça. Reconheceu que o rol constitucional não é exaustivo, e continuou a reconhecer como família outras estruturas familiares. Assim as famílias anaparentais, constituídas somente pelos filhos, sem a presença dos pais; as famílias parentais, decorrentes do convívio de pessoas com vínculo de parentesco; bem como as famílias homoafetivas, que são as formadas por pessoas do mesmo sexo. O reconhecimento da homoafetividade como união estável foi levado ¹⁶_____ efeito pelo Supremo Tribunal Federal no ano de 2011, em decisão unânime e histórica. Agora esta é a realidade: ¹⁷homossexuais casam¹⁸, têm filhos¹⁹, ou seja²⁰, podem constituir família.

Ativismo judicial? Não, interpretação da Carta Constitucional segundo um punhado de princípios fundamentais. É a Justiça cumprindo o seu papel de fazer justiça, mesmo diante da lacuna legal.

Da inércia, passou o Legislativo²¹, dominado por autointitulados profetas religiosos²², a reagir.

Não foi outro o intuito do Estatuto da Família, que acaba de ser aprovado pela comissão especial na Câmara dos Deputados (PL 6.583/2013). ²³Tentar limitar o conceito de família à união entre um homem e uma mulher, além de ²⁴afrontar todos os princípios fundantes do Estado, impõe um retrocesso social que irá retirar direitos de todos aqueles que não se encaixam neste conceito limitante e limitado.

Mas ²⁵_____ mais. Proceder ao cadastramento das entidades familiares e criar Conselhos da Família é das formas mais perversas de excluir direito à saúde, à assistência psicossocial, à segurança pública, que são asseguradas somente às entidades familiares reconhecidas como tal. Limitar acesso à Defensoria Pública e à tramitação prioritária dos processos à entidade familiar definida na lei, às claras tem caráter punitivo. O conceito de família mudou. E onde procurar a sua definição atual? Talvez na frase piegas de Saint-Exupéry: na responsabilidade decorrente do afeto.

(Fonte: Zero Hora, Caderno PrOA, 27-09-2015 – Adaptação)

20. (Imed 2016) Considere as seguintes propostas de substituição de formas verbais do texto:

- I. Uso de *transformavam-se* em lugar de *tornavam-se* (ref. 7).
- II. Troca de *punindo-se* (ref. 13) por *dando-se punição*.
- III. Substituição de *afrontar* (ref. 24) por *confrontar*.

Quais provocariam necessidade de ajuste na estrutura do texto?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.

e) I, II e III.

Exercício 33

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Literatura Indígena

Ainda não há consenso sobre o uso da expressão Literatura Indígena. Afinal, sob o conceito de “indígena” reconhecem-se, atualmente, segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 305 grupos étnicos, com culturas e histórias próprias, falando 274 línguas. Portanto, encontrar uma denominação de referência geral não é muito simples. Outras expressões, embora menos usadas, vêm se apresentando na tentativa de caracterizar esse campo de interesse, como Literatura Nativa, Literatura das Origens, Literatura Ameríndia e Literatura Indígena de Tradição Oral. Próxima a ¹essas, mas já com significado e alcance próprio, ainda contamos com Literatura Indianista, para se referir à produção do Romantismo brasileiro do século XIX de ²temática indígena, como os versos de *Primeiros Cantos* (1846) e de *Os Timbiras* (1857), de Gonçalves Dias, e os romances *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), de José de Alencar. Diante desse quadro, quando usamos, hoje, a expressão Literatura Indígena, uma questão, necessariamente, ainda se apresenta: quais objetos ³ela incorpora ou para quais aponta ou tem apontado?

Em perspectiva ampla, diríamos que essa produção cultural ⁴assinala ⁵textos criativos em geral (orais ou escritos) produzidos pelos diversos grupos indígenas, ⁶editados ou não, incluindo ⁷aqueles que não se apresentam, em um primeiro momento, como ⁸constituídos a partir de um desejo ⁹especificamente estético-literário intencional, como as narrativas, os grafismos e os cantos em contextos próprios, ritualísticos e ¹⁰cerimoniais. Parte dessa produção ganha visibilidade com os registros realizados por antropólogos e pesquisadores em geral. Outra ¹¹parte surge por meio de levantamentos realizados por professores atuantes em cursos de licenciatura indígena e dos próprios alunos desses cursos, oriundos de várias etnias. Estima-se que 1564 professores indígenas estavam em formação no ano de 2010, em cursos financiados pelo Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas (PROLIND), do Ministério da Educação.

Em perspectiva ¹²restrita, a expressão Literatura Indígena tem sido utilizada para designar ¹³aqueles textos editados e reconhecidos pelo chamado sistema literário (autores, público, ¹⁴críticos, mercado editorial, escolas, programas governamentais, legislação), como sendo de autoria indígena. Um marco importante se dá em 1980, ano de publicação do considerado ¹⁵primeiro livro de autoria indígena com tais características, intitulado *Antes o Mundo não Existia*, de Umúsin Panlõn & Tolamãñ Kenhíri, pertencentes ao povo Desãna, do Alto Rio Negro/AM. A partir das licenciaturas indígenas, ¹⁶assistimos, na década de 1990, ao incremento dessa produção editorial.

Carlos Augusto Novais. Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG / Faculdade de Educação / Centro de Alfabetização, Leitura

e Escrita-CEALE. Acessado em:

<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-indigena>, 14/03/2016.

(G1 - ifce 2016) O verbo *assistimos*, na referência 16, apresenta exatamente a mesma regência e, portanto, o mesmo sentido que em:

a) O agravo de seu estado aconteceu, dizem, pois o médico não o assistiu em tempo hábil.

b) Antes da mudança para o nordeste, ela assistiu em Santos por dez anos.

c) O atendente assistiu a senhora primeiro, por ser prioridade.

d) A torcida assistiu à partida com muita paixão.

e) Apesar de torcer para o adversário, nossa torcida assistiu o ferido prontamente.

Exercício 34

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Não lhe solto mais

Antônio Barros e Cecéu

Moreno não faça isso	Dou-lhe uma rasteira
Deixe desse rebuliço	Lhe castigo na esteira
Não mexa comigo não, viu	Não lhe solto mais
Quero respeito comigo	Depois não adianta
Já cortaram meu umbigo	Se eu gemer
Não sou mais menina não, viu	Se eu gemer
Você é duro, bem maduro	Se eu chorar
E também muito seguro	A gente bebe água
Ainda pode dar no couro	Quando sente sede
E eu vou gostar	Cabelo se assanha
Vou me apaixonar	Quando o vento dá
Vou cair no choro	Olha moreno esse teu cheiro
	Se juntar com meu tempero
	Vai ser bom demais
Aí o couro come	
E pra mostrar que tu é home	
Como é que um home faz	Dou-lhe uma rasteira
Dá uma rasteira	Lhe castigo na esteira
Me castiga na esteira	Não lhe solto mais
Não me solta mais	

Disponível em: <http://www.letras.com.br/#!antonio-barros-ececeu/nao-lhe-solto-mais>. Acesso em 03/05/2016. Adaptado.

(Acafe 2016) Na letra da canção de Antônio de Barros e Cecéu, um dos versos que representa uma forma não aceita pela norma padrão é:

a) “Lhe castigo na esteira”

b) “Você é duro, bem maduro”

c) “Já cortaram meu umbigo”

d) “Se juntar com o meu tempero”

Exercício 35

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ao) relacionada(s) ao texto abaixo.

Viagens, cofres mágicos com promessas sonhadoras, não mais
⁵revelareis ⁶vossos tesouros intactos! Hoje, quando ilhas
polinésias afogadas em concreto se transformam em porta-aviões
ancorados nos mares do Sul, quando as favelas corroem a África,
quando a aviação ⁹avilta a floresta americana antes mesmo de
poder ⁷destruir-lhe a virgindade, de que modo poderia a pretensa
¹⁰evasão da viagem conseguir outra coisa que não ¹⁴confrontar-
nos ¹⁵com as formas mais miseráveis de nossa existência
histórica?

¹⁸Ainda ²²assim, compreendo a paixão, a loucura, o equívoco das
narrativas de viagem. Elas ¹⁶criam a ilusão daquilo ¹_____
não existe mais, mas ²_____ ainda deveria existir. Trariam
nossos modernos Marcos Polos, das mesmas terras distantes,
desta vez em forma de fotografias e relatos, as especiarias morais
³_____ nossa sociedade experimenta uma necessidade
aguda ao se sentir ¹¹soçobrar no tédio?

É assim que me identifico, viajante procurando em vão reconstituir
o exotismo com o auxílio de fragmentos e de destroços. ¹⁹Então,
²⁶insidiosamente, a ilusão começa a tecer suas armadilhas.
Gostaria de ter vivido no tempo das verdadeiras viagens, quando
um espetáculo ainda não estragado, contaminado e maldito se
oferecia em todo o seu esplendor. ²⁰Uma vez ¹²encetado, o jogo
de conjecturas não tem mais fim: quando se deveria visitar a Índia,
em que época o estudo dos selvagens brasileiros poderia levar a
conhecê-los na forma menos alterada? Teria sido melhor chegar
ao Rio no século XVIII? Cada década para ²³trás ²⁹permite
²⁷salvar um costume, ²⁸ganhar uma festa, ¹⁷partilhar uma crença
suplementar.

²¹Mas conheço bem demais os textos do passado para não saber
que, me privando de um século, renuncio a perguntas dignas de
enriquecer minha reflexão. E eis, diante de mim, o círculo
intransponível: quanto menos as culturas tinham condições de se
comunicar entre si, menos também os emissários ⁸respectivos
eram capazes de perceber a riqueza e o significado da
diversidade. No final das contas, sou prisioneiro de uma
³²alternativa: ³⁰ora viajante antigo, confrontado com um
prodigioso espetáculo do qual quase tudo lhe escapava ²⁴—
ainda pior, inspirava troça ou desprezo ²⁵—, ³¹ora viajante
moderno, correndo atrás dos vestígios de uma realidade
desaparecida. Nessas duas situações, sou perdedor, pois eu, que
me lamento diante das sombras, talvez seja impermeável ao
verdadeiro espetáculo que está tomando forma neste instante,
mas ⁴_____ observação, meu grau de humanidade ainda
¹³carece da sensibilidade necessária. ³³Dentro de alguma
centena de anos, neste mesmo lugar, outro viajante pranteará o
desaparecimento do que eu poderia ter visto e que me escapou.

Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia.
das Letras, 1996. p. 38-44.

(Ufrgs 2015) Assinale a alternativa que preenche correta e
respectivamente as lacunas indicadas pelas referências 1, 2, 3 e 4
do texto.

a) que - que - de que - para cuja

b) que - de que - de que - cuja

c) de que - de que - de que - para cuja

d) que - que - que - cuja

e) de que - que - que - cuja

Exercício 36

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) seguinte(s)

Argumento (Paulinho da Viola)

Tá legal

Eu aceito o argumento

Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta

De um cavaco, de um pandeiro

Ou de um tamborim.

Sem preconceito

Ou mania de passado

Sem querer ficar do lado

De quem não quer navegar

Faça como um velho marinheiro

Que durante o nevoeiro

Leva o barco devagar.Argu

(Fgvjr 2015) No verso “Mas não me altere o samba tanto assim”,
o pronome “me” não exerce função sintática alguma. Segundo a
gramática da língua portuguesa, trata-se de um recurso
expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que
está vivamente interessada no cumprimento da exortação feita.
Constitui uso mais comum na linguagem coloquial.

Nas citações abaixo, todas extraídas de *Memórias póstumas de
Brás Cubas*, de Machado de Assis, esse recurso ocorre em:

a) *Mano Brás, que é que você vai fazer? perguntou-me aflita.*

b) *... estou farto de filosofias que me não levam a coisa nenhuma.*

c) *Mostrou que eu ia colocar-me numa situação difícil.*

d) *... achou que devia, como amigo e parente, dissuadir-me de
semelhante ideia.*

e) *Ânimo, Brás Cubas; não me sejam palerma.*

Exercício 37

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Um caso de burro

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburio ao

bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburio ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburio e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contento da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

(Efomm 2021) Assinale a opção em que o acento grave indicativo de crase **NÃO** é colocado por uma situação de regência.

a) “Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica.”

b) “Indiferente aos curiosos, co,o ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos.”

c) “[...] levando depressa o tálburi e o namorado à casa da namorada.”

d) “[...] não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer.”

e) “Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública.”

Exercício 38

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A ciência e a tecnologia como estratégia de desenvolvimento

Um dos principais motores do avanço da ciência é a curiosidade humana, descompromissada de resultados concretos e livre de qualquer tipo de tutela ou orientação. A produção científica movida apenas por essa curiosidade tem sido capaz de abrir novas fronteiras do conhecimento, de nos tornar mais sábios e de, no longo prazo, gerar valor e mais qualidade de vida para o ser humano.

Por meio dos seus métodos e instrumentos, a ciência nos permite analisar o mundo ao redor e ver além do que os olhos podem enxergar. O empreendimento científico e tecnológico do ser humano ao longo de sua história é o principal responsável por tudo que a humanidade construiu até aqui, desde o domínio do fogo até a moderna ciência da informação, passando pela domesticação dos animais, pelo surgimento da agricultura e da indústria modernas e, é claro, pela espetacular melhora da qualidade de vida de toda a humanidade no último século.

Apesar dos seus feitos extraordinários, a ciência enfrenta uma crise de legitimação social no mundo todo. Existe uma descrença do cidadão comum no conhecimento técnico e científico e, mais do que isso, um certo orgulho da própria ignorância sobre vários temas complexos. Vários fenômenos sociais recentes, como o movimento antivacinação ou mesmo a desconfiança sobre o aquecimento global, apesar de todas as evidências científicas em contrário, são exemplos dessa descrença.

A relação entre ciência, tecnologia e sociedade é de extrema complexidade, sem dúvida alguma. Ela passa por uma série de questões, tais como de que forma a ciência e as novas tecnologias afetam a qualidade de vida das pessoas e como fazer com que seus efeitos sejam os melhores possíveis? Como ampliar o acesso da população aos benefícios gerados pelo conhecimento científico e tecnológico? Em que medida o progresso científico e tecnológico contribui para mitigar ou aprofundar as desigualdades socioeconômicas? Essas são questões cruciais para a ciência e a tecnologia nos dias de hoje.

Disponível em: <www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/116-a-ciencia-e-a-tecnologiacomo-estrategia-de-desenvolvimento>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Adaptado.

(Fmp 2021) O acento grave indicador de crase deve ser utilizado, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, na palavra

destacada em:

a) As pesquisas médicas são essenciais devido a urgência de implantar medidas efetivas de combate às pandemias.

b) O bom uso dos recursos digitais conduz as pessoas a novas formas de aprendizado científico.

c) Os países vêm utilizando diversas tecnologias que aumentam a capacidade de ação do ser humano.

d) A tecnologia tem contribuído com progressos significativos para a humanidade desde a revolução industrial.

e) O primeiro passo para buscar a cura de uma nova doença é conhecer os seus agentes causadores.

Exercício 39

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando pensamos em **EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS NO EXTERIOR**, automaticamente relacionamos o tema aos melhores aspectos positivos possíveis, como a vivência na língua, na cultura, na culinária, entre outros. Contudo, há outros aspectos relevantes – positivos e negativos – que a atividade deseja também abordar. Somos seres humanos em construção e interligados pela intensa globalização do século XXI. Assim, a escolha desse tema se dá pelo desejo de acrescentar reflexões importantes ao cotidiano de nossos jovens estudantes.

Texto

Brasileira ganha bolsa para estudar em Harvard

Uma gonçalense de 18 anos é a única estudante brasileira aprovada para estudar na Universidade de Harvard, nos EUA, este ano. E com bolsa integral.

Uma gonçalense de 18 anos é a única estudante brasileira aprovada para estudar na Universidade de Harvard, no EUA, este ano. E com bolsa integral. A façanha de Flávia Medina da Cunha é considerada tão especial que será tema de palestra de orientadores educacionais, nesta quarta-feira de manhã (19 de agosto de 2009), no auditório do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Na mesma época dos exigentes exames para Harvard, ela passou nos vestibulares da UFRJ, UFF e UERJ e na prova de admissão da Academia da Força Aérea (AFÃ). "Estudei tantas horas que perdi a conta de quantas", confessa Flávia, que vai cursar Engenharia Química. Ela já havia começado o curso na UFRJ.

Fã da obra de Machado de Assis, ela precisou se debruçar sobre livros especializados na cultura norte-americana. Flávia obteve ainda 90% de bolsa na Universidade da Pensilvânia. "Fiquei na lista de esperada Yale University, Duke University, Rice University e Tufts", enumerou Flávia, cujos dois irmãos estudam na Escola Naval. Os pais, que são professores, estão orgulhosos, mas não escondem a preocupação. "O coração está apertado, mas ela é perseverante e carismática", conta a mãe, Gilza da Cunha, 57 anos. Em Harvard, a estudante terá alojamento, refeição e receberá US\$ 3mil (R\$ 5,3 mil) por mês, além da oportunidade de emprego no campus. Flávia embarca hoje à noite no voo 860 da United Airlines. Na bagagem, a bandeira do Brasil e a medalha de

Santo Antônio. No coração, a saudade de casa. "Não vou chorar", avisa Flávia. "Muita gente sonha em ir à Disney e realiza o sonho. Por que não sonhar em aprimorar os conhecimentos no exterior?", lança o desafio o gerente de pesquisas do escritório da Harvard no Brasil, Tomás Amorim. (...)

(Adaptado de <https://www.mundovestibular.com.br/vestibular/noticias/brasileira-ganha-bolsa-para-estudar-em-han/ard/>. Acessado em: 02/09/2020)

(G1 - cmrj 2021) No trecho "**Muita gente sonha em ir à Disney e realiza o sonho**", pode-se afirmar que o emprego do sinal indicativo de crase encontra-se de acordo com a norma gramatical.

A mesma afirmação só pode ser feita em relação a uma das alternativas a seguir. Assinale-a.

- a) Irei à Santa Catarina aproveitar o sol.
- b) Fui à Londres e visitei vários castelos.
- c) Fui cedo à Madri e vi um belo jogo.
- d) Não há como ir à Roma e não visitar o Papa.
- e) Vou à Búzios das belas praias passar o feriado.

Exercício 40

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A Lenda da Manioca (lenda dos índios Tupis)

¹A filha do cacique da tribo deu à luz uma linda indiazinha. A tribo espantou-se:

– Como é branquinha esta criança!

E era mesmo. Perto dos outros curumins da taba, parecia um raiozinho de lua. Chamaram-na Mani. Mani era linda, silenciosa e quieta. Comia pouco e pouco bebia. Os pais preocupavam-se.

– Vá brincar, Mani, dizia o pai.

– Coma um pouco mais, dizia a mãe.

Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na cabecinha. Mani parecia esconder um mistério.

Uma bela manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado. Deu ervas e bebidas à menina. Mas não atinava com o que tinha Mani. Toda a tribo andava triste. Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem doença e sem dor.

E, sorrindo, Mani morreu. Os pais a enterraram dentro da própria oca. E regavam sua cova todos os dias, como era costume entre os índios Tupis. Regavam com lágrimas de saudade.

Um dia, perceberam que do túmulo de Mani rompia uma plantinha verde e viçosa.

– Que planta será esta? Perguntaram, admirados. Ninguém a conhecia.

– É melhor deixá-la crescer, resolveram os índios.

E continuaram a regar o brotinho mimoso. A planta desconhecida crescia depressa. Poucas luas se passaram e ela estava altinha, com um caule forte, que até fazia a terra se rachar em torno.

– A terra parece fendida, comentou a mãe de Mani.

– Vamos cavar?

E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, à flor da terra, viram umas raízes grossas e morenas, quase da cor dos curumins, nome que dão aos meninos índios. Mas, sob a casquinha marrom, lá estava a polpa branquinha, quase da cor de Mani. Da oca de terra de Mani surgia uma nova planta!

– Vamos chamá-la Mani-oca, resolveram os índios.

²– E, para não deixar que se perca, vamos transformar a planta em alimento!

Assim fizeram!

Depois, fincando outros ramos no chão, fizeram a primeira plantação de mandioca. E até hoje entre os índios do Norte e Centro do Brasil é este um alimento muito importante. E, em todo o Brasil, quem não gosta da plantinha misteriosa que surgiu na casa de Mani?

Adaptado de macvirtual.usp.br/mac/templates/jogo/lenda.asp/
Acessado em 10/10/19.

(G1 - cotil 2020) No primeiro parágrafo, lê-se: "*A filha do cacique da tribo deu à luz uma linda indiazinha*." (ref. 1)

Sobre a ocorrência da crase, considere a afirmação correta quanto à expressão em destaque:

a) Não está apropriada a expressão, devendo ser alterada para: deu a luz a uma linda indiazinha.

b) Não está apropriada a expressão, devendo ser grafada da seguinte forma: deu a luz à uma linda indiazinha.

c) Não está apropriada a expressão, sendo necessário alterar para: deu à luz a uma linda indiazinha.

d) Está apropriada a expressão, devendo-se manter a oração como está.

Exercício 41

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Por trás da "boa aparência": o racismo em números no mercado.

"Precisa-se de moça de boa aparência para auxiliar de dentista. Rua Boa Vista, 11, primeiro andar." ¹O ²anúncio publicado no Estado de São Paulo, em junho de 1914, ³contém uma expressão de uso bastante comum até 2006, quando foi proibida por ⁴viés discriminatório. Para 70% dos brasileiros, ⁵"boa aparência" não é apenas um código para cabelos lisos e pele clara, é um sintoma da discriminação racial ainda presente no ⁶país em que mais da metade da população se autodeclara negra.

"Precisamos refletir sobre o significado da compreensão de que vivemos em um país racialmente harmônico, que ainda está presente em nosso imaginário. Pela noção de democracia racial, dizemos que o racismo não existe e, se a população negra vive em desvantagem social, é porque não se esforçou o suficiente", explica Giselle dos Anjos Santos, doutoranda em História Social pela USP e consultora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), organização pioneira na

promoção da equidade racial e de gênero no mercado de trabalho no Brasil.

Na ⁷área de recrutamento e seleção por quase uma década, a ex-recrutadora Marion Caruso vivenciou de perto as ⁸inconsistências entre discurso e prática relacionadas __1__ aceitação racial dentro do mercado de trabalho. “Me pediam que não enviasse pessoas negras para as vagas porque tinham ‘cara de empregadinha’”. Com demandas como __2__ que Marion recebia, não é difícil imaginar por que a expectativa de que o Brasil alcance __3__ igualdade racial no mercado de trabalho é de 150 anos, ⁹segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos em 2016.

Os números não param de alarmar. ¹⁰Ainda de acordo com o Ethos, embora 54% da população brasileira seja negra, eles ocupam apenas 5% dos cargos de liderança nas maiores empresas do país. Quando se fala em mulheres pretas e pardas em altos cargos de chefia, esse índice chega a menos de 1%. O espaço para homens e mulheres negros vai se ¹¹afunilando conforme os cargos vão ficando cada vez mais altos: na base da pirâmide ¹²corporativa, os aprendizes negros chegam a ultrapassar os brancos.

Giselle explica que, ao longo da história, a sociedade brasileira se construiu nas bases do racismo. Daí a desigualdade e falta de oportunidades. “Todos os indicadores sociais refletem __4__ desigualdades colocadas”, explica a estudiosa. A mulher negra tem 50% mais chances de estar desempregada do que qualquer outro grupo da nossa sociedade. ¹³É fundamental que pensemos em ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.”

Mesmo que o número de estudantes negros nas universidades federais tenha triplicado na última década, garantindo a qualificação necessária para as vagas, a consultora e pesquisadora alerta que as barreiras começam muito antes do ¹⁴recrutamento. “Existe uma lógica de rede de informação e contato. Quando perguntados nos censos desenvolvidos pelo CEERT em diferentes instituições como ficaram sabendo de determinada vaga, os profissionais brancos respondem que souberam por parentes e amigos. ¹⁵A realidade é diferente para pessoas negras, cujos familiares geralmente trabalharam a vida toda no setor informal.” [...]

Publicado em 23/08/19, por Nayara Fernandes, no portal de notícias R7. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/economia/portas-da-boa-aparencia-o-racismo-em-numeros-no-mercado-23082019>>. Acesso em: 25 ago. 2019 (Texto adaptado para fins didáticos).

(G1 - ifsul 2020) Nas lacunas 1, 2, 3 e 4, o correto preenchimento deve ser realizado, respectivamente, por meio da sequência presente em

a) à – a – à – as.

b) a – à – à – às.

c) à – a – a – as.

d) a – à – à – as.

Exercício 42

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto abaixo serve como base para a(s) questão(ões) a seguir.

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou e disse à Emília, que andava rondando por ali:

– Vá perguntar à vovó o que quer dizer folk-lore.

– Vá? Dobre a sua língua. Eu só faço coisas quando me pedem por favor. — Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-boneca.

– ¹Emilinha do coração — disse ele —, faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra folk-lore, sim, teteia? — Emília foi e voltou com a resposta.

– Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos.

Os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?

O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe.

Depois disse: — Uma ideia que eu tive. ²Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

Emília arregalou os olhos. – Não está má a ideia, não, Pedrinho!

³Às vezes, a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

Fonte: do livro *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Globo, 2009.

(S1 - ifce 2020) A expressão “às vezes” (referência 3) contida no texto apresenta o fenômeno da crase

a) uma vez que é uma locução coordenada explicativa.

b) visto que é uma locução adverbial deslocada.

c) por tratar-se de uma expressão adverbial feminina.

d) pois é um elemento coesivo que inicia a frase.

e) tendo em vista que é uma locução verbal.

Exercício 43

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Precisamos falar sobre fake news

Minha mãe tem 74 anos e, como milhões de pessoas no mundo, faz uso frequente do celular. É com ele que, conversando por voz ou por vídeo, diariamente, vence a distância e a saudade dos netos e netas.

Mas, para ela, assim como para milhares e milhares de pessoas, o celular pode ser também uma fonte de engano. De vez em quando, por acreditar no que chega por meio de amigos no seu WhatsApp, me envia uma ou outra mensagem contendo uma fake news. A última foi sobre um suposto problema com a vacina

da gripe que, por um momento, diferente de anos anteriores, a fez desistir de se vacinar.

Eu e minha mãe, como boa parte dos brasileiros, não nascemos na era digital. Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida.

Sejamos sinceros. Nada nem ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação. Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news.

Um dos maiores estudos sobre a disseminação de notícias falsas na internet, publicado ano passado na revista "Science", foi realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, e concluiu que as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente.

Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmicos, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, seguidas de informações mentirosas sobre tudo. Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam, a critérios de apuração e checagem.

O problema é que hoje mantemos essa mesma crença, quase que religiosa, junto a mensagens das quais não identificamos sequer a origem, boa parte delas disseminada em redes sociais. Confia-se a ponto de compartilhar, sem questionar.

O impacto disso é preocupante. Partindo de pesquisas que mostram que notícias e seus enquadramentos influenciam opiniões e constroem leituras da realidade, a disseminação das notícias falsas tem criado versões alternativas do mundo, da História, das Ciências "ao gosto do cliente", como dizem por aí.

Os problemas gerados estão em todos os campos. No âmbito familiar, por exemplo, vai de pais que deixam de vacinar seus filhos a ponto de criar um grave problema de saúde pública de impacto mundial. E passa por jovens vítimas de violência virtual e física.

No mundo corporativo, estabelecimentos comerciais fecham portas, profissionais perdem suas reputações e produtos são desacreditados como resultado de uma foto descontextualizada, uma imagem alterada ou uma legenda falsa.

A democracia também se fragiliza. O processo democrático corre o risco de ter sua força e credibilidade afetadas por boatos. Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco.

Estamos em um novo momento cultural e social, que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação.

No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, com a participação de especialistas e representantes da sociedade civil.

O problema das fake news certamente passa pelo domínio das novas tecnologias, com instrumentos de combate ao crime, mas, também, pela pedagogia do esclarecimento.

O que posso afirmar, é que, embora não saibamos ainda o antídoto que usaremos contra a disseminação de notícias falsas em escala industrial, não passa pela cabeça de ninguém aceitar a utilização de qualquer tipo de controle que não seja democrático.

D.A., *O Globo*, em 10 de julho de 2019.

(G1 - col. naval 2020) Assinale a opção em que o acento indicativo de crase foi corretamente empregado.

a) As novas tecnologias têm gerado muito estranhamento à pessoas que não nasceram na era digital.

b) As notícias falsas começam à chegar rapidamente através da internet, do WhatsApp e das redes sociais.

c) O problema das fake news é um assunto sério e alarmante relativo à toda a sociedade contemporânea.

d) Em relação as notícias falsas, devemos procurar iniciativas que nos levem à uma solução imediata.

e) Textos alarmistas e sensacionalistas ganham destaque à medida que vão sendo compartilhados.

Exercício 44

(Eear 2019) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do período seguinte:

Mineradora paga multa milionária de um bilhão de reais

A tristeza dos pescadores do Rio Doce refere-se ____ desgraça que ocorreu no local em novembro de 2015. ____ empresa responsável foi aplicada ____ multa. No entanto, esta não foi suficiente para devolver ____ natureza o equilíbrio ambiental aniquilado. Pouco ____ pouco esses pescadores tentam encontrar alternativa sustentável.

a) à – À – a – à – a

b) à – A – a – à – a

c) a – À – a – à – a

d) à – A – à – a – à

Exercício 45

(Espcex (Aman) 2019) Assinale a alternativa correta, quanto ao emprego do acento grave

a) As nações juntam-se a Assembleia da ONU, para eliminarem progressivamente os problemas de gestão do serviço.

b) A Secretaria de Saneamento e as Conferências das Cidades foram criadas com vistas à diminuir as desigualdades de acesso a esse serviço.

c) Pode-se caminhar alguns passos no sentido de garantir que a essa tarefa alinhe-se a participação social.

d) A gestão dos serviços deve ser acrescentada uma visão de saneamento básico como direito à cidadania.

e) O marco legal estabelece que a prestação dos serviços tem como foco à garantia do cumprimento das metas.

Exercício 46

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

– Mas que ossos tão ¹miudinhos! São de criança?
– Ele disse que eram de adulto. De um anão.
– De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, ²é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos ³um pequeno crânio de uma ³brancura de cal. – Tão perfeito, todos os ⁴dentinhas!
– Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui do lado, ⁵só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente, extra. ⁶Telefone, também. ⁷Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha coma garrafa térmica, fechem bem a garrafa – recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. ⁸Soltou uma baforada final: – ⁹Não deixem a porta aberta senão meu gato foge. Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho de seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada. Esvaziei a mala, dependurei a blusa ¹⁰amarrotada num cabide que enfiar num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e ¹¹sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, ¹²desatarraxar ¹³a lâmpada ¹⁴fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. ¹⁵O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do ¹⁶caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra ¹⁷e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam os ovos numa caixa.
– Um anão. ¹⁸Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim de semana começo a montar ele.

TELLES, Lygia Fagundes. *Melhores contos* / Lygia Fagundes Telles, seleção de Eduardo Portella. – [13 ed.] – São Paulo: Global, 2015, p.123.

(Udesc 2019) Analise as proposições em relação à obra *Melhores contos*, Lygia Fagundes Telles, ao conto “As formigas” e ao trecho apresentado.

- I. Embora a autora se enquadre no período pós-moderno ou contemporâneo, o conto possui uma linguagem simbólica, que comprova a exuberância da narrativa pela fusão de imagens (descrições) auditivas, olfativas e visuais, constituindo uma característica da escola simbolista – sinestesia.
- II. A descrição caricata da dona da pensão, a presença do animal de estimação – um gato, o codinome que ela recebe – bruxa, são elementos que causam estranheza e cotizam-se para a atmosfera do fantástico, do sobrenatural.
- III. No período “e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel” (ref. 17) a palavra destacada, e que estabelece a relação de comparação, pode ser substituída por *tal qual*, sem

comprometer a classificação morfológica, o sentido e a coerência, no texto.

IV. Nas estruturas “é raro à beça” (ref. 2) e “Café das sete às nove” (ref. 7) o sinal gráfico da crase somente é obrigatório na segunda estrutura, por se tratar de hora determinada, e na primeira estrutura o emprego é optativo.

V. Na oração “Não deixem a porta aberta senão meu gato foge” (ref. 9) a palavra em destaque pode ser substituída por *se não*, pois ambas têm a mesma acepção que *contrário*, logo não há alteração semântica.

Assinale a alternativa **correta**.

- a) Somente as afirmativas II, III e V são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas II, IV e V são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

Exercício 47

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Rap: uma linguagem dos guetos

Entre as vozes que se cruzam na cacofonia urbana da sociedade globalizada, há uma que se sobressai pela sua radicalidade marginal: o rap. A moderna tradição negra dos guetos norte-americanos é, hoje, cantada pelos jovens das periferias de todos os quadrantes do globo. Mas diferentemente das estereotipias produzidas pela nação hegemônica e difundidas em escala planetária, a cultura hip-hop costuma ser assimilada como uma *fala histórica* essencialmente crítica por uma juventude com tão escassas vias de fuga ao sempre igual. Quando, por exemplo, jovens de uma favela brasileira incorporam esta linguagem tornada universal, por mais que a sua realidade seja diferente daquela dos marginalizados do país de origem, a forma permanece associada a um conteúdo crítico – uma visão de mundo subalterna e frequentemente subversiva.

¹O rap é hoje uma forma de expressão comunitária, por meio da qual se comunicam e afirmam sua identidade habitantes dos morros e comunidades populares. /.../

O surgimento do movimento hip-hop nos remete ao contexto no qual estavam inseridos os Estados Unidos dos anos 60 e 70, no auge da Guerra Fria. Foram anos de tensão e muita agitação política. ²O descontentamento popular com a guerra do Vietnã somava-se à pressão das comunidades negras segregadas, ³submetidas a leis similares às do apartheid sul-africano. O clima de revolta e inconformismo tomava conta dos guetos negros. /.../

Na trilha da agitação política ocorriam inovações culturais. Nos guetos, o que se ouvia era o soul, que foi importante para a organização e conscientização daquela população. /.../ No mesmo período surge uma variedade de outros ritmos, como o funk, marcados por pancadas poderosas que causavam estranhamento aos brancos, letras que invocavam a valorização da cultura negra e ⁴denunciavam as condições às quais eram submetidas as populações dos guetos. O soul e o funk foram as bases musicais que permitiram o surgimento do rap, que virá a ser um dos elementos do movimento hip-hop.

⁵Por essa época ou um pouco antes, jovens negros já dançavam [o break] nas ruas ao som do soul e do funk de uma forma inovadora, executando passos que lembravam ao mesmo tempo uma luta e os movimentos de um robô. /.../

Finalmente, ⁶além da música e da dança, propagava-se pelos guetos, ainda, o hábito de desenhar e escrever em muros e paredes. /.../ Nesse contexto de efervescência político-cultural, grafiteiros, breakers e rappers começaram a se reunir para realizar eventos juntos, ⁷afinal suas artes estavam relacionadas a uma experiência comum, a ⁸cultura de rua. /.../

⁹Por volta de 1982, o rap chegou ao Brasil, fixando-se, sobretudo, em São Paulo. /.../

Nos últimos anos da década de 90, o rap brasileiro ultrapassou os limites da periferia dos grandes centros e chegou à classe média.

/.../ ¹⁰O rap de caráter mais comercial passou então a ser amplamente difundido pelo país, ao mesmo tempo em que, em sua forma marginal, a linguagem continuava a se desenvolver nos espaços populares.

Há que se destacar o caráter inovador do rap nacional, que reelabora, de forma criadora, a partir de tradições populares brasileiras, a linguagem dos guetos norte-americanos, mesclando o ritmo do Bronx a gêneros como o samba e a embolada. /.../

Não se trata, no entanto, de idealizar o hip-hop como forma de conhecimento. ¹¹O movimento, seguramente, não é homogêneo: possui tendências mais ou menos politizadas, mais ou menos engajadas e críticas. Há, por assim dizer, uma vertente cuja tônica é a denúncia, a agitação e o protesto. Outra, espontânea, sem uma linha política coerente e definida. ¹²E outra ainda, talvez hegemônica, já assimilada pelo mercado, que reproduz o modelo de comportamento, aspirações e ideais dominantes (consumismo, individualismo e exaltação da vida privada), como a maioria das canções ditas "de massa".

(COUTINHO, Eduardo Granja, ARAÚJO, Marianna. Rap: uma linguagem dos guetos. In: PAIVA, Raquel, TUZZO, Simone Antoniaci (Orgs.). *Comunidade, mídia e cidade*: possibilidades comunitárias na cidade hoje. Goiânia: FIC/UFG, 2014.)

(G1 - epcar (Cpcar) 2019) Assinale a alternativa em que a reescrita proposta **NÃO** está de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa.

- a) "O rap é hoje uma forma de expressão comunitária, por meio da qual se comunicam..." (ref. 1) O rap é hoje uma forma de expressão comunitária, com à qual se comunicam.
- b) "O descontentamento popular com a guerra do Vietnã somava-se à pressão das comunidades negras..." (ref. 2 - Ao descontentamento popular com a guerra do Vietnã somava-se a pressão das comunidades negras.
- c) "...submetidas a leis similares às do apartheid..." (ref. 3) - ...submetidas a leis similares àquelas do apartheid.
- d) "...denunciavam as condições às quais eram submetidas as populações dos guetos." (ref. 4) - denunciavam as condições a

que eram submetidas as populações dos guetos.

Exercício 48

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

COMO A DESIGUALDADE PODE ESTAR IMPULSIONANDO AS SELFIES SENSUAIS

O que está por trás do fenômeno da selfie sexy? A obsessão online que vivemos hoje tem sido vinculada à vaidade e até à opressão de gênero. Mas esse poderia ser também um comportamento guiado pela economia

Uma imagem vale mais que mil palavras. Da mesma forma, parece que há mais por trás das selfies do que pode parecer à primeira vista. A obsessão online que vivemos hoje tem sido vinculada à vaidade e até à opressão de gênero. Mas poderia ser também um comportamento guiado pela economia?

Asma Elbadawi é uma artista visual de origem inglesa e sudanesa. Ela acha que o capitalismo moderno impulsiona as mulheres a se fotografarem como objetos de desejo.

Recentemente, ela postou uma selfie no Instagram com desenhos no rosto, lembrando as marcas feitas em pacientes antes de uma cirurgia plástica. Elbadawi, ativista reconhecida pelo empoderamento de jovens muçulmanas, afirma que sua intenção era usar a linguagem de cartazes publicitários, criando uma mensagem irônica.

O trabalho de Elbadawi levanta uma questão interessante. Conquistas femininas possibilitaram às mulheres denunciarem tudo que as objetifica, desde a cantada na rua até a cultura machista do teste de fidelidade de programas de auditório. Apesar disso, a disseminação das redes sociais faz com que sejamos bombardeados com imagens sexualizadas de mulheres. Por quê?

Khandis Blake, psicóloga na Universidade de New South Wales, em Sydney, pesquisa o que a sexualização das mulheres pode nos dizer sobre as sociedades. Segundo ela, as selfies são geralmente tiradas como um sinal de discriminação de gênero. Ou seja, as mulheres tiram selfies porque elas sentem que precisam parecer atraentes para os homens.

Mas, além disso, a última pesquisa de Blake encontrou um aspecto econômico. O resultado é que o fenômeno da selfie sexy é mais prevalente em países educados e desenvolvidos, afirma Blake. "São as mesmas sociedades que passaram décadas lutando contra a objetificação sexual de mulheres e garotas - e que estão fazendo com que homens poderosos expliquem seu comportamento em relação a mulheres".

Para entender essa aparente contradição, a equipe da psicóloga avaliou indicadores econômicos e de gênero nesses países e descobriu que as mulheres são mais propensas a investir tempo e esforço em tirar e postar selfies sexy em países onde a desigualdade econômica está subindo.

Isso explicaria, segundo ela, por que os Estados Unidos, Reino Unido e Cingapura - onde a desigualdade de renda está aumentando - estão entre os países mais viciados em selfies, juntamente com um conjunto de países menos desenvolvidos mas muito desiguais - como Brasil, México e Colômbia.

UCHOA, P. *#Instaperfect*: como a desigualdade pode estar impulsionando as selfies sensuais. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-45416858>>. Acesso em: 25 set. 2018 (adaptado).

(G1 - ifpe 2019) A propósito do uso do acento grave indicativo de crase no texto, avalie as análises abaixo.

- I. A expressão “à primeira vista” (1º parágrafo), recebe o acento grave por causa da regência do verbo “parecer”, que exige complemento com a preposição “a”.
- II. Em “A obsessão online que vivemos hoje tem sido vinculada à vaidade” (1º parágrafo), o uso do acento grave indica a contração da preposição “a” exigida pela locução “tem sido vinculada” e o artigo “a”, determinante do substantivo “vaidade”.
- III. Na expressão “até a opressão de gênero” (1º parágrafo), o uso do acento grave é facultativo, pois “até” já cumpre a função de preposição.
- IV. No trecho “Conquistas femininas possibilitaram às mulheres denunciarem tudo que as objetifica” (3º parágrafo), o uso do acento grave é obrigatório para indicar a junção da preposição exigida pelo verbo “possibilitar” com o artigo “as”, que antecede o substantivo “mulheres”.
- V. Em “descobriu que as mulheres são mais propensas a investir” (6º parágrafo), o uso do acento grave diante do substantivo “mulheres” é facultativo, pois a conjunção “que” já cumpre a função de preposição.

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

- a) I, III e V.
- b) I, II e III.
- c) II, III e IV.
- d) II, IV e V.
- e) I, IV e V.

Exercício 49

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir é referência para a(s) questão(ões) a seguir.

Era uma vez um lobo vegano que não engolia a vovozinha, três porquinhos que se dedicavam _____ especulação imobiliária e uma estilista chamada Gretel que trabalhava de garçoneiro em Berlim. Não deveria nos surpreender que os contos tradicionais se adaptem aos tempos. Eles foram submetidos _____ alterações no processo de transmissão, oral ou escrita, ao longo dos séculos para adaptá-los aos gostos de cada momento. Vejamos, por exemplo, Chapeuzinho Vermelho. Em 1697 – quando a história foi colocada no papel –, Charles Perrault acrescentou _____ ela uma moral, com o objetivo de alertar as meninas quanto _____ intenções perversas dos desconhecidos. Pouco mais de um século depois, os irmãos Grimm abrandaram o enredo do conto e o coroaram com um final feliz. Se a Chapeuzinho Vermelho do século XVII era devorada pelo lobo,

não seria de surpreender que a atual repreendesse a fera por sua atitude sexista quando a abordasse no bosque. A força do conto, no entanto, está no fato de que ele fala por meio de uma linguagem simbólica e nos convida a explorar a escuridão do mundo, a cartografia dos medos, tanto ancestrais como íntimos. Por isso ele desafia todos nós, incluindo os adultos. [...]

A poetisa Wislawa Szymborska falou sobre um amigo escritor que propôs a algumas editoras uma peça infantil protagonizada por uma bruxa. As editoras rejeitaram a ideia. Motivo? É proibido assustar as crianças. A ganhadora do prêmio Nobel, admiradora de Andersen – cuja coragem se destacava por ter criado finais tristes –, ressalta a importância de se assustar, porque as crianças sentem uma necessidade natural de viver grandes emoções: “A figura que aparece [em seus contos] com mais frequência é a morte, um personagem implacável que penetra no âmago da felicidade e arranca o melhor, o mais amado. Andersen tratava as crianças com seriedade. Não lhes falava apenas da alegre aventura que é a vida, mas também dos infortúnios, das tristezas e de suas nem sempre merecidas calamidades”. C. S. Lewis dizia que fazer as crianças acreditar que vivem em um mundo sem violência, morte ou covardia só daria asas ao escapismo, no sentido negativo da palavra.

Depois de passar dois anos mergulhado em relatos compilados durante dois séculos, Italo Calvino selecionou e editou os 200 melhores contos da tradição popular italiana. Após essa investigação literária, sentenciou: “Le fiabe sono vere [os contos de fadas são verdadeiros]”. O autor de *O Barão nas Árvores* tinha confirmado sua intuição de que os contos, em sua “infinita variedade e infinita repetição”, não só encapsulam os mitos duradouros de uma cultura, como também “contêm uma explicação geral do mundo, onde cabe todo o mal e todo o bem, e onde sempre se encontra o caminho para romper os mais terríveis feitiços”. Com sua extrema concisão, os contos de fadas nos falam do medo, da pobreza, da desigualdade, da inveja, da crueldade, da avareza... Por isso são verdadeiros. Os animais falantes e as fadas madrinhas não procuram confortar as crianças, e sim dotá-las de ferramentas para viver, em vez de incutir rígidos padrões de conduta, e estimular seu raciocínio moral. Se eliminarmos as partes escuras e incômodas, os contos de fadas deixarão de ser essas surpreendentes árvores sonoras que crescem na memória humana, como definiu o poeta Robert Bly.

(Marta Rebón. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/eps/1537265048_460929>.

(Ufpr 2019) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do primeiro parágrafo, na ordem em que aparecem no texto:

- a) a – a – à – às.
- b) à – à – a – as.
- c) à – a – a – às.
- d) a – à – à – as.
- e) à – à – à – as.

Exercício 50

(G1 - ifsul 2018) Em qual trecho a substituição proposta gera erro no que diz respeito ao emprego do acento grave?

a) Passei dois anos escrevendo o livro que acabo de terminar. / Passei dois anos escrevendo a história que acabo de terminar.

b) ... sou capaz de escrever no meio daqueles idiotas que xingam as secretárias pelo celular... / Sou capaz de escrever no meio daqueles idiotas que humilham as secretárias pelo celular.

c) ... escrevi uma coluna como está sentado na primeira fila, ao lado de um bebê com dor de ouvido... / Escrevi uma coluna como está sentado na primeira fila, a esquerda de um bebê com dor de ouvido.

d) Foi tão grande o prazer de contar aquelas histórias... / Foi tão grande o prazer de referir-me àquelas histórias.

Exercício 51

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

¹– Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois da guerra. – Na Europa ²mataram ³milhões de judeus. Contava as ⁴experiências que ⁵os médicos nazistas faziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, faziam-nas encolher – à maneira, li depois, dos índios Jivaros. ⁶Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos transplantes: uniam a metade superior de um homem _____¹_____ metade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um bode. ⁷Felizmente ⁸morriam ⁹essas atrozidades quimeras; ¹⁰expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como aberrações. (_____²_____ essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava ¹¹que a descrição das maldades nazistas me deixava comovido.) ¹²Em 1948 ¹³foi proclamado ¹⁴o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho – o melhor vinho do armazém –, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio, acompanhando _____³_____ notícias da guerra no Oriente Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado: em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos, Guedali. Tipos esquisitos – aquilo me dava ideias. Por que não ir para Israel? ¹⁵Num país de gente tão estranha – e, ¹⁶ainda por cima, em guerra – eu certamente não chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pelas ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, ¹⁷varado de balas. ¹⁸Aquela, sim, era a ¹⁹morte que eu almejava, morte heroica, esplêndida justificativa para uma vida miserável, de monstro ²⁰encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num kibutz. Eu, que conhecia tão bem a vida numa fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do kibutz terminariam por me aceitar; numa nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

Adaptado de: SCLiar, M. *O centauro no jardim*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

(Ufrgs 2018) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas 1, 2 e 3, nessa ordem.

a) à – À – às

b) a – A – às

c) à – A – às

d) a – À – as

e) à – A – as

Exercício 52

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A arqueologia não pode ser ¹desvinculada de seu caráter aventureiro e romântico, ²cujas melhores imagens talvez seja, desde ³há alguns anos, as saborosas aventuras do arqueólogo Indiana Jones. Pois bem, quando do ⁴auge do sucesso de Indiana Jones, o arqueólogo brasileiro Paulo Zanettini escreveu um artigo no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, intitulado “Indiana Jones deve morrer!”. Para ele, assim como para outros arqueólogos profissionais, envolvidos com um trabalho ⁵árido, sério e distante das ⁶peripécias das telas, essa imagem aventureira é incômoda. O fato é que o arqueólogo, ⁷à diferença do historiador, do geógrafo ou de outros estudiosos, possui uma imagem muito mais atraente, inspiradora não só de filmes, mas também de romances e livros os mais variados. Bem, para usar uma expressão de Eça de Queiroz, ⁸“sob o manto ⁹diáfano da fantasia” escondem-se as histórias reais que fundamentaram ¹⁰tais percepções. ¹¹A arqueologia surgiu no ¹²bojo do Imperialismo do século XIX, como um subproduto da expansão das potências coloniais europeias e dos Estados Unidos, que procuravam enriquecer explorando outros territórios. Alguns dos primeiros arqueólogos de fato foram aventureiros, responsáveis, e não em pequena medida, pela fama que se propagou em torno da profissão.

Adaptado de Pedro Paulo Funari, *Arqueologia*

(Mackenzie 2018) Assinale a alternativa correta.

a) O pronome relativo *cujas* (ref. 2) refere-se à palavra *arqueologia*, denotando sentido de possessividade.

b) Em *há alguns anos* (ref. 3) a forma verbal também pode ser escrita sem a letra *h* inicial.

c) Pelas novas regras de ortografia, a palavra *auge* (ref. 4) também pode ser escrita na forma “auje”.

d) É opcional o emprego do acento indicador de crase em *a diferença* (ref. 7).

e) A expressão *tais percepções* (ref. 10) refere-se às imagens descritas em romances de Eça de Queiroz.

Exercício 53

(G1 - ifsul 2017) Quanto às regras de uso da crase, qual a única frase correta em seu emprego?

- a) Fiquem atentas à homens dominadores.
- b) Preciso estar pronta até às 13h, senão perderei o voo e todas as conexões.
- c) As mulheres discutiram cara a cara acerca da melhor forma de obedecer as leis.
- d) O endereço correto é daqui à duas quadras, à esquerda da avenida principal.

Exercício 54

(Eear 2017) Assinale a alternativa em que o emprego do acento grave, indicador de crase, está correto.

- a) Peça desculpas à seu mestre.
- b) Atribuiu o insucesso à má sorte.
- c) Quando a festa acabou, voltamos à casa felizes.
- d) Daqui à quatro meses muita coisa terá mudado.

Exercício 55

(G1 - ifsc 2017) Considerando o emprego do acento grave indicativo de crase, assinale (V) para as frases que estão de acordo com a norma padrão escrita da língua e (F) para aquelas que não estão.

- () Mesmo com muita chuva, Jean preferiu ir à pé.
- () Às vezes, Ana recorria às recomendações da mãe.
- () Sempre sai para o trabalho às sete horas.
- () Guilherme foi à Itália, à Espanha e à Áustria.
- () Raquel foi à cidade enquanto o marido foi à praia.

Assinale a alternativa que contém a sequência CORRETA das respostas, de cima para baixo.

- a) F – V – V – V – V.
- b) V – V – F – V – F.
- c) F – V – F – V – V.
- d) V – F – F – F – F.
- e) F – F – V – V – V.

Exercício 56

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto, do qual foram retiradas três palavras, e responda à(s) questão(ões).

Não ganhava mesada, nem ajuda de custo na infância. Eu me virava como dava. Recebia casa, comida e roupa lavada e não havia como miar, latir e _____ mais nada aos pais, só agradecer.

As minhas fontes de renda eram praticamente duas: procurar dinheiro nas bolsas vazias da mãe, torcendo para que deixasse alguma nota na pressa da troca dos acessórios, ou catar moedas nas ruas e nos bueiros.

A modalidade de caça a dinheiro perdido exigia disciplina e profissionalismo. Saía de casa pelas 13h e caminhava por duas horas, com a cabeça apontada ao meio-fio como pedra em estilingue. Varria a poeira com os pés e cortava o mato com canivete. Fui voluntário remoto do Departamento Municipal de Limpeza Urbana.

Gastava o meu Kichute em vinte quadras, do bairro Petrópolis ao centro. Voltava quando atingia a entrada do viaduto da Conceição e reiniciava a minha arqueologia monetária no outro lado da rua.

Levava um saquinho para colher as moedas. Cada tarde rendia o equivalente a três reais. Encontrar correntinhas, colares e _____ salvava o dia. Poderia revender no mercado paralelo da escola. As meninas pagavam em jujubas, bolo inglês e guaraná.

Já o bueiro me socializava. Convidava com frequência o Liquinho, vulgo Ricardo. Mais forte do que eu, ajudava a levantar a pesada e lacrada tampa de metal. Eu ficava com a responsabilidade de descer _____ profundezas do lodo. Tirava toda a roupa – a mãe não perdoaria o petróleo do esgoto – e pulava de cueca, apalpando às cegas o fundo com as mãos. Esquecia a nojeira imaginando as recompensas. Repartia os lucros com os colegas que me acompanhavam nas expedições ao submundo de Porto Alegre. Lembro que compramos uma bola de futebol com a arrecadação de duas semanas.

Espantoso o número de itens perdidos. Assim como os professores paravam no meu colégio, acreditava na greve dos objetos: moedas e anéis rolavam e cédulas voavam dos bolsos para protestar por melhores condições.

Sofria para me manter estável, pois nunca pedia dinheiro a ninguém. Desde cedo, descobri que vadiar é também trabalhar duro.

Disponível em: <
<http://carpinejar.blogspot.com.br/2016/06/achado-nao-e-roubado.html> > Acesso em: 22 jun. 2016.

(G1 - ifsul 2017) As palavras que completam, de maneira correta, as lacunas no texto, de cima para baixo, são, respectivamente,

- a) reivindicar – broxes – as.
- b) reivindicar – broches – as.
- c) reivindicar – broches – às.
- d) reivindicar – broxes – às.

Exercício 57

ACHADO NÃO É ROUBADO

Fabrizio Carpinejar

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Devemos mudar nosso estilo de vida. É preciso um pacto entre gerações

Os custos ligados ao desenvolvimento sustentável do planeta são infinitamente menores do que qualquer nossa inércia. Hoje, a dimensão e a velocidade da mudança climática desafiam qualquer negacionismo: comentamos sobre a seca prolongada, mas _____ algumas semanas estávamos _____ voltas com o gelo e antes disso com as chuvas aluviais. Alguns dizem que isso sempre aconteceu: não é verdade. A intensidade e a agressividade dos fenômenos meteorológicos estão na cara de todos. O clima extremo tem um impacto tangível na qualidade da produção agrícola, portanto em nossa alimentação e em nossa saúde e, portanto, nos números de nossa exportação que é baseada na excelência do agronegócio. Antes que seja tarde demais, algo deve ser feito: no plano global, é claro, mas também mudando nossos estilos de vida insustentáveis.

O comentário é de Andrea Segrè, agro-economista e professor universitário em Bolonha, escreveu "Il gusto per le cose giuste. Lettera alla generazione Z" (O gosto para as coisas certas. Carta _____ geração Z" (Monadori), publicado por la Repubblica, 12-03-2019. A tradução é de Luisa Rabolini.

Desde agosto do ano passado, Greta Thunberg nos lembra isso com insistência, antes uma estudante solitária acampada em frente ao parlamento sueco, agora líder do movimento Global Climate Strike. Os jovens estão nos dando uma grande lição: nós vivemos a crédito e deixaremos _____ eles um planeta no vermelho. A dívida pública e a dívida ecológica são apostas feitas jogando sobre o futuro daqueles que ainda não nasceram, e apenas um pacto intergeracional pode mitigar esse futuro em queda livre. Respeitar os acordos internacionais sobre o clima é apenas o primeiro passo: os resultados serão vistos em algumas gerações. Enquanto isso, devemos nos focar sobre a pesquisa e a formação, mesmo na agricultura. Assistimos, na Itália, ao envelhecimento da classe dos agricultores - 41% têm mais de 65 anos, apenas 4% têm menos de 35 anos. A agricultura inteligente pode nos ajudar contra a mudança climática com a tecnologia, mas precisamos saber como usá-la. A pesquisa pode desenvolver a resistência das plantas, mas é necessário investir.

Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/587390-devemos-mudar-nosso-estilo-de-vida-e-preciso-um-pacto-entre-geracoes>> Acesso em: 25 ago. 2019.

(G1 - ifsul 2020) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas acima

- a) à, as, a, a
- b) à, as, à, à
- c) há, às, a, a
- d) há, às, à, a

Exercício 58

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

*Salve, lindo pendão¹ da esperança,
Salve, símbolo augusto² da paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da pátria nos traz.
(trecho do Hino à Bandeira – letra de Olavo Bilac música de Francisco Braga)*

Glossário:

¹ Pendão – bandeira, flâmula

² Augusto – nobre

(Eear 2019) No fragmento do texto “*Tua nobre presença à lembrança A grandeza da pátria nos traz*”, ocorre crase

- a) por haver um verbo, embora posposto, que reclama a preposição “a”.
- b) por conta da presença da preposição “traz” que reclama a ocorrência de crase.
- c) para evitar a ambiguidade gerada pela inversão dos versos, tratando-se de uso de acento diferencial.
- d) para que o leitor reconheça o sujeito “à lembrança”, por meio do acento grave em seu adjunto adnominal “a”.

Exercício 59

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Escrever é um ato ¹não natural. ²A palavra falada é mais velha do que nossa espécie, e o instinto para a linguagem permite que as crianças engatem em conversas articuladas anos antes de entrar numa escola. ³Mas a palavra escrita é uma invenção recente que não deixou marcas em nosso ⁴genoma e precisa ser adquirida ⁵mediante esforço ao longo da infância e depois.

⁶A fala e a escrita diferem em seus mecanismos, ⁷é claro, e essa é uma das razões pelas quais ⁸as crianças precisam lutar com a escrita: reproduzir os sons da língua com um lápis ou com o teclado ⁹requer prática. ¹⁰Mas a fala e a escrita diferem também de outra maneira, o que faz da aquisição da escrita um desafio para toda uma vida, mesmo depois que seu funcionamento foi dominado. Falar e escrever envolvem tipos diferentes de relacionamentos humanos, e somente o que ¹¹diz respeito à fala nos chega naturalmente. A conversação falada é ¹²instintiva porque a interação social é instintiva: falamos às pessoas “com quem temos diálogo”. Quando começamos um diálogo com nossos interlocutores, temos uma suposição do que já sabem e do que poderiam estar interessados em aprender, e durante a conversa monitoramos seus olhares, expressões faciais e atitudes. Se eles precisam de esclarecimentos, ou não conseguem aceitar uma afirmação, ou têm algo a acrescentar, podem interromper ou replicar.

Não gozamos dessa troca de feedbacks quando lançamos ao vento um texto. Os destinatários são invisíveis e

¹³imperscrutáveis, e temos que chegar até eles sem conhecê-los bem ou sem ver suas reações. ¹⁴No momento em que escrevemos, o leitor existe somente em nossa imaginação. Escrever é, antes de tudo, um ato de faz de conta. Temos de nos imaginar em algum tipo de conversa, ou correspondência, ou discurso, ou solilóquio, e colocar palavras na boca do pequeno avatar que nos representa nesse mundo simulado.

Adaptado de Steven Pinker, *Guia de Escrita*

(Mackenzie 2018) Assinale a alternativa correta.

a) **É claro** (ref. 7) é oração intercalada que tem como função reafirmar o que se diz no período anterior.

b) Alterar a posição do advérbio **não** (ref. 1) para o início do período manteria o mesmo sentido do que se encontra no texto tal como está.

c) O conector **mas** (ref. 3) introduz período que semanticamente estabelece uma consequência em relação ao afirmado no período anterior.

d) É opcional o emprego do acento indicador de crase em **diz respeito à fala** (ref. 11), de acordo com as regras do acordo ortográfico mais recente.

e) O emprego da preposição **em** no trecho **no momento em que escrevemos** (ref. 14) é opcional, pois ela pode ser omitida, sem que com isso se incorra em erro de uso da norma culta da língua escrita.

Exercício 60

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

Carta do escritor Graciliano Ramos ao pintor Cândido Portinari

Rio – 18 – Fevereiro – 1946

¹Caríssimo Portinari:

A sua carta chegou muito atrasada, e receio que ²esta resposta já não ³o ache ⁴fixando na tela a nossa pobre gente da roça. Não há trabalho mais digno, penso eu. ⁵Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; ⁶contudo as deformações e miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram.

O que às vezes pergunto ⁷a mim mesmo, com angústia, Portinari, é ⁸isto: se elas desaparecessem, poderíamos continuar a trabalhar? Desejamos realmente que elas desapareçam ou seremos também uns exploradores, tão perversos como os outros, quando expomos desgraças? Dos quadros que você mostrou ⁹quando almocei no Cosme Velho pela última vez, o que mais me comoveu foi aquela mãe com a criança morta. Saí de sua casa com um pensamento horrível: numa sociedade sem classes e sem miséria seria possível fazer-se aquilo? Numa vida tranquila e feliz que espécie de arte surgiria? Chego a pensar que faríamos cromos, anjinhos cor-de-rosa, e isto me horroriza.

Felizmente a dor existirá sempre, a ¹⁰nossa velha amiga, nada a suprimirá. E ¹¹seríamos ingratos se ¹²desejássemos a supressão dela, não ¹³lhe parece? Veja como os nossos ricos em geral são burros.

Julgo naturalmente que seria bom enforcá-los, mas se isto nos trouxesse tranquilidade e felicidade, eu ficaria bem desgostoso, porque não nascemos para tal sensaboria. O meu desejo é que, eliminados os ricos de qualquer modo e os sofrimentos causados por eles, venham novos sofrimentos, ¹⁴pois sem isto não temos arte.

E adeus, ¹⁵meu grande Portinari. Muitos abraços para você e para Maria.

Graciliano

sensaboria: contratempo, monotonia

(Mackenzie 2018) Assinale a alternativa correta.

a) A forma pronominal *o* (referência 3) refere-se ao substantivo *trabalho*, presente no período imediatamente posterior ao do emprego do pronome citado.

b) O verbo *dizem* (referência 5) denota que se está diante de um sujeito da ação indeterminado, sem uma referência precisa e relativo a comentários que eram familiares aos interlocutores da carta.

c) É opcional o uso do acento indicador da crase em *a mim mesmo* (referência 7), de acordo com as regras atuais de ortografia e acentuação.

d) O referente do pronome *isto* (referência 8) é mencionado anteriormente ao uso da forma pronominal indicada.

e) A forma pronominal *lhe* (referência 13) refere-se anaforicamente ao substantivo *dor*, presente no início do parágrafo.

Exercício 61

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionadas ao texto abaixo.

Não faz muito que ¹temos esta nova TV com controle remoto, ²mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem ³o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para o outro – uma tarefa que antes exigia certa movimentação, ⁴mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto – ⁵zap, mudo para outro. ⁶Eu ⁷gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha mãe. ⁸Trata-se de uma pretensão fantasiosa, ⁹mas pelo menos ¹⁰indica ¹¹disposição para o humor, admirável nessa mulher. ¹²Sofre minha mãe. Sempre ¹³sofreu¹⁴: infância carente, pai cruel, etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu nasci, e estou agora

com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache ¹⁵isso um absurdo. Da tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. ¹⁶Não conheço nem quero conhecer, de modo que – ¹⁷zap – mudo de canal. “Não me abandone, Mariana, não me abandone¹⁸!”. Abandono, sim. Não tenho o menor ¹⁹remorso, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e – ²⁰zap – um homem ²¹falando. Um homem, abraçado _____1_____ guitarra elétrica, fala _____2_____ uma entrevistadora. É um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

É sobre mim que ²²ele fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio ²³constrangido – situação pouco admissível para um roqueiro de verdade –, diz que sim, que tem um filho só que não vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha que fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém, insiste (²⁴é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock²⁵? Que você saiba, seu filho gosta de rock²⁶?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso _____3_____ desbotada camisa, roça-²⁷lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência – e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embarça e à qual não sabe responder. E então ele me olha. ²⁸Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que, em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta _____4_____ pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? – mas aí comete um engano mortal²⁹: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro. Seu rosto se ilumina e ³⁰ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento – ³¹zap – aciono o controle remoto e ele some.

³²Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está – à exceção do pequeno relógio que usa no pulso – nua, completamente nua.

Adaptado de: SCLIAR, M. Zap. In: MORICONI, Í. (Org.) *Os cem melhores contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 547-548.

(Ufrgs 2017) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas 1, 2, 3 e 4, nesta ordem.

- a) à – a – à – a
- b) à – à – a – a
- c) a – à – a – à
- d) a – a – à – a

e) à – a – à – à

Exercício 62

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

AÇÚCAR, O NOVO CIGARRO

- Há um setor que vende um produto que faz mal à saúde do homem. Uma geração atrás, esse era o setor fumageiro, e o produto era o cigarro. Hoje, é o setor alimentício e o produto é o açúcar. O açúcar adicionado – não o açúcar natural que existe em frutas e legumes – está em tudo. Uma das maiores fontes são bebidas como refrigerantes, energéticos e sucos, mas um passeio pelo supermercado mostra que há açúcar adicionado a pães, iogurtes, sopas, vinhos, salsichas – na verdade, a quase todos os alimentos industrializados.
- Esse “açúcar invisível” recebe muitos nomes. Nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, o consumidor pode encontrar até 83 nomes diferentes para o açúcar adicionado. Sobre esse assunto, Helen Bond, nutricionista da Associação Dietética Britânica, diz: “É um marketing inteligente: palavras como ‘frutose’ fazem pensar que estamos reduzindo o açúcar adicionado, mas o fato é que estamos polvilhando açúcar branco sobre a comida.” Outros especialistas afirmam, ainda, que esse açúcar a mais é completamente desnecessário, pois, ao contrário do que a indústria alimentícia quer que acreditemos, o organismo não precisa da energia de nenhum açúcar adicionado.
- No Brasil, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde, o açúcar adicionado representa da ingestão total de açúcar do brasileiro. Ainda segundo o Ministério, o excesso de açúcar na dieta é fator de risco para o desenvolvimento da obesidade, embora o perigo para a saúde não seja só o desenvolvimento desse mal: há indícios que ligam o açúcar a doenças hepáticas, diabetes tipo 2, cardiopatias e cáries. Ainda assim, o setor de bebidas e alimentos continua a promover o açúcar, com muita publicidade de seus produtos açucarados. Grandes quantias também são empregadas para se opor à rotulagem mais explícita dos produtos e combater o aumento da tributação de alimentos e bebidas açucarados.
- Os defensores da saúde pública levantam a ideia de que duas abordagens bem-sucedidas na redução do hábito de fumar são necessárias no combate ao consumo excessivo de açúcar: a educação do consumidor e a tributação. Em janeiro de 2014, o México criou um imposto de sobre bebidas açucaradas, e sua venda caiu no primeiro ano. Na França, um imposto sobre refrigerantes criado em 2012 resultou no declínio gradual do consumo. A Noruega tributa alimentos e bebidas açucarados e divulga informações há muitos anos, com bons resultados. Em março deste ano, o chanceler britânico George Osborne anunciou a criação de um imposto sobre bebidas açucaradas a ser cobrado de produtores e importadores de refrigerantes.
- Embora tenha havido algum sucesso com a tributação, o setor de alimentos e bebidas continua a fazer pressão contra informar sobre o açúcar adicionado ao consumidor – mais uma vez, exatamente como fizeram as empresas fumageiras ao combaterem as tentativas do governo de pôr nas embalagens de cigarros mensagens alertando para o perigo de fumar (medida

adotada também no Brasil). Na esteira das preocupações em relação ao açúcar, o Ministério da Saúde e a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA) anunciaram recentemente que estudam um acordo para reduzir a quantidade de açúcar nos alimentos processados, semelhante ao que é feito com o sal. A primeira etapa deve começar em 2017, com análise das principais fontes de açúcar na dieta dos brasileiros.

ECENGARGER, William. AIKINS, Mary S. Açúcar, o novo cigarro (adaptado). *Revista Seleções*.

Disponível em: <<http://www.selecoes.com.br/acucar-o-novo-cigarro>>. Acesso: 01 out. 2016.

6. (G1 - ifpe 2017) Em relação ao uso do acento grave indicativo da crase, observe os termos destacados e analise as afirmativas a seguir.

I. Em “um produto que **faz mal à saúde** do homem (...)” (1º parágrafo), o acento grave foi bem empregado, pois há uma palavra feminina determinada pelo artigo definido “a” e um outro termo que exige a preposição “a”.

II. No trecho “são empregadas para se **opor à rotulagem** mais explícita (...)” (3º parágrafo), houve um equívoco no emprego do acento grave, visto que não há indicação de crase pela utilização dos termos destacados.

III. Em “**A Noruega** tributa alimentos e bebidas açucarados e divulga informações (...)” (4º parágrafo), o acento grave indicativo da crase deveria ter sido empregado pelo fato de “Noruega” ser um substantivo próprio feminino.

IV. No fragmento “imposto sobre bebidas açucaradas **a ser** cobrado de produtores e importadores (...)” (4º parágrafo), não foi empregado o acento grave pelo fato de sua utilização antes de verbos ser facultativa.

V. Em “fazer pressão contra informar sobre o açúcar adicionado **ao consumidor** (...)” (5º parágrafo), se substituíssemos a expressão destacada por “as pessoas”, haveria a ocorrência da crase e o acento grave deveria ser empregado no vocábulo “as”.

Estão CORRETAS apenas as afirmações constantes nos itens

a) II e III.

b) I e IV.

c) II e V.

d) III e IV.

e) I e V.

Exercício 63

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder à(s) questão(ões).

O acesso ¹à Educação é o ponto de partida

Mozart Neves

A Educação tem resultados profundos e abrangentes no desenvolvimento de uma sociedade: contribui para o crescimento econômico do país, para a promoção da igualdade e bem-estar social, e também tem impactos decisivos na vida de cada um. Um deles, por exemplo, é na própria renda do trabalhador. Uma análise feita _____ alguns anos pelo economista Marcelo Neri mostrou que, a cada ano a mais de estudo, o brasileiro ganha 15% a mais de salário. Além disso, o estudo também mostrou que quem completou o Ensino Fundamental tem 35% a mais de chances de ocupação que um analfabeto. Esse número sobe para 122% na comparação com alguém que tenha o Ensino Médio e 387% com Ensino Superior.

Diante disso, o direito do acesso ²à Educação é o ponto de partida na formação de uma pessoa e, conseqüentemente, no desenvolvimento e prosperidade de uma nação. ³Não obstante os avanços alcançados pelo Brasil nas duas últimas décadas⁴, ⁵ainda ⁶há ⁷importantes desafios a superarmos no que tange esse direito. Se ⁸por um lado conseguimos universalizar o atendimento escolar no Ensino Fundamental, temos ⁹ainda, por outro lado, 2,8 milhões de crianças e jovens de 4 a 17 anos fora da escola. Isso corresponde _____ um país do tamanho do Uruguai. O desafio, em termos de acesso, é a universalização da Pré-Escola (crianças de 4 e 5 anos) e do Ensino Médio (jovens de 15 a 17 anos).

Há outro desafio em jogo¹⁰: o de como motivar 5,3 milhões de jovens de 18 a 25 anos que nem estudam e nem trabalham, a chamada ¹¹“geração nem-nem”, para trazê-¹²los de volta _____ escola e, posteriormente, ¹³incluir-los no mundo do trabalho. Isso é essencial para um país que passa por um bônus demográfico que se completará, ¹⁴segundo os especialistas, em 2025. O país, para seu crescimento econômico e sua sustentabilidade, não poderá abrir mão de nenhum de seus jovens.

No Ensino Superior, o ¹⁵desafio não é menor. O Brasil tem apenas 17% de jovens de 18 a 24 anos matriculados nesse nível de ensino. Em conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE), o país precisará dobrar esse percentual nos próximos dez anos, ou seja, chegar _____ 33%. Para se ter uma ideia da complexidade dessa meta, esse era o percentual previsto no PNE que se concluiu em 2010. Isso exige – sem que haja perda de qualidade com essa expansão – que a educação básica melhore significativamente, tanto em acesso como em qualidade, tomando como referência os atuais índices de aprendizagem escolar.

O acesso ¹⁶à Educação é, ¹⁷portanto, ainda um desafio e, caso seja efetivado com qualidade, poderá contribuir decisivamente para que o país ¹⁸reduza o enorme hiato que separa o seu desenvolvimento econômico, medido pelo seu Produto Interno Bruto – PIB (o Brasil é o 7º PIB mundial) e o seu desenvolvimento social, medido pelo seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH (o Brasil ocupa a 75ª posição no ranking mundial). Somente quando o país alinhar ¹⁹esses índices nas melhores posições do ranking mundial, teremos de fato um Brasil com menos desigualdade e menos pobreza. Para que isso aconteça, não se conhece nada melhor do que a Educação.

(G1 - ifsul 2017) Para atender à norma culta, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com

- a) a – há – à – a.
- b) há – a – à – há.
- c) à – há – a – à.
- d) há – a – à – a.

Exercício 64

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

“[...] Alguns leitores ao lerem estas frases (poesia citada) não compreenderam logo. Creio mesmo que é impossível compreender inteiramente à primeira leitura pensamentos assim esquematizados sem uma certa prática.”

Mário de Andrade – Artista

(Esc. Naval 2017) Assinale a opção em que o termo destacado deve ser acentuado, conforme ocorre na expressão “à primeira leitura”.

- a) Veio, finalmente, a primeira vitória de sua carreira.
- b) Conheceram-se numa biblioteca: foi amor a primeira vista.
- c) Não será a primeira e nem a segunda leitura que o convencerá.
- d) Foi a primeira vez que viajei a Portugal, e já quero retornar.
- e) Não peça informações a qualquer primeira pessoa que encontrar.

Exercício 65

(Unifesp 2016)



(Bill Watterson. *O mundo é mágico: as aventuras de Calvin & Harold*, 2007. Adaptado.)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da tira.

- a) Por que – à – a – porquê
- b) Porquê – a – a – por que
- c) Por que – à – à – porque
- d) Por quê – à – à – porque
- e) Por quê – a – a – porque

Exercício 66

(Fatec 2016) Assinale a alternativa que apresenta o correto emprego da crase.

- a) Alguns atletas olímpicos irão à São Paulo fazer exames médicos periódicos.
- b) À um ano dos Jogos Olímpicos do Rio, é impossível adquirir alguns ingressos.
- c) Nossos atletas, à partir dessa semana, serão submetidos a novos treinamentos.
- d) Nenhum atleta dessa delegação pode comer o que deseja o tempo todo, à vontade.
- e) A homenagem à João Carlos de Oliveira, o João do Pulo, resgata a nossa história olímpica.

Exercício 67

(G1 - ifce 2016) Assinale a alternativa que exemplifica o uso **correto** da crase.

a) O jantar desta noite será um delicioso filé à Chatô.

b) Voltarei daqui à uma hora.

c) O fórum ocorrerá de 15 à 20 deste mês de janeiro.

d) Nosso curso começará à partir da próxima semana.

e) Irei à casa logo depois do treino.

Exercício 68

(Acafe 2016) Assinale a alternativa **correta** quanto ao acento indicador de crase.

a) Em tempos de doenças transmitidas à seres humanos pelo mosquito *Aedes aegypti*, médicos de todo o país dirigem-se à Curitiba para estudar temas transversais relacionados a dengue, a chikungunya e ao zika.

b) Convém não confundir a habitação voltada a moradia própria, mesmo que irregular, com a ação de especuladores, que, às vezes, invadem às áreas de preservação permanente e vendem até barracos prontos.

c) Temos que aprender à punir com o voto todos os corruptores, da direita a esquerda, ano a ano, independentemente da cor partidária.

d) Rosamaria recebeu do Juizado Militar a opção da liberdade vigiada e pôde sair da cadeia, embora a liberação tivesse fortes limitações como proibição de deixar a cidade, de chegar a casa após as 22h e de trabalhar.

Exercício 69

(G1 - col. naval 2016) Assinale a opção na qual o acento indicativo de crase foi corretamente empregado.

a) A leitura deve ser um prazer, mas muitos usam um tom irônico quando se referem à ela.

b) Às pessoas que leem cabe o papel de ver o mundo de modo claro, especial e lúcido, independentemente de classe social.

c) Quando os livros perdem espaço para o computador, a sociedade começa à perder oportunidades ímpares de conhecimento.

d) Até à Educação pode utilizar-se dos meios cibernéticos, desde que não abandone os valores primeiros de sua estrutura.

e) Quanto à Vossa Senhoria, peço que se retire agora mesmo desse tribunal para não causar maiores constrangimentos.

Exercício 70

(Acafe 2016) Assinale o texto cuja redação é a mais adequada à norma padrão da língua portuguesa.

a) Ao saber disso, alguém estaria falando que isto é “SAMBA DE CRIOLO DOIDO”, onde ninguém se entende, ninguém viu nada e muito menos não sabe de nada. E, nós ilustres brasileiros

estamos pasmos e sem saber o que fazer por que só pesa no nosso bolso e a vergonha nem se fala.

b) E importante esclarecer que somente a efetivação de funcionários derivada da realização e admissão através de concurso público possibilita a criação dos denominados planos de cargos e salários e caracteriza uma carreira, subordinada ao Estatuto dos Funcionários Públicos.

c) Brad Pitt, constrói 109 casas para as vítimas do furacão katrina, louvável a atitude, a tragédia ocorreu em Agosto de 2005, após dez anos, no País mais rico do mundo muitos vivem da caridade alheia!

d) É só pegar números de sindicalista liberados pelas estatais, só eles já da uma grande passeata, exemplo disso é o sindicato dos eletricitários onde tem um monte ganhando na mamata.

Exercício 71

(Acafe 2016) Assinale a frase elaborada de acordo com as normas do português padrão.

a) Sinceramente, temos a expectativa de que os nossos governantes passem a tratar com mais atenção as questões de segurança e, assim, a população possa circular com mais liberdade pelas ruas.

b) De acordo com os estudos de mobilidade urbana, deveriam haver outras alternativas de transporte para a população chegar a praia de Canasvieiras no verão.

c) Consumindo todas as energias nos primeiros 100 metros e, por isso, não alcançando o índice mínimo para participar da prova final.

d) Um estilete, uma faca, um porrete, um pedaço de ferro é uma arma que pode machucar a alguém com isso, ou mesmo matá-la.

Exercício 72

(G1 - cotil 2019) Observe os trechos abaixo e escolha aquele que mais se aproximar do padrão formal da norma culta, considerando os aspectos gramaticais, semânticos e lexicais:

a) ao contrário dos meninos ricos que na maioria das vezes se perdem dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas a míngua e ignorados muitas vezes por aqueles que tem o dever de acolhê-lo, com ele se envolver, se importar e cuidar deles.

b) ao contrário dos meninos ricos que, na maioria das vezes se perdem dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas a míngua e ignorados muitas vezes por aqueles que têm o dever de acolhê-lo, com ele se envolver, se importar e cuidar.

c) ao contrário dos meninos ricos, que, na maioria das vezes, perdem-se dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas à míngua e são ignorados, muitas vezes, por aqueles que têm o dever de acolhê-los, com eles se envolver e cuidar deles.

d) ao contrário dos meninos ricos que, na maioria das vezes, se perdem dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas a míngua e são ignorados, muitas vezes, por aqueles que tem o dever de acolhê-lo, com ele se envolver, se importar e cuidar deles.

Exercício 73

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

“Para que ninguém a quisesse”

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as joias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiu-lhe os longos cabelos.

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair. Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras. Uma fina saudade, porém, começou a alinhar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela. Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos. Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda.

(COLASANTI, Marina. *Um espinho de Marfim & outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 88 - 89.)

(Epcar (Afa) 2019) Assinale a alternativa que apresenta uma análise morfossintática correta.

a) Em “...um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela...”, a crase obrigatoriamente deixará de existir caso o pronome “se” seja retirado da estrutura, sem mudança de sentido.

b) Em “À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos.”, a expressão “de cetim” e o pronome “lhe” possuem a mesma classificação sintática.

c) Em “...sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes...”, a vírgula é obrigatória para separar duas orações coordenadas.

d) Em “...permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos...”, todos os acentos tônicos se justificam pela mesma regra.

Exercício 74

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Passeio à Infância

Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados. E como faz calor, veja, os lagostins saem da toca. Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás? Ou vamos ficar bestando nessa areia onde o sol dourado atravessa a água rasa? Não catemos pedrinhas redondas para atiradeira, porque é urgente subir no morro; os sanhaços estão bicando os caju maduros. É janeiro, grande mês de janeiro!

Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude. Com dois paus de pita, faremos uma balsa, e, como o carnaval é só no mês que vem, vamos apanhar tabatinga para fazer formas de máscaras. Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.

Se quiser, vamos. Converta-se, bela mulher estranha, numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?

Bem pouca coisa eu sei: mas tudo que sei lhe ensino. Estaremos debaixo da goiabeira; eu cortarei uma forquilha com o canivete. Mas não consigo imaginá-la assim; talvez se na praia ainda houver pitangueiras... Havia pitangueiras na praia? Tenho uma ideia vaga de pitangueiras junto à praia. Iremos catar conchas cor-de-rosa e búzios crespos, ou armar o alçapão junto do brejo para pegar papa-capim. Quer? Agora devem ser três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de fruta-pão assada com manteiga? Eu lhe vou aipim ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco.

Mas eu a levarei para a beira do ribeirão, na sombra fria do bambual; ali pescarei piaus. Há rolinhas. Ou então ir descendo o rio numa canoa bem devagar e de repente dar um galope na correnteza, passando rente às pedras, como se a canoa fosse um cavalo solto. Ou nadar mar afora até não poder mais e depois virar e ficar olhando as nuvens brancas. Bem pouca coisa eu sei; os outros meninos riram de mim porque cortei uma iba de assa-peixe. Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros, e havia uma mulher do outro lado do rio gritando.

Mas como eu poderia, mulher estranha, convertê-la em menina para subir comigo pela capoeira? Uma vez vi uma urutu junto de um tronco queimado; e me lembro de muitas meninas. Tinha uma que para mim uma adoração. Ah, paixão da infância, paixão que não amarga. Assim eu queria gostar de você, mulher estranha que ora venho conhecer, homem maduro. Homem maduro, ido e vivido; mas quando a olhei, você estava distraída, meus olhos eram outra vez daquele menino feio do segundo ano primário que quase não tinha coragem de olhar a menina um pouco mais alta da ponta direita do banco.

Adoração de infância. Ao menos você conhece um passarinho chamado saíra? É um passarinho miúdo: imagine uma saíra grande que de súbito aparecesse a um menino que só tivesse visto coleiros e curios, ou pobres cambaxirras. Imagine um arco-íris visto na mais remota infância, sobre os morros e o rio. O menino da roça que pela primeira vez vê as algas do mar se balançando sob a onda clara, junto da pedra.

Ardente da mais pura paixão de beleza é a adoração da infância. Na minha adolescência você seria uma tortura. Quero levá-la para a meninice. Bem pouca coisa eu sei; uma vez na

fazenda rira: ele não sabe nem passar um barbicacho! Mas o que sei lhe ensino; são pequenas coisas do mato e da água, são humildes coisas, e você é tão bela e estranha! Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras, o joelho ralado, um pouco de lama seca do brejo no meio dos dedos dos pés.

Linda como a areia que a onda ondeou. Saíra grande! Na adolescência e torturaria; mas sou um homem maduro. Ainda assim às vezes é como um bando de sanhaços bicando os caju de meu cajueiro, um cardume de peixes dourados avançando, saltando ao sol, na piracema; um bambual com sombra fria, onde ouvi um silvo de cobra, e eu quisera tanto dormir. Tanto dormir! Preciso de um sossego de beira de rio, com remanso, com cigarras. Mas você é como se houvesse demasiadas cigarras cantando numa pobre tarde de homem.

Julho, 1945

Crônica extraída do livro *200 crônicas escolhidas*, de Rubem Braga

(Efomm 2019) A possibilidade da presença de um acento grave ocorre na opção:

a) *Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude.*

b) *Mas eu a levarei para a beira do ribeirão, na sombra fria do bambual; ali pescarei piaus.*

c) *Ou nadar mar afora até não poder mais e depois virar e ficar olhando as nuvens brancas.*

d) *(...) olhos daquele menino feio do segundo ano primário que quase não tinha coragem de olhar a menina um pouco mais alta da ponta direita do banco.*

e) *O menino da roça que pela primeira vez vê as algas do mar se balançando sob a onda clara, junto da pedra.*

Exercício 75

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia atentamente o texto a seguir que servirá de base para a(s) questão(ões) a seguir.

As pessoas se ofendem com quem é autêntico

Marcel Camargo

“Ser autêntico virou ofensa pessoal. Ou a criatura faz parte do rebanho, ou é um metido a besta.” (Martha Medeiros)

Uma de nossas características enquanto seres humanos **gregários** vem a ser a necessidade de interação com o próximo e, para tanto, precisamos ser aceitos. É na comunicação com o mundo que nos rodeia que amadurecemos nossas ideias e nos tornamos capazes de agir frente ao que nos desagrada. Em

determinadas situações, é em grupo que nos fortaleceremos e nos motivaremos a continuar.

Essa necessidade de aceitação é mais forte entre os adolescentes, que querem se autoafirmar junto àqueles com os quais se identifica, ou mesmo junto aos que julgam **descolados**. A maturidade vem nos tranquilizar nesse sentido, facilitando nossa conformidade com o que somos e temos, tornando-nos mais aptos a nos aceitar, a sermos o que pulula aqui dentro. Infelizmente, muitos não conseguem encontrar a própria individualidade, incapazes que são de se tornarem seres autônomos, com vontades e desejos próprios, permanecendo dependentes do julgamento alheio enquanto viverem. Passam a vida seguindo o rebanho homogêneo do que é comum, socialmente **disseminado** como o certo, do que é da maioria, menos de si próprio. Lutam contra si mesmos, deixando adormecidos seus sonhos e aspirações, por medo da censura alheia.

Isso porque não é fácil viver as próprias verdades, correr atrás do que faz o nosso coração vibrar, dizer o que sentimos, exprimir o que pensamos, haja vista o policiamento **ostensivo** de gente que critica agressivamente qualquer um que não siga o rebanho dos ditames e convenções sociais já cristalizadas. Hoje, ser alguém único, autêntico, verdadeiro consigo mesmo, é ofensivo e passível de ataques condenatórios por parte da sociedade.

Até entendemos a **homogeneidade** nas vestimentas e linguajares de adolescentes, porém, a vida adulta nos impõe nada menos do que viver o que se é, lutar pelo que se acredita, fazer o que se gosta, sem ferir ninguém, mas agindo de acordo com o que pulsa dentro de cada um de nós. Agradar a maioria, enquanto se vive em desagrado íntimo, equivale a uma tortura diária e injusta. Nascemos livres para sermos nós mesmos, porque não há nada mais belo e prazeroso do que uma vida sem mentiras e frustrações.

Fonte: <http://www.contioutra.com/pessoas-se-ofendem-com-quem-e-autentico/>. 27 abr. 2017.

(G1 - utfpr 2018) Assinale a alternativa que reescreve adequadamente o trecho a seguir, retirado do texto, eliminando a inadequação nele presente e preservando o sentido: “Essa necessidade de aceitação é mais forte entre os adolescentes, que querem se autoafirmar junto àqueles com os quais se identifica...”

a) Nos adolecentes, que querem se autoafirmar junto aqueles com os quais se identifica, a necessidade de aceitação é mais forte.

b) Esta necessidade de aceitação são mais fortes entre os adolescentes, que querem se alto afirmarem junto aqueles quando se identificam.

c) Essa necessidade de aceitação é mais forte no adolescente, que quer se autoafirmar junto àqueles com os quais se identifica.

d) No adolescente, onde querem se autoafirmar junto àqueles com que se identificam, a necessidade de aceitação é mais forte.

e) Esta necessidade de aceitação é mais forte quando adolescentes, porque querem se autoafirmar junto com aqueles em que se identifica.

Exercício 76

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O MITO DO TEMPO REAL

O descompasso entre a velocidade das máquinas e a capacidade de compreensão de seus usuários leva a um quadro de ansiedade social sem precedentes. Em blogs, redes sociais, podcasts e mensagens eletrônicas diversas todos pedem desculpas pela demora em responder às demandas de seus interlocutores, impacientes como nunca. E-mails que não sejam atendidos em algumas horas acabam encaminhados para outras redes, em um apelo público por uma resposta.

No desespero por contato instantâneo, telefones chamam repetidamente em horas impróprias, mensagens de texto são trocadas madrugada adentro, conversas multiplicam-se por comunicadores instantâneos e toda ocasião – do trânsito ao banheiro, do elevador à cama, da hora do almoço ao fim de semana – parece uma lacuna propícia para se resolver uma pendência.

[...]

A resposta imediata a uma requisição é chamada tecnicamente de “tempo real”, mesmo que não haja nada verdadeiramente real nem humano nessa velocidade. O tempo imediato, sem pausas nem espera, em que tudo acontece num estalar de dedos é uma ficção. Desejá-lo não aumenta a eficiência. Pelo contrário, pode ser extremamente prejudicial.

Muitos combatem a superficialidade nas relações digitais pelos motivos errados, questionando a validade dos “amigos” no Facebook ou “seguidores” no Twitter ao compará-los com seus equivalentes analógicos. O problema não está na tecnologia, mas na intensidade dispensada em cada interação. Seja qual for o meio em que ele se dê, o contato entre indivíduos demanda tempo, e nesse tempo não é só a informação pura e simples que se troca. Festas, conversas, leituras, relacionamentos, músicas e filmes de qualidade não podem ser acelerados ou resumidos a sinopses. Conversas, ao vivo ou mediadas por qualquer tecnologia, perdem boa parte de sua intensidade com a segmentação. O tempo empenhado em cada uma delas é muito valioso; não faz sentido economizá-lo, empilhá-lo ou segmentá-lo. O tempo humano (que talvez seja irreal, se o “outro” for provado real) é bem mais lento. Nossas vidas são marcadas tanto pela velocidade quanto pela lentidão.

[...]

Essa quebra da sequência histórica faz com que muitos processos pareçam herméticos ou misteriosos demais. Quando não há uma compreensão das etapas componentes de um processo, não há como intervir nelas, propondo correções, adaptações ou melhorias. **Tal** impotência leva a uma apatia, em que as condições impostas são aceitas por falta de alternativa. Escondidos seus processos industriais, os produtos adquirem uma aura quase divina, transformando seus usuários em consumidores vorazes, **que** se estapeiam em lojas à procura do último aparelho eletrônico que se proponha a preencher o vazio que sentem.

Incapazes de propor alternativas ou sugerir mudanças, os consumidores são estimulados pela publicidade a um gigantesco

hedonismo e pragmatismo. A facilidade de acesso à abundância leva a uma passividade e a um pensamento **pragmático** que defende a ideia de “vamos aproveitar agora, pois quando acontecer um problema alguém terá descoberto a solução”, visível na forma com que se abordam problemas de saúde, obesidade, consumo, lixo eletrônico, esgotamento de recursos e poluição ambiental. Em alta velocidade há pouco espaço para a reflexão. Reduzidos a impulsos e reflexos, corremos o risco de deixar para trás tudo aquilo que nos diferencia das outras espécies.

(Luli Radfahrer. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luliradfahrer/1191007-o-mito-do-tempo-real.shtml>.)

5. (G1 - utfpr 2017) Analise o uso da crase no fragmento:

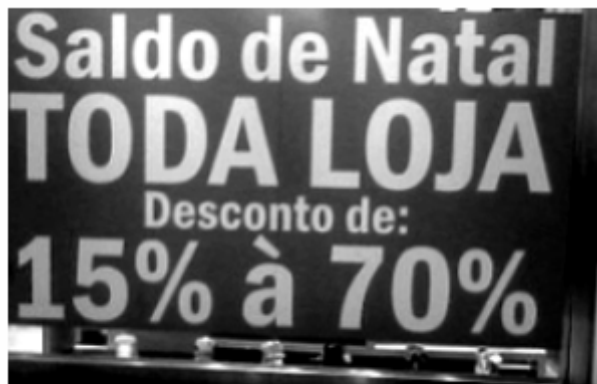
“Escondidos seus processos industriais, os produtos adquirem uma aura quase divina, transformando seus usuários em consumidores vorazes, que se estapeiam em lojas à procura do último aparelho eletrônico.”

Assinale a alternativa em que o emprego da crase se justifica pelo mesmo uso que no fragmento acima.

- a) Ela ficou parada à espera de uma oportunidade para dar sua opinião.
- b) Os imigrantes sírios voltaram à terra de seus antepassados.
- c) Todos os funcionários do jornal foram à Lapa inaugurar a gráfica.
- d) Dirigia-se àquela população como seu reduto eleitoral.
- e) A placa indicava que era proibido virar à esquerda nesta rua.

Exercício 77

(G1 - ifba 2016) A imagem a seguir representa um cartaz retirado de um ambiente virtual. Em relação ao uso do acento indicativo de crase, a frase presente na imagem está:



Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/toda-letra/crase-parte-i>>. Acesso em: 18.09.2015.

- a) correta, tal como em “Ele caminhava à passo firme”.
- b) incorreta, tal como em “Encontraram-se às 18 horas”.

c) incorreta, tal como em “Esta é a escola à qual se referiram”.

d) correta, tal como em “Fui àquela praça, mas não o encontrei”.

e) incorreta, tal como em “Dirigiu-se ao local disposto à falar com o delegado”.

Exercício 78

(G1 - ifsc 2016) Considerando a norma padrão da língua escrita, assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Na última terça-feira, fui ao cinema para ver o último filme de Woody Allen. Embora a crítica não tenha se posicionado favoravelmente ao longa-metragem, a sessão à qual assisti estava praticamente lotada.

b) Os jornais publicaram uma notícia terrível sobre os temporais ocorridos no oeste do estado. Apesar das matérias serem esclarecedoras, nenhum de nós compreendemos bem o que e como tudo aconteceu.

c) Ontem à tarde, levei as nossas filhas a praça para brincarem no parquinho. Quando voltamos, elas tomaram banho, jantaram e foram se deitar. Como estavam cansadas, deixei-as dormirem bastante.

d) No último encontro, expliquei aos alunos toda à situação. A maioria da turma entendeu e concordou com os motivos pelos quais ficaram sem aula nos dois primeiros meses do ano.

e) Na reunião dos diretores, ficou estabelecido que todos os inscritos participarão do debate na Câmara de Vereadores do município. Embora os governantes tem de discutir as propostas, a responsabilidade não cabe apenas a eles.

Exercício 79

(G1 - utfpr 2015) Analise a frase:

Poderão concorrer às vagas reservadas a candidatos negros aqueles que se autodeclararem pretos ou pardos no ato da inscrição no concurso público, conforme o quesito cor ou raça utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE).

Considerando o texto acima, assinale a alternativa correta quanto às regras gramaticais.

a) O verbo poder está no plural porque concorda com “aqueles”.

b) O verbo concorrer exige complemento e se este for feminino plural não deve vir com crase.

c) O termo “utilizado” refere-se à expressão “cor ou raça”.

d) O adjetivo “reservadas” refere-se a “inscrição”.

e) A conjunção “conforme” pode ser substituída por “já que”.

Exercício 80

(G1 - col. naval 2015) Assinale a opção **INCORRETA** no que se refere ao emprego do acento grave.

a) Sempre que os pais atribuem à escola muitas responsabilidades, algo está errado.

b) Ensinar à distância é uma tarefa árdua, mas bastante desafiadora para todos nós.

c) Por motivos óbvios, todos sabem que as redações devem, sempre, ser redigidas à mão.

d) Cabe à sociedade auxiliar na construção da cidadania de crianças e de jovens, em qualquer tempo.


e) Se a escola entrega à população uma educação de qualidade, jovens e crianças têm um futuro promissor.

Exercício 81

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder a(s) questão(ões), leia o texto a seguir.

A humanidade parece ter um problema recorrente com o uso do sal [...]. O historiador britânico Felipe Fernandez-Arnesto, da Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, diz que, desde que os primeiros humanos deixaram de ser nômades, houve um crescimento explosivo do uso do sal. A ingestão diária aumentou cinco ou seis vezes desde o período paleolítico – com enorme aceleração nas últimas décadas. A American Heart Association, que reúne os cardiologistas americanos, estima que mudanças no estilo de vida provocaram aumento de no consumo de sal desde os anos 1970. Em boa medida, graças ¹ao consumo de comida industrializada.

A culpa pelo abuso do sal não deve, porém, ser atribuída somente ²à indústria. A maior responsabilidade cabe ao nosso paladar. Os especialistas acreditam que a natureza gravou em nosso cérebro circuitos que condicionam a gostar de sal e procurar por ele – em razão do sódio essencial que contém. A indústria, assim como a arte gastronômica, responde ³ao desejo humano. “É provável que o sal seja tão apreciado porque tem a capacidade de ativar o sistema de recompensa do nosso cérebro”, diz o neurofisiologista brasileiro Ivan de Araújo, afiliado a Universidade Yale, nos Estados Unidos. Isso significa que sal nos deixa felizes [...]. Com base nas repercussões negativas na saúde pública, muitos médicos têm falado em “epidemia salgada” e promovido um movimento similar ⁴àquele que antecedeu as restrições impostas ao tabaco e ao álcool. Desde 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) faz campanhas para chamar a atenção sobre o excesso de sal. O movimento que defende as restrições ao sal já chegou ⁵ao Brasil. Na segunda quinzena de junho, reuniram-se em Brasília representantes do meio acadêmico, da indústria de alimentos, técnicos do Ministério da Saúde, da Agricultura e da Anvisa, agência federal que regulamenta a venda de comida industrializada e remédios. Como meta, discutiu-se passar, em dez anos, de gramas *per capita* de sal por dia para os gramas recomendados pela OMS. “Essa mudança ajudaria a baixar em a pressão arterial dos brasileiros. Seria  milhão de pessoas livres de medicação para hipertensão”, diz a nefrologista Frida Plavnik, representante da Sociedade Brasileira de Hipertensão na reunião. ⁶Segundo ela, haveria queda de

nas mortes causadas por derrames e de naquelas ocasionadas por infarto.

Fonte: *Época*. Seção Saúde & Bem-estar. 26 jul. 2010. p. 89-94.
(adaptado)

Viva melhor com menos sal

(Ufsm 2015) Assinale a alternativa em que a substituição proposta mantém o sentido no texto e está de acordo com a norma-padrão.

- a) “ao consumo” (ref. 1) por *a utilização*
- b) “a indústria” (ref. 2) por *à processos industriais*
- c) “ao desejo humano” (ref. 3) por *à vontade das pessoas*
- d) “aquele” (ref. 4) por *aquela campanha*
- e) “ao Brasil” (ref. 5) por *no país*

Exercício 82

(G1 - cps 2018) Leia a tirinha.



QUINO (Joaquín Salvador Lavado). *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 256.

A interpretação do humor da tirinha se dá, em partes, pelo entendimento do funcionamento da crase utilizada no segundo quadrinho.

Assinale a alternativa em que há a explicação correta para **esse caso específico** do uso da crase.

- a) O verbo “chegar” estabelece, no segundo quadrinho, regência com a preposição “a”, a qual se aglutina com o artigo que sucede o verbo.
- b) O uso da crase é opcional, pois a regência nominal do substantivo “primavera” determina o uso do artigo “a”.
- c) Sempre que o verbo “chegar” estiver conjugado na primeira pessoa do singular haverá a crase.
- d) O uso da crase é facultativo, uma vez que sucede uma locução prepositiva.
- e) Antes de pronomes possessivos femininos o uso da crase é obrigatório.

Exercício 83

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

MAIS QUE ORWELL, HUXLEY PREVIU NOSSO TEMPO

Hélio Gurovitz

Publicado em 1948, o livro *1984*, de George Orwell, saltou para o topo da lista dos mais vendidos (...) ¹A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo. (...) ²O mundo da “pós-verdade”, dos “fatos alternativos” e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia, publicada em 1932: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

³Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* (⁴Nos divertindo até morrer), lembrado por seu filho Andrew em artigo recente no *The Guardian*. “Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão para despojar a população de autonomia, maturidade ou história”, escreveu Postman. “Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiriam os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-los. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. ⁵Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância.”

⁶No futuro pintado por Huxley, (...) não há mães, pais ou casamentos. O sexo é livre. A diversão está disponível na forma de jogos esportivos, cinema multissensorial e de uma droga que garante o bem-estar sem efeito colateral: o soma. Restaram na Terra dez áreas civilizadas e uns poucos territórios selvagens, onde ⁷grupos nativos ainda preservam costumes e tradições primitivos, como família ou religião. “O mundo agora é estável”, diz um líder civilizado. “As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; ⁸não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; ⁹não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma.”

¹⁰Para chegar à estabilidade absoluta, foi necessário abrir mão da arte e da ciência. “A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo”, diz o líder. “Cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais que a verdade e a beleza, o que importava.” A verdade é considerada uma ameaça; a ciência e a arte, perigos públicos. Mas não é necessário esforço totalitário para controlá-las. Todos aceitam de bom grado, fazem “qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada” e de sua dose diária de soma. “Não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade.”

No universo de Orwell, a população é controlada pela dor. No de Huxley, pelo prazer. “Orwell temia que nossa ruína seria causada pelo que odiamos. Huxley, pelo que amamos”, escreve Postman. Só precisa haver censura, diz ele, se os tiranos acreditam que o público sabe a diferença entre discurso sério e entretenimento. (...) O alvo de Postman, em seu tempo, era a televisão, que ele julgava ter imposto uma cultura fragmentada e superficial,

incapaz de manter com a verdade a relação reflexiva e racional da palavra impressa.¹¹ O computador só engatinhava, e Postman mal poderia prever como celulares, tablets e redes sociais se tornariam – bem mais que a TV – o soma contemporâneo. Mas suas palavras foram prescientes: “O que afligia a população em *Admirável mundo novo* não é que estivessem rindo em vez de pensar, mas que não sabiam do que estavam rindo, nem tinham parado de pensar”.

Adaptado, *Revista Época* nº 973 – 13 de fevereiro de 2017, p. 67.

Distopia = Pensamento, filosofia ou processo discursivo caracterizado pelo totalitarismo, autoritarismo e opressivo controle da sociedade, representando a antítese de utopia. (BECHARA, E. *Dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011, p. 533).

(Epcar (Afa) 2018) Assinale a alternativa em que o aspecto gramatical analisado está correto.

a) Em “Para chegar à estabilidade absoluta...” (ref. 10), se acrescentado o pronome possessivo sua antes da palavra estabilidade, a obrigatoriedade do acento indicativo de crase se desfaz.

b) Em “stalinismo” e “egoísmo”, o sufixo utilizado nas palavras indica, além da flexão de grau, a noção de origem, de estado ou qualidade do nome primitivo.

c) Os vocábulo “chegar”, “absoluta”, “ciência” e “temia” apresentam, respectivamente, dígrafo, encontro consonantal, hiato e ditongo oral crescente.

d) O último período do texto foi apresentado entre aspas para indicar que nele há um erro de concordância.

Exercício 84

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Onde mora sua muiteza?

A infância é um lugar complexo. Para quem já cresceu, foi aquele espaço em que moramos quando ainda não tínhamos muita memória. Aqueles dias e noites que se sucediam sem grandes planos em um corpo que mudava diariamente. Muito grande. Muito pequeno. Muito alto. Muito baixo.

Quando criança, entediada,¹ Alice seguiu um coelho até sua toca e lá se viu em um espaço totalmente novo. Um espaço onírico que reproduzia suas ansiedades e ensinava-lhe a buscar dentro de si mesma recursos que lhe permitissem seguir em frente. Tentando fazer sentido do espaço onde se encontrava, Alice foi protagonista de uma experiência fantástica de descoberta. Ela descobriu que viver não é fácil, às vezes a vida é um jogo, mas mesmo assim vale a pena.

²Anos mais tarde, já adulta, prestes a embarcar em um casamento arranjado, com um noivo patético, Alice se deixa

conduzir novamente a esse espaço que lhe é familiar, mas do qual não lembra quase nada.³ É um lugar que fica no jardim, no buraco de uma árvore e, pasmem, onde mora um coelho de cartola e relógio!

⁴É lá que ela, lembrando aos poucos de que já os conhecia, encontra velhos amigos que são rápidos em tecer críticas a seu respeito, dizendo, inclusive, que ela é a Alice “errada”.⁵ Mas é a crítica do Chapeleiro Maluco que a atinge em cheio: *você não é a mesma de antes, você era muito mais “muita”*,⁶ *você perdeu sua muiteza. Lá dentro. Falta alguma coisa*. De todas as coisas que Alice esqueceu de compreender desse lugar, talvez essa seja a que faça mais sentido.⁷ Talvez isso explique tudo. Talvez tenha sido isso que ela fora até lá buscar.

A criança que fomos ocupa um espaço dentro de nós, nesse acúmulo de experiências que é a vida.⁸ É nesse espaço que guardamos os joelhos ralados, as descobertas, os medos, a alegria e a força que nos impulsiona para a frente. Há espaços mais sombrios, outros mais claros. Muitos de nós já esqueceram o caminho para esse lugar. Estamos ocupados demais com as coisas grandes para tentar encontrar uma toca de coelho que nos leve para dentro da terra. Então vivemos assim, sempre muito ocupados, sempre muito atrasados, com coisas sérias e importantes a fazer. E vagamos.⁹ Vagamos pelo mundo com alguma coisa faltando. Lá dentro.

É na infância que mora a nossa muiteza. E é para lá que devemos voltar para encontrá-la, sempre que essa pantomima a qual chamamos de vida adulta nos puxa e empurra forte demais.

LHULLIER, Luciana. Onde mora sua muiteza? In: *No coração da floresta* (blog). 08 out. 2013 (adaptado). Original disponível em: <<https://contesdesfee.wordpress.com/page/2/>>.

Acesso: 05 ago. 2016.

Vocabulário:

Onírico: de sonho e/ou relativo a sonho.

Pantomima: representação teatral baseada na mímica (ou seja, em gestos corporais); por extensão, situação falsa, representação, ilusão, fraude.

Patético: que provoca sentimento de piedade ou tristeza; indivíduo digno da piedade alheia.

3. (G1 - ifsul 2017) Observe esta frase retirada do texto.

“É nesse espaço que guardamos os joelhos ralados, as descobertas, os medos, a alegria e a força que nos impulsiona para a frente.” (referência 8)

Se a frase for reescrita, substituindo-se o trecho destacado por “É esse o espaço reservado...”, fazendo as devidas adaptações, em qual das alternativas **NÃO** há nenhuma incorreção quanto ao emprego da crase?

a) É esse o espaço reservado aos joelhos ralados, as descobertas, aos medos, a alegria e a força que nos impulsiona para a frente.

b) É esse o espaço reservado aos joelhos ralados, as descobertas, aos medos, à alegria e à força que nos impulsiona para a frente.

c) É esse o espaço reservado aos joelhos ralados, às descobertas, aos medos, à alegria e à força que nos impulsiona para a frente.

d) É esse o espaço reservado aos joelhos ralados, às descobertas, aos medos, a alegria e a força que nos impulsiona para a frente.

Exercício 85

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a tira abaixo, para resolução da(s) questão(ões).



(Disponível em www.depositodetiras.com.br. Acesso em out 2015).

(G1 - ifsul 2016) A crase presente na fala do último quadrinho baseia-se na regra gramatical que prescreve utilizar crase

a) antes de substantivo concreto.

b) antes de palavra feminina regida pela preposição "a".

c) depois de pronome demonstrativo.

d) depois de verbo transitivo direto.

Exercício 86

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

FELICIDADE CLANDESTINA

Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saude”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de

minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando-me mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Com base no texto acima, **responda** à(s) questão(ões) a seguir.

(Efomm 2016) Uma situação de crase **FACULTATIVA** aparece na opção:

- a) (...) *lá estava eu à porta de sua casa (...)*
- b) *Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde (...)*
- c) (...) *perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta (...)*
- d) *Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer.*
- e) *Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina (...)*

Exercício 87

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

Laivos de memória

“... e quando tiverem chegado, vitoriosamente, ao fim dessa primeira etapa, mais ainda se convencerão de que abraçaram uma carreira difícil, árdua, cheia de sacrifícios, mas útil, nobre e, sobretudo bela.”

(NOSSA VOGA, Escola Naval, Ilha de Villegagnon, 1964)

Há quase 50 anos, experimentei um misto de angústia, tristeza e ansiedade que meu jovem coração de adolescente soube suportar com bravura. Naquela ocasião, despedia-me dos amigos de infância e da família e deixava para trás bucólica cidadezinha da região serrana fluminense. A motivação que me levava a abandonar gentes e coisas tão caras era, naquele momento, suficientemente forte para respaldar a decisão tomada de dar novos rumos à minha vida. Meu mundo de então se tornara pequeno demais para as minhas aspirações. Meus desejos e sonhos projetavam horizontes que iam muito além das montanhas que circundam minha terra natal.

Como resistir à sedução e ao fascínio que a vida no mar desperta nos corações dos jovens?

Havia, portanto, uma convicção: aquelas despedidas, ainda que dolorosas – e despedidas são sempre dolorosas – não seriam certamente em vão. Não tinha dúvidas de que os sonhos que acalentavam meu coração pouco a pouco iriam se converter em realidade.

Em março de 1962, desembarcávamos do Aviso Rio das Contas na ponte de atracação do Colégio Naval, como integrantes de mais uma Turma desse tradicional estabelecimento de ensino da Marinha do Brasil.

Ainda que a ansiedade persistisse oprimindo o peito dos novos e orgulhosos Alunos do Colégio Naval, não posso negar que a tristeza, que antes havia ocupado espaço em nossos corações, era naquele momento substituída pelo contentamento peculiar dos vitoriosos. E o sentimento de perda, experimentado por ocasião das despedidas, provara-se equivocado: às nossas caras famílias de origem agregava-se uma nova, a Família Naval, composta pelos recém-chegados companheiros; e às respectivas cidades de nascimento, como a minha bucólica Bom Jardim, juntava-se, naquele instante, a bela e graciosa enseada Batista das Neves em Angra dos Reis, como mais tarde se agregaria à histórica Villegagnon em meio à sublime baía de Guanabara.

Ao todo foram seis anos de companheirismo e feliz convivência, tanto no Colégio como na Escola Naval. Seis anos de aprendizagem científica, humanística e, sobretudo, militar-naval. Seis anos entremeados de aulas, festivais de provas, práticas esportivas, remo, vela, cabo de guerra, navegação, marinharia, ordem-unida, atividades extraclasse, recreativas, culturais e sociais, que deixaram marcas indeléveis.

Estes e tantos outros símbolos, objetos e acontecimentos passados desfilam hoje, deliciosa e inexoravelmente distantes, em meio a saudosos devaneios.

Ainda como alunos do Colégio Naval, os contatos preliminares com a vida de bordo e as primeiras idas para o mar – a razão de ser da carreira naval.

Como Aspirantes, derrotas mais longas e as primeiras descobertas: Santos, Salvador, Recife e Fortaleza!

Fechando o ciclo das Viagens de Instrução, o tão sonhado embarque no Navio-Escola. Viagem maravilhosa! Nós, da Turma Míguens, Guardas-Marinha de 1967, tivemos a oportunidade ímpar e rara de participar de um cruzeiro ao redor do mundo em 1968: a Quinta Circum-navegação da Marinha Brasileira.

Após o regresso, as platinas de Segundo-Tenente, o primeiro embarque efetivo e o verdadeiro início da vida profissional – no meu caso, a bordo do cruzador Tamandaré, o inesquecível C-12. Era a inevitável separação da Turma do CN-62/63 e da EM-64/67. Novamente um misto de satisfação e ansiedade tomou conta do coração, agora do jovem Tenente, ao se apresentar para servir a bordo de um navio de nossa Esquadra. Após proveitosos, mas descontraídos estágios de instrução como Aspirante e Guarda-Marinha, quando as responsabilidades eram restritas a compromissos curriculares, as platinas de Oficial começariam, finalmente, a pesar forte em nossos ombros. Sobre essa transição do status de Guarda-Marinha para Tenente, o notável escritor-marinheiro Gastão Penalva escrevera com muita propriedade: “... é a fase inesquecível de nosso ofício. Coincide exatamente com a adolescência, primavera da vida. Tudo são flores e ilusões...”

Depois começam a despontar as responsabilidades, as agruras de novos cargos, o acúmulo de deveres novos”.

E esses novos cargos e deveres novos, que foram se multiplicando a bordo de velhos e saudosos navios, deixariam agradáveis e duradouras lembranças em nossa memória. Com o passar dos tempos, inúmeros Conveses e Praça d’ Armas, hoje saudosas, foram se incorporando ao acervo profissional-afetivo de cada um dos integrantes daquela Turma de Guardas-Marinha de 1967.

Ah! Como é gratificante, ainda que melancólico, repassar tantas lembranças, tantos termos expressivos, tanta gíria maruja, tantas tradições, fainas e eventos tão intensamente vividos a bordo de inesquecíveis e saudosos navios...

E as viagens foram se multiplicando ao longo de bem aproveitados anos de embarque, de centenas de dias de mar e de milhares de milhas navegadas em alto mar, singrando as extensas massas líquidas que formam os grandes oceanos, ou ao longo das águas costeiras que banham os recortados litorais, com passagens, visitas e arribadas em um sem-número de enseadas, baías, barras, angras, estreitos, furos e canais espalhados pelos quatro cantos do mundo, percorridos nem sempre com mares bonançosos e ventos tranquilos e favoráveis.

Inúmeros foram também os portos e cidades visitadas, não só no Brasil como no exterior, o que sempre nos proporciona inestimáveis e valiosos conhecimentos, principalmente graças ao contato com povos diferentes e até mesmo de culturas exóticas e hábitos às vezes totalmente diversos dos nossos, como os ribeirinhos amazonenses ou os criadores de serpentes da antiga Taprobana, ex-Ceilão e hoje Sri Lanka.

Como foi fascinante e delicioso navegar por todos esses cantos. Cada novo mar percorrido, cada nova enseada, estreito ou porto visitado tinha sempre um gosto especial de descoberta... Sim, pois, como dizia Câmara Cascudo, “o mar não guarda os vestígios das quilhas que o atravessam. Cada marinheiro tem a ilusão cordial do descobrimento”.

(CÉSAR, CMG (RM1) William Carmo. Laivos de memória. In: *Revista de Villegagnon*, Ano IV, nº 4, 2009. p. 42-50. Texto adaptado)

(Esc. Naval 2016) Assinale a opção em que o uso do acento grave, indicativo de crase, é facultativo.

- a) “[...] novos rumos à minha vida.” (2º parágrafo)
- b) “[...] resistir à sedução e ao fascínio [...].” (3º parágrafo)
- c) “[...] às nossas caras famílias de origem [...].” (6º parágrafo)
- d) “[...] às respectivas cidades de nascimento [...]” (6º parágrafo)
- e) “[...] às vezes totalmente diversos [...].” (17º parágrafo)

Exercício 88

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder a(s) questão(ões).

Esparadrapo

Aquele restaurante de bairro é do tipo simpatia/classe média.

¹Fica em rua sossegada, é pequeno, limpo, cores repousantes, comida razoável, preços idem, não tem música de triturar os ouvidos. ¹¹O dono senta-se à mesa da gente, para bater um papo leve, sem intimidades.

³Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são.

— Estou sem relógio.

— Então vou perguntar ao garçom.

Ele também está sem relógio.

— E o colega dele, que serve aquela mesa?

— Ninguém está com relógio nesta casa.

— Curioso. É moda nova?

²— Antes de responder, e se o senhor permite, vou lhe fazer, não propriamente um pedido, mas uma sugestão.

— Pois não.

— Não precisa trazer relógio, quando vier jantar.

— Não entendo.

— Estamos sugerindo aos nossos fregueses que façam este pequeno sacrifício.

— Mas o senhor podia explicar...

— Sem querer meter o nariz no que não é da minha conta, gostaria também que trouxesse pouco dinheiro, ou antes, nenhum.

— Agora é que não estou pegando mesmo nada.

— Coma o que quiser, depois mandamos receber em sua casa.

⁵— Bem, eu moro ali adiante, mas e outros, os que nem se sabe onde moram, ou estão de passagem na cidade?

— Dá-se um jeito.

— Quer dizer que nem relógio nem dinheiro?

— Nem joias. ¹²Estamos pedindo às senhoras que não venham de joia. É o mais difícil, mas algumas estão atendendo.

— Hum, agora já sei.

— Pois é. Isso mesmo. O amigo compreende...

— Compreendo perfeitamente.

Desculpa ter custado um pouco a entrar na jogada. Sou meio

⁶obtusos quando estou com fome.

— Absolutamente. Até que o amigo compreendeu sem que eu precisasse dizer ⁷tudo. Muito bem.

— Mas me diga uma coisa. Quando foi ⁸isso?

— Quarta-feira passada.

— E como ⁹foi, pode-se saber?

— Como ¹⁰podia ser? Como nos outros lugares, no mesmo figurino. Só que em ponto menor.

— Lógico, sua casa é pequena. Mas levaram o quê?

— O que havia na caixa, pouquinha coisa. Eram 9 da noite, dia meio parado.

— Que mais?

— Umas coisinhas, liquidificador, relógio de pulso, meu, dos empregados e dos fregueses.

— An. (Passei a mão no pulso, instintivamente.)

— O pior foi o cofre.

— Abriam o cofre?

¹³— Reviraram tudo, à procura do cofre. Ameaçaram, pintaram e bordaram. Foi muito desagradável.

— E afinal?

— Cansei de explicar a eles que não havia cofre, nunca houve, como é que eu podia inventar cofre naquela hora?

— Ficaram decepcionados, imagino.
 — Não senhor. Disseram que tinha de haver cofre. Eram cinco, inclusive a moça de bota e revólver, querendo me convencer que tinha cofre escondido na parede, no teto, embaixo do piso, sei lá.
 — E o resultado?
 — Este — e baixou a cabeça, onde, no cocuruto, alvejava a estrela de esparadrapo.
 4— Oh! Sinto muito. Não tinha notado. Felizmente escapou, é o que vale. Dê graças a Deus por estar vivo.
 — Já sei. Sabe que mais? Na polícia me perguntaram se eu tinha seguro contra roubo. E eu pensando que meu seguro fosse a polícia. 14Agora estou me segurando à minha maneira, deixando as coisas lá em casa e convidando os fregueses a fazer o mesmo. E vou comprar um cofre. Cofre pequeno, mas cofre.
 — Para que, se não vai guardar dinheiro nele?
 — Para mostrar minha boa-fé, se eles voltarem. Abro imediatamente o cofre, e verão que não estou escondendo nada. Que lhe parece?
 — Que talvez o senhor precise manter um estoque de esparadrapo em seu restaurante.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Esparadrapo. In *Para gostar de ler*. v. 3. Crônicas. São Paulo: Ática, 1978.

(G1 - ifsc 2015) Observe o uso do acento grave para indicar crase nas seguintes frases do texto:

- I. *O dono senta-se à mesa da gente* (ref. 11).
- II. *Estamos pedindo às senhoras que não venham de joia* (ref. 12).
- III. *Reviraram tudo, à procura do cofre* (ref. 13).
- IV. *Agora estou me segurando à minha maneira* (ref. 14).

Assinale a alternativa CORRETA:

- a) Em todas as frases, a ocorrência da crase explica-se pela regência dos verbos, porque temos sempre verbos intransitivos.
- b) Na frase III, ainda haveria crase caso o substantivo *procura* fosse substituído pelo verbo *procurar*. *Reviraram tudo, à procurar pelo cofre*.
- c) Na frase II, ainda haveria crase caso se incluísse o pronome indefinido *todas*. *Estamos pedindo à todas as senhoras que não venham de joia*.
- d) Na frase I, a presença da crase revela uma linguagem popular, coloquial. Em linguagem formal, teríamos: *O dono senta-se na mesa com a gente*.
- e) Na frase IV, o uso do acento grave é opcional, porque o artigo definido é opcional antes de pronome possessivo – pode-se dizer – “a minha casa” ou – “minha casa”, por exemplo.

Exercício 89

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O menino sentado à minha frente é meu irmão, assim me disseram; e bem pode ser verdade, ele regula pelos dezessete

anos, justamente o tempo em que estive solto no mundo, sem contato ⁵nem notícia.

A princípio quero tratá-lo como intruso, mostrar-lhe ¹_____ minha hostilidade, não abertamente para não chocá-lo, ¹¹mas de maneira a não lhe deixar dúvida, como se lhe ⁶perguntasse com todas as letras ¹⁸: que direito tem você de estar aqui na intimidade de minha família, entrando nos nossos segredos mais íntimos, dormindo na cama onde eu dormi, lendo meus velhos livros, talvez sorrindo das minhas anotações à margem, tratando meu pai com intimidade, talvez discutindo a minha conduta, talvez até criticando-a? ¹²Mas depois vou notando que ele não é totalmente estranho. De repente fere-me ²_____ ideia de que o intruso talvez ⁷seja eu, que ele ⁸tenha mais direito de hostilizar-me do que eu a ele ¹⁹, que vive nesta casa há dezessete anos. O intruso sou eu, não ele. Ao pensar nisso vem-me o desejo urgente de entendê-lo e de ficar amigo. Faço-lhe ²¹perguntas e noto a sua avidez em respondê-las, ¹³mas logo vejo a inutilidade de prosseguir nesse caminho, ²²as perguntas parecem-me formais e ²³as respostas forçadas e complacentes. Tenho tanta coisa a dizer, mas não sei como começar, até a minha voz parece ter perdido a naturalidade. Ele me olha ²⁰, e vejo que está me examinando, procurando decidir se devo ser tratado como irmão ou como estranho, e imagino que as suas dificuldades não devem ser menores do que as minhas. ²⁴Ele me pergunta se eu moro em uma casa grande, com muitos quartos, e antes de responder procuro descobrir o motivo da pergunta. ²⁵Por que falar em casa? ¹⁴E qual a importância de ⁹muitos quartos? Causarei inveja nele se responder que sim? ²⁶Não, não tenho casa, há ¹⁰muitos anos que tenho morado em hotel. Ele me olha, parece que fascinado, diz que deve ser bom viver em hotel, ¹⁵e conta que, toda vez que faz reparos ³_____ comida, mamãe diz que ele deve ir para um hotel, onde pode reclamar e exigir. De repente o fascínio se transforma em alarme, ¹⁶e ele observa que se eu vivo em hotel não posso ter um cão em minha companhia, o jornal disse uma vez que um homem foi processado por ter um cão em um quarto de hotel. Confirmo ⁴_____ proibição. Ele suspira ¹⁷e diz que então não viveria em um hotel nem de graça.

Adaptado de: VEIGA, José J. Entre irmãos. In: MORICONI, Ítalo M. *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 186-189.

(Ufrgs 2014) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das referências 1, 2, 3 e 4, nesta ordem.

- a) a – à – à – a
- b) à – à – a – a
- c) à – a – à – a
- d) a – a – à – a

e) à – a – a – à

Exercício 90

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

INSTRUÇÃO: A(s) questão(ões) refere(m)-se ao texto abaixo.

Mulheres...

²_____ ⁵alguns dias, percorrendo ³_____ salas ⁶dum ministério para tratar de ⁷certo negócio terrivelmente embrulhado, desses que dão aneurismas e cabelos brancos, eu e ⁸um amigo encontramos numerosas funcionárias bonitas. Uma delas forneceu-nos informações bastante vagas: deu-nos dois ou três números e, com os olhos redondos e úmidos, que um ligeiro estrabismo entortava, pareceu indicar a direção do lugar ⁴_____ os nossos papéis deviam estar.

Corremos a outro ministério e vimos várias ⁹senhoras difíceis entregues a trabalhos incompreensíveis. Não achamos os nossos papéis, é claro. Andamos em departamentos diferentes, voltamos ao primeiro ministério, ao segundo, tornamos a voltar, percorremos infinitos ¹³canais competentes ¹²– e em toda a parte esbarramos com ¹⁴senhoras atarefadas, que executavam operações estranhas, usavam uma linguagem desesperadamente confusa e recebiam indiferentes as nossas queixas e os nossos ¹⁵rogos.

Com o ¹⁰coração grosso e indignado, resolvi abandonar esse negócio infeliz e fui ¹¹deitar uma carta ao correio. Tomei lugar na fila, mas antes que chegasse a minha vez a mulher que vendia selos deixou o guichê. Esperei uma ¹⁶eternidade a volta dela e fui-me aproximando devagar, na fila. A carta foi pesada, o selo comprado e uma moeda falsa recebida no troco.

²⁰Marchei para o guichê dos registrados, onde uma espécie de ²⁷mulher ¹⁷portadora de óculos e bastante idade se mexia como uma ²⁸figura de câmara lenta.

²¹Enquanto me arrastava seguindo os desgraçados que ali estavam sofrendo como eu, pensei nas deputadas, nas telefonistas, na professora primária que me atormentava e nos versos de ²⁹certa poetisa que em vão tento esquecer.

²³Evidentemente nenhuma dessas pessoas, deputadas, telefonistas, professora e poetisa, tinha culpa de haverem corrido mal meus negócios nos ministérios, nenhuma me dera moeda falsa, e era estupidez responsabilizá-las pela preguiça da ²⁶mulher do ¹⁸registrado. ²²Mas relacionei todas e julguei perceber os motivos de certos hábitos novos.

Antigamente, quando uma senhora entrava num ¹⁹carro cheio, havia sempre sujeitos que se levantavam. Hoje, nos trens da Central, elas viajam espremidas como numa lata de sardinhas.

Ninguém fumava nos primeiros bancos dos bondes. Ainda existe a proibição num aviso gasto e metrificado, que tem o mesmo valor dos alexandrin¹: ninguém o lê. A autoridade do condutor ficou muito reduzida, e o letreiro proibitivo tornou-se lei como as outras, artigo de regulamento.

Há pouco tempo ³⁰uma senhora declarou num romance que as mulheres são diferentes dos homens. É claro. Mas,

²⁴apesar da diferença, elas se tornaram nossas concorrentes, e concorrentes temíveis. Eu queria ver um examinador que tivesse a coragem de reprovar aquela moça de olhos redondos, úmidos e ligeiramente estrábicos, que encontrei um dia destes no corredor do ministério. Só se ele fosse cego.

O Sr. Plínio Salgado quer acabar com os banhos de mar, porque as pernas das mulheres se descobrem neles. Não vale a pena. São pernas de concorrentes, para bem dizer nem são pernas. Pensa que temos lá tempo de pensar nessas coisas? Tinha graça que, nos banhos de mar, fôssemos espiar as canelas da moça de olhos estrábicos ou as da mulher que nos impingiu uma moeda falsa. Não olhamos. Se elas chegarem perto do estribo do bonde cheio, ficaremos sentados porque pagamos passagem e temos o direito de ficar sentados. Isto. Somos pouco mais ou menos iguais, apesar da afirmação da ²⁵mulher do romance. Vão no estribo, se quiserem, de pingente. Ou fiquem junto ao poste. Vão para o diabo. É isto. Concorrentes, inimigas. Ou amigas. Dá tudo no mesmo.

RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 160-2. (Adaptado)

1. O termo **alexandrin^{os}** refere-se à poesia produzida em estrutura arcaica, com versos de 12 sílabas.

(Ucs 2014) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas (ref. 2, 3 e 4) no primeiro parágrafo do texto.

	2	3	4
a)	Há	as	onde
b)	A	há	aonde
c)	Há	as	donde
d)	Há	às	aonde
e)	À	as	onde

Exercício 91

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Minha amiga me pergunta: por que você fala sempre nas coisas que acontecem a primeira vez e, sobretudo, as comparar com a primeira vez que você viu o mar? Me lembro dessa cena: um adolescente chegando ao Rio e o irmão lhe prevenindo: “Amanhã vou te apresentar o mar.” Isto soava assim: amanhã vou te levar ao outro lado do mundo, amanhã te ofereço a Lua. Amanhã você já não será o mesmo homem.

E a cena continuou: resguardado pelo irmão mais velho, que se assentou no banco do calçadão, o adolescente, ousado e indefeso, caminha na areia para o primeiro encontro com o mar. Ele não pisava na areia. Era um oásis a caminhar. Ele não estava mais em Minas, mas andava num campo de tulipas na Holanda. O mar a primeira vez não é um rito que deixe um homem impune. Algo nele vai-se aprofundar.

E o irmão lá atrás, respeitoso, era a sentinela, o sacerdote que deixa o iniciante no limiar do sagrado, sabendo que dali para a frente o outro terá que, sozinho, enfrentar o dragão. E o dragão lá vinha soltando pelas narinas as ondas verdes de verão. E o pequeno cavaleiro, destemido e intimidado, tomou de uma espada ou pedaço de pau qualquer para enfrentar a hidra que

ondeava mil cabeças, e convertendo a arma em caneta ou lápis começou a escrever na areia um texto que não terminará jamais. Que é assim o ato de escrever: mais que um modo de se postar diante do mar, é uma forma de domar as vagas do presente convertendo-o num cristal passado.

Não, não enchi a garrafinha de água salgada para mostrar aos vizinhos tímidos retidos nas montanhas, e fiz mal, porque muitos morreram sem jamais terem visto o mar que eu lhes trazia. Mas levei as conchas, é verdade, que na mesa interior marulhavam lembranças de um luminoso encontro de amor com o mar. Certa vez, adolescente ainda nas montanhas, li urna crônica onde um leitor de Goiás pedia à cronista que lhe explicasse, enfim, o que era o mar. Fiquei perplexo. Não sabia que o mar fosse algo que se explicasse. Nem me lembro da descrição. Me lembro apenas da pergunta. Evidentemente eu não estava pronto para a resposta. A resposta era o mar. E o mar eu conheci, quando pela primeira vez aprendi que a vida não é a arte de responder, mas a possibilidade de perguntar.

Os cariocas vão achar estranho, mas eu devo lhes revelar: o carioca, com esse modo natural de ir à praia, desvaloriza o mar. Ele vai ao mar com a sem-cerimônia que o mineiro vai ao quintal. E o mar é mais que horta e quintal. É quando atrás do verde-azul do instante o desejo se alucina num cardume de flores no jardim. O mar é isso: é quando os vagalhões da noite se arrebetam na aurora do sim.

Ver o mar a primeira vez, lhes digo, é quando Guimarães Rosa pela vez primeira, por nós, viu o sertão. Ver o mar a primeira vez é quase abrir o primeiro consultório, fazer a primeira operação. Ver o mar a primeira vez é comprar pela primeira vez uma casa nas montanhas: que surpresas ondearão entre a lareira e a mesa de vinhos e queijos!

O mar é o mestre da primeira vez e não para de ondear suas lições. Nenhuma onda é a mesma onda. Nenhum peixe o mesmo peixe. Nenhuma tarde a mesma tarde. O mar é um morrer sucessivo e um viver permanente. Ele se desfolha em ondas e não para de brotar. A contemplá-lo ao mesmo tempo sou jovem e envelheço.

O mar é recomeço.

(SANT'ANNA, Affonso Romano de. O mar, a primeira vez.

In:_____. *Fizemos bem em resistir*: crônicas selecionadas. Rio de Janeiro: Rocco,1994, p.50-52. Texto adaptado.)

(Esc. Naval 2014) No trecho “[...] o carioca, com esse modo natural de ir à praia, desvaloriza o mar.” (6º parágrafo), há um exemplo do uso do acento grave, indicativo de crase. Em que opção o acento grave está corretamente empregado, de acordo com a norma padrão?

- a) Para conhecer o mar, foi à pé até Copacabana.
- b) É uma grande alegria comparecer à esta festa na praia.
- c) Sempre desejou mostrar o mar às suas queridas irmãs.
- d) Quando voltava da escola, viu às amigas na praia.

e) Tinha um importante trabalho à concluir antes de velejar.

Exercício 92

(G1 - ifsc 2012) Quanto ao emprego do acento indicativo de crase, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Não gostava de fazer os deveres de casa às pressas.
- b) Os bois eram mortos à marretadas.
- c) Trabalho de segunda à sexta-feira.
- d) Convenceu a amiga à comprar um vestido pavoroso.
- e) O remédio deveria ser ministrado gota à gota.

Exercício 93

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando a rede vira um vício

Com o título "Preciso de ajuda", fez-se um desabafo aos integrantes da comunidade Viciados em Internet Anônimos: "Estou muito dependente da web, Não consigo mais viver normalmente. Isso é muito sério". Logo obteve resposta de um colega de rede. "Estou na mesma situação. Hoje, praticamente vivo em frente ao computador. Preciso de ajuda." O diálogo dá a dimensão do tormento provocado pela dependência em Internet, um mal que começa a ganhar relevo estatístico, à medida que o uso da própria rede se dissemina. Segundo pesquisas recém-conduzidas pelo Centro de Recuperação para Dependência de Internet, nos Estados Unidos, a parcela de viciados representa, nos vários países estudados, de 5% (como no Brasil) a 10% dos que usam a web — com concentração na faixa dos 15 aos 29 anos. Os estragos são enormes. Como ocorre com um viciado em álcool ou em drogas, o doente desenvolve uma tolerância que, nesse caso, o faz ficar on-line por uma eternidade sem se dar conta do exagero. Ele também sofre de constantes crises de abstinência quando está desconectado, e seu desempenho nas tarefas de natureza intelectual despenca. Diante da tela do computador, vive, aí sim, momentos de rara euforia. Conclui uma psicóloga americana: "O viciado em internet vai, aos poucos, perdendo os elos com o mundo real até desembocar num universo paralelo — e completamente virtual".

Não é fácil detectar o momento em que alguém deixa de fazer uso saudável e produtivo da rede para estabelecer com ela uma relação doentia, como a que se revela nas histórias relatadas ao longo desta reportagem. Em todos os casos, a internet era apenas "útil" ou "divertida" e foi ganhando um espaço central, a ponto de a vida longe da rede ser descrita agora como sem sentido. Mudança tão drástica se deu sem que os pais atentassem para a gravidade do que ocorria. "Como a internet faz parte do dia a dia dos adolescentes e o isolamento é um comportamento típico dessa fase da vida, a família raramente detecta o problema antes de ele ter fugido ao controle", diz um psiquiatra. A ciência, por sua vez, já tem bem mapeados os primeiros sintomas da doença. De saída, o tempo na internet aumenta — até culminar, pasme-se, numa rotina de catorze horas diárias, de acordo com o estudo americano. As situações vividas na rede passam, então, a habitar mais e mais as conversas. É típico o aparecimento de olheiras profundas e ainda um ganho de peso relevante,

resultado da frequente troca de refeições por sanduíches — que prescindem de talheres e liberam uma das mãos para o teclado. Gradativamente, a vida social vai se extinguindo. Alerta outra psicóloga: "Se a pessoa começa a ter mais amigos na rede do que fora dela, é um sinal claro de que as coisas não vão bem".

Os jovens são, de longe, os mais propensos a extrapolar o uso da internet. Há uma razão estatística para isso — eles respondem por até 90% dos que navegam na rede, a maior fatia —, mas pesa também uma explicação de fundo mais psicológico, à qual uma recente pesquisa lança luz. Algo como 10% dos entrevistados (viciados ou não) chegam a atribuir à internet uma maneira de "aliviar os sentimentos negativos", tão típicos de uma etapa em que afloram tantas angústias e conflitos. Na rede, os adolescentes sentem-se ainda mais à vontade para expor suas ideias. Diz um outro psiquiatra: "Num momento em que a própria personalidade está por se definir, a internet proporciona um ambiente favorável para que eles se expressem livremente". No perfil daquela minoria que, mais tarde, resvala no vício se vê, em geral, uma combinação de baixa autoestima com intolerância à frustração. Cerca de 50% deles, inclusive, sofrem de depressão, fobia social ou algum transtorno de ansiedade. É nesse cenário que os múltiplos usos da rede ganham um valor distorcido. Entre os que já têm o vício, a maior adoração é pelas redes de relacionamento e pelos jogos on-line, sobretudo por aqueles em que não existe noção de começo, meio ou fim.

Desde 1996, quando se consolidou o primeiro estudo de relevo sobre o tema, nos Estados Unidos, a dependência em internet é reconhecida — e tratada — como uma doença. Surgiram grupos especializados por toda parte. "Muita gente que procura ajuda ainda resiste à ideia de que essa é uma doença", conta um psicólogo. O prognóstico é bom: em dezoito semanas de sessões individuais e em grupo, 80% voltam a níveis aceitáveis de uso da internet. Não seria factível, tampouco desejável, que se mantivessem totalmente distantes dela, como se espera, por exemplo, de um alcoólatra em relação à bebida. Com a rede, afinal, descortina-se uma nova dimensão de acesso às informações, à produção de conhecimento e ao próprio lazer, dos quais, em sociedades modernas, não faz sentido se privar. Toda a questão gira em torno da dose ideal, sobre a qual já existe um consenso acerca do razoável: até duas horas diárias, no caso de crianças e adolescentes. Quanto antes a ideia do limite for sedimentada, melhor. Na avaliação de uma das psicólogas, "Os pais não devem temer o computador, mas, sim, orientar os filhos sobre como usá-lo de forma útil e saudável". Desse modo, reduz-se drasticamente a possibilidade de que, no futuro, eles enfrentem o drama vivido hoje pelos jovens viciados.

Silvia Rogar e João Figueiredo, *Veja*, 24 de março de 2010.
Adaptado.

(G1 - col. naval 2011) Assinale a opção em que o uso do sinal indicador de crase se justifica pela mesma razão que ocorre em " [...] à medida que o uso da própria rede se dissemina." (1º parágrafo)

a) "[...] mas pesa também uma explicação de fundo mais psicológico, à qual uma recente pesquisa lança luz." (3º parágrafo)

b) "Na rede, os adolescentes sentem-se ainda mais à vontade para expor suas ideias." (3º parágrafo)

c) "No perfil daquela minoria [...] se vê, em geral, uma combinação de baixa autoestima com intolerância à frustração." (3º parágrafo)

d) " 'Muita gente que procura ajuda ainda resiste à ideia de que essa é uma doença', conta um psicólogo". (4º parágrafo)

e) "Com a rede, afinal, descortina-se uma nova dimensão de acesso às informações, à produção de conhecimento [...]" (4º parágrafo)

Exercício 94

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Tarde Cinzenta

A ¹³tarde de inverno é perfeita. O tempo nublado acinzentado tudo. Mesmo os mais ¹¹empedernidos cultores da agitação, do barulho, das cores, hoje se rendem a uma certa passividade e melancolia. Os espíritos ¹²ensimesmados reinam; os ativos pagam tributo à reflexão. Sem o sol, que provoca a ¹rudeza dos contrastes, ²tudo é sutil, tudo é suave.

Tardes assim nos reconciliam com o efêmero. ¹⁸Longe das ³certezas substanciais, ficamos flutuando entre as ⁴névoas da dúvida. A superficialidade, que aparentemente plenifica, dissolve-se; acabamos ancorados no porto das insatisfações. E, ao invés de nos perenizarmos como singularidade, desejamos subsumir na névoa...como a ¹⁴montanha e a tarde.

A vida sempre para numa tarde assim. É como se tudo congelasse. Moléculas, músculos, máquinas e espíritos interrompem seu ⁵furor produtivo ¹⁹e se rendem, estáticos, à ⁶magia da tarde cinzenta.

²⁰Numa tarde assim, não há senão uma coisa a fazer: contemplar. O espírito, carregando consigo um corpo por vezes contrariado, ⁷aquietar-se e divaga; ⁸torna-se receptivo a tudo: aos mínimos sons, ²⁴às réstias de luz que atravessam a névoa, ao lento e pesado progresso que tudo conduz para o fim do dia, para o mergulho nas brumas da noite. ²⁵As narinas absorvem com prazer um odor que parece carregado de umidade; a pele sente o toque enérgico do frio. O langor impõe-se e comanda esse estar-no-mundo como que suspenso por um tênue fio ²¹que nos liga, timidamente, à vida ativa.

Nas tardes cinzentas, o coração balança entre a paz e a inquietação, ²³porque a calma e o silêncio inquietam. ⁹O azáfama anestesia; ¹⁰o não fazer deixa o espírito alerta — como um nervo exposto a qualquer acontecer.

Não há jamais nada de espetacular nas ¹⁵tardes cinzentas, a não ser o espetáculo da própria tarde. E este é grandiosamente simples: ar friorento, claridade difusa que se perde no cinza, contemplação, inatividade e o contraditório do espírito aguçado e acuado por esse acontecer minimalista da vida.

Na tarde fria e cinzenta, corpos se rendem ao aconchego de ¹⁶roupas macias ou de braços macios em abraços suaves. Somente olhares e corações conservam o fogo das paixões. As vozes agudas e imperativas transformam-se em sons baixos, quase guturais, que muitas vezes convertem-se em sussurros, como temendo quebrar a magia da tarde.

Não nos iludamos com as aparências: não há necessariamente tristeza nas tardes cinzentas. Mas também não existe aquela alegria inconsequente dos dias cálidos e dourados pelo sol. ²²Existe, sim, um equilíbrio perfeito, numa equidistância entre o tédio e a euforia, fazendo-nos caminhar sobre um ¹⁷tênue fio distendido entre o amargor e a satisfação, entre o entusiasmo e o tédio. Tudo isso, porém, só se mostra aqui e ali, em meio à bruma difusa, ao cinza que permeia tudo.

Uma simples tarde cinzenta pode parar o mundo, pode deter a vida. Somente por um instante. Mas talvez apenas nos corações sensíveis.

CARINO, J.

Disponível em: <http://www.almacarioca.net/tarde-cinzenta-j-carino/>

Acesso em: 23 ago. 2010. (Adaptado)

(Cesgranrio 2011) Considere as afirmativas abaixo, segundo o registro culto e formal da língua.

I. O uso do acento grave indicativo da crase em “às réstias de luz que atravessam a névoa,” (ref. 24), constitui caso de regência nominal.

II. Em “As narinas **absorvem** com prazer um odor...” (ref. 25), substituindo-se o verbo destacado por aspirar, teríamos as narinas aspiram com prazer a um odor.

III. Acrescentando-se à expressão destacada em “...que nos liga, timidamente, **à vida ativa.**” (ref. 21) o pronome minha (à minha vida ativa), o uso do acento grave indicativo da crase passa a ser facultativo.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Exercício 95

(Ufpr 2016)

Vontade de punir

Deu no Datafolha que 87% dos brasileiros querem baixar a maioria penal. Maiorias assim robustas, que já são raras em questões sociais, ficam ainda mais intrigantes quando se

considera que, entre especialistas, o assunto é controverso. Como explicar o fenômeno?

Estamos aqui diante de um dos mais fascinantes aspectos da natureza. Se você pretende produzir seres sociais, precisa encontrar um modo de fazer com que eles colaborem uns com os outros e, ao mesmo tempo, se protejam dos indivíduos dispostos a explorá-los. A fórmula que a evolução encontrou para equacionar esse e outros dilemas foi embalar regras de conduta em instintos, emoções e sentimentos que provocam ações que funcionam em mais instâncias do que não funcionam.

Assim, para evitar a superexploração pelos semelhantes, desenvolvemos verdadeiro horror àquilo que percebemos como injustiças. Na prática, isso se traduz no impulso que temos de punir quem tenta levar vantagem indevida. Quando não podemos castigá-los diretamente, torcemos para que levem a pior, o que, além de garantir o sucesso de filmes de Hollywood, torna a justiça retributiva algo popular em nossa espécie.

Isso, porém, é só parte do problema. Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobraria. Se cada mínima ofensa exigisse imediata reparação e todos tivessem de ser tratados de forma rigorosamente idêntica, a vida comunitária seria impossível. A natureza resolve isso com sentimentos como amor e favoritismo, que permitem, entre outras coisas, que mães prefiram seus próprios filhos aos de desconhecidos.

Nas sociedades primitivas, bandos de 200 pessoas onde todos tinham algum grau de parentesco, o sistema funcionava razoavelmente bem. Os ímpetos da justiça retributiva eram modulados pela empatia familiar. Agora que vivemos em grupos de milhões sem vínculos pessoais, a vontade de punir impera incontestemente.

SCHWARTSMAN, Hélio. *Folhaonline*, em 24 jun. 2015.

Considere o verbo grifado na seguinte frase extraída do texto:

“Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobraria”.

Um dos objetivos de um dicionário é esclarecer o significado das palavras, apresentando as acepções de um vocábulo indo do literal para o metafórico. No caso dos verbos, há também informações sobre a regência.

Entre as acepções para o verbo grifado acima, adaptadas do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: ed. Objetiva, 2001), assinale a que corresponde ao uso no texto.

- a) t.d. revolver de cima para baixo e vice-versa; inverter, revirar <o ciclone soçobrou o que encontrou no caminho>.
- b) t.d/int. emborcar, virar (geralmente uma embarcação) e ir a pique, naufragar ou fazer naufragar; afundar(-se), submergir (-se) <temiam que a tempestade os soçobrasse> <a embarcação soçobrou>.
- c) t.d/int. por metáfora: reduzir(-se) a nada; acabar (com), aniquilar(-se) <com tanta dissipação, sua fortuna soçobrou>.
- d) t.d. e pron. por metáfora: tornar-se desvairado; agitar-se, perturbar-se <soçobrou-se ante a negativa dela>.
- e) pron. por metáfora: perder a coragem, o ânimo; desanimar, esmorecer, acovardar-se <soçobrar-se não é próprio dele>.

GABARITO

Exercício 1

d) A traição implica sérios prejuízos para a relação.

Exercício 2

c) Todos aspiramos a um mundo no qual a verdade, a transparência e o respeito estejam a serviço da humanidade.

Exercício 3

c) I, III e IV apenas.

Exercício 4

d) “também as ajudam a tomar posse de um espaço.”
(referência 9)

Exercício 5

d) O ambientalista não cedeu aos constrangimentos.

Exercício 6

c) As sentenças I e II estão corretas. Ambas as regências do verbo “aspirar” estão de acordo com a norma gramatical.

Exercício 7

c) “A música que você mais gosta tocando no rádio do carro”
(ref. 14), em que a regência do verbo “gostar” não é obedecida.

Exercício 8

b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.

Exercício 9

a) Aquela, sim, era a morte a que eu aspirava.

Exercício 10

e) Hoje professores pedem constantemente a seus alunos que deixem o celular e participem das aulas.

Exercício 11

c) Refiro-me ao livro que está sobre a mesa.

Exercício 12

d) Lucas deixou o cachorro atado por um poste.

Exercício 13

c) Encontrei a pessoa certa sobre cujos olhos falei.

Exercício 14

b) Apenas um sorvete não apetece o menino.

Exercício 15

a) Com aquele dinheiro visava a compra de um automóvel.

Exercício 16

c) Todos aspiramos a um mundo no qual a verdade, a transparência e o respeito estejam a serviço da humanidade.

Exercício 17

d) “também as ajudam a tomar posse de um espaço.”
(referência 9)

Exercício 18

d) com o qual – com o qual – sobre o que.

Exercício 19

d) 4 – 2 – 5 – 1 – 3

Exercício 20

e) V – F – V – F – V

Exercício 21

e) à – pelas quais – lhes – cujas

Exercício 22

c) O jornalista Ricardo Moraes tinha um sonho.

Exercício 23

b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.

Exercício 24

c) Refiro-me ao livro que está sobre a mesa.

Exercício 25

b) 1 e 2 apenas.

Exercício 26

b) Para o trecho: “A quem pertencera esse animal, nós não sabíamos” (4º parágrafo), a regência verbal também estaria

correta na seguinte construção: “De quem fora esse animal, nós não sabíamos”.

Exercício 27

c) “Quando falo em conversa, refiro-me àquelas que se esticam [...]” (4º parágrafo) – Quando falo em conversa, aludo àquelas que se esticam.

Exercício 28

e) “[...] na capa, como se isso sinalizasse o direito de posse.” (8º parágrafo) – (a)

Exercício 29

a) Em “Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador [...]” (9º parágrafo), o verbo sublinhado está corretamente flexionado em concordância ao sujeito posposto.

Exercício 30

e) buscá-la – contar-lhe – o – ajudá-la

Exercício 31

c) Paguei todos os trabalhadores.

Exercício 32

c) Apenas I e II.

Exercício 33

d) A torcida assistiu à partida com muita paixão.

Exercício 34

a) “Lhe castigo na esteira”

Exercício 35

a) que - que - de que - para cuja

Exercício 36

e) *Ânimo, Brás Cubas; não me sejas palerma.*

Exercício 37

a) “Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica.”

Exercício 38

a) As pesquisas médicas são essenciais devido a urgência de implantar medidas efetivas de combate às pandemias.

Exercício 39

e) Vou à Búzios das belas praias passar o feriado.

Exercício 40

d) Está apropriada a expressão, devendo-se manter a oração como está.

Exercício 41

c) à – a – a – as.

Exercício 42

c) por tratar-se de uma expressão adverbial feminina.

Exercício 43

e) Textos alarmistas e sensacionalistas ganham destaque à medida que vão sendo compartilhados.

Exercício 44

a) à – À – a – à – a

Exercício 45

c) Pode-se caminhar alguns passos no sentido de garantir que a essa tarefa alinhe-se a participação social.

Exercício 46

d) Somente as afirmativas I, II e III são verdadeiras.

Exercício 47

a) “O rap é hoje uma forma de expressão comunitária, por meio da qual se comunicam...” (ref. 1) O rap é hoje uma forma de expressão comunitária, com à qual se comunicam.

Exercício 48

c) II, III e IV.

Exercício 49

c) à – a – a – às.

Exercício 50

c) ... escrevi uma coluna como está sentado na primeira fila, ao lado de um bebê com dor de ouvido... / Escrevi uma coluna como está sentado na primeira fila, a esquerda de um bebê com dor de ouvido.

Exercício 51

e) à – A – as

Exercício 52

a) O pronome relativo *cuja* (ref. 2) refere-se à palavra *arqueologia*, denotando sentido de possessividade.

Exercício 53

b) Preciso estar pronta até às 13h, senão perderei o voo e todas as conexões.

Exercício 54

b) Atribuiu o insucesso à má sorte.

Exercício 55

a) F – V – V – V – V.

Exercício 56

c) reivindicar – broches – às.

Exercício 57

d) há, às, à, a

Exercício 58

a) por haver um verbo, embora posposto, que reclama a preposição “a”.

Exercício 59

a) *É claro* (ref. 7) é oração intercalada que tem como função reafirmar o que se diz no período anterior.

Exercício 60

b) O verbo *dizem* (referência 5) denota que se está diante de um sujeito da ação indeterminado, sem uma referência precisa e relativo a comentários que eram familiares aos interlocutores da carta.

Exercício 61

e) à – a – à – à

Exercício 62

e) I e V.

Exercício 63

d) há – a – à – a.

Exercício 64

b) Conheceram-se numa biblioteca: foi amor a primeira vista.

Exercício 65

d) Por quê – à – à – porque

Exercício 66

d) Nenhum atleta dessa delegação pode comer o que deseja o tempo todo, à vontade.

Exercício 67

a) O jantar desta noite será um delicioso filé à Chatô.

Exercício 68

d) Rosamaria recebeu do Juizado Militar a opção da liberdade vigiada e pôde sair da cadeia, embora a liberação tivesse fortes limitações como proibição de deixar a cidade, de chegar a casa após as 22h e de trabalhar.

Exercício 69

b) Às pessoas que leem cabe o papel de ver o mundo de modo claro, especial e lúcido, independentemente de classe social.

Exercício 70

b) É importante esclarecer que somente a efetivação de funcionários derivada da realização e admissão através de concurso público possibilita a criação dos denominados planos de cargos e salários e caracteriza uma carreira, subordinada ao Estatuto dos Funcionários Públicos.

Exercício 71

a) Sinceramente, temos a expectativa de que os nossos governantes passem a tratar com mais atenção as questões de segurança e, assim, a população possa circular com mais liberdade pelas ruas.

Exercício 72

c) ao contrário dos meninos ricos, que, na maioria das vezes, perdem-se dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas à míngua e são ignorados, muitas vezes, por aqueles que têm o dever de acolhê-los, com eles se envolver e cuidar deles.

Exercício 73

b) Em “À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos.”, a expressão “de cetim” e o pronome “lhe” possuem a mesma classificação sintática.

Exercício 74

a) *Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude.*

Exercício 75

c) Essa necessidade de aceitação é mais forte no adolescente, que quer se autoafirmar junto àqueles com os quais se identifica.

Exercício 76

a) Ela ficou parada à espera de uma oportunidade para dar sua opinião.

Exercício 77

e) incorreta, tal como em “Dirigiu-se ao local disposto à falar com o delegado”.

Exercício 78

a) Na última terça-feira, fui ao cinema para ver o último filme de Woody Allen. Embora a crítica não tenha se posicionado favoravelmente ao longa-metragem, a sessão à qual assisti estava praticamente lotada.

Exercício 79

a) O verbo poder está no plural porque concorda com “aqueles”.

Exercício 80

b) Ensinar à distância é uma tarefa árdua, mas bastante desafiadora para todos nós.

Exercício 81

c) “ao desejo humano” (ref. 3) por *à vontade das pessoas*

Exercício 82

a) O verbo “chegar” estabelece, no segundo quadrinho, regência com a preposição “a”, a qual se aglutina com o artigo que sucede o verbo.

Exercício 83

a) Em “Para chegar à estabilidade absoluta...” (ref. 10), se acrescentado o pronome possessivo sua antes da palavra estabilidade, a obrigatoriedade do acento indicativo de crase se desfaz.

Exercício 84

c) É esse o espaço reservado aos joelhos ralados, às descobertas, aos medos, à alegria e à força que nos impulsiona para a frente.

Exercício 85

b) antes de palavra feminina regida pela preposição “a”.

Exercício 86

d) *Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer.*

Exercício 87

a) “[...] novos rumos à minha vida.” (2º parágrafo)

Exercício 88

e) Na frase IV, o uso do acento grave é opcional, porque o artigo definido é opcional antes de pronome possessivo – pode-se dizer – “a minha casa” ou – “minha casa”, por exemplo.

Exercício 89

d) a – a – à – a

Exercício 90

	2	3	4
a)	Há	as	onde

Exercício 91

c) Sempre desejou mostrar o mar às suas queridas irmãs.

Exercício 92

a) Não gostava de fazer os deveres de casa às pressas.

Exercício 93

b) “Na rede, os adolescentes sentem-se ainda mais à vontade para expor suas ideias.” (3º parágrafo)

Exercício 94

c) I e III, apenas.

Exercício 95

c) t.d/int. por metáfora: reduzir(-se) a nada; acabar (com), aniquilar(-se) <com tanta dissipação, sua fortuna soçobrava>.